



Universidade do Minho
Instituto de Educação e Psicologia

Catarina Pires da Rosa

**A Identidade Dialógica de um Prisma Empírico:
Um Estudo sobre a Conjugalidade**

Dezembro de 2009



Universidade do Minho
Instituto de Educação e Psicologia

Catarina Pires da Rosa

**A Identidade Dialógica de um Prisma Empírico:
Um Estudo sobre a Conjugalidade**

Tese de Doutoramento em Psicologia
Área de Conhecimento de Psicologia Clínica

Trabalho efectuado sob a orientação de
Professor Doutor Miguel M. Gonçalves

Dezembro de 2009

DECLARAÇÃO

Nome: CATARINA PIRES DA ROSA

Endereço Electrónico: catarina.rosa@gmail.com

Telefone: 962 859 857

N.º do Bilhete de Identidade: 11274566

Título da Tese de Doutoramento:

A Identidade Dialógica de um Prisma Empírico: Um Estudo sobre a Conjugalidade

Orientador:

Professor Doutor Miguel M. Gonçalves

Ano de conclusão: 2009

Designação do Doutoramento:

Psicologia, Área de Conhecimento de Psicologia Clínica

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO,
MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, / /

Assinatura: _____

*Aos meus Pais,
porto seguro inabalável,
que me permite a confiança
de arriscar explorar novas paisagens.*

*Ao Ricardo,
companheiro de todas as viagens,
especialmente nas mais arriscadas em que mergulho
nos territórios profundos da interioridade.*

*Ao Rodrigo,
por me fazer sentir que
a vida é demasiado preciosa para
não ser vivida num mundo encantado.*

Serão sempre parte de tudo o que eu for ou alcançar.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar aqui o meu Muito Obrigada...

Ao Professor Doutor Miguel Gonçalves, pela sapiência científica e sensibilidade humana, traduzidas na capacidade de introduzir desafios e exigir uma integração criativa.

Ao Professor Doutor Jaan Valsiner, por conseguir dar significado científico às divagações experimentais dos jovens investigadores.

À FCT pelo atribuição da Bolsa de Doutoramento com a referência SFRH/BD/13496/2003 que possibilitou a concretização deste projecto.

Aos casais que participaram neste estudo, por terem aberto as portas da sua casa e da sua vida, ensinando-me que o processo de investigação é, acima de tudo, uma oportunidade de crescimento pessoal.

À equipa de investigação coordenada pelo Prof. Doutor Miguel Gonçalves, por se constituir como uma sociedade multivocal que pulsa a diferentes ritmos para um mesmo fim.

À Filipa Duarte, a minha “siamesa investigacional”, porque apesar do risco da excessiva proximidade conseguimos complementar-nos e abrir espaço para o nosso próprio caminho.

À Sofia Tavares, pela partilha profunda de conhecimentos, de emoções, de vivências, que nos levou a ultrapassar as barreiras da diferença e da distância.

À Ana, à Clara, à Góis, à Lara, à Marce, à Nita e à Sobras pela sua colaboração e pela amizade genuína, fundamental para superar os momentos de maior descrença.

Aos meus familiares e amigos, por povoarem a minha identidade de perspectivas tão diversificadas e interessantes. Em especial às minhas primas Ana Marta, Laura e Sara pela sua colaboração.

Ao meu Pai, por acreditar verdadeiramente que os seus filhos são capazes de tudo.

À minha Mãe, porque me ensinou a lutar para concretizar os meus objectivos e os meus sonhos.

Ao meu Mano, por me mostrar constantemente que há formas diferentes de fazer o mesmo caminho.

Ao meu Ricardo...por tudo! Pela dedicação, pela partilha, pela paciência, por ser simultaneamente o meu mais severo crítico e o meu mais sólido apoiante!

A IDENTIDADE DIALÓGICA DE UM PRISMA EMPÍRICO: UM ESTUDO SOBRE A CONJUGALIDADE

RESUMO

Segundo a perspectiva dialógica, a identidade não pode ser resumida a um agente único, central e imutável. Pelo contrário, é uma organização em constante mudança, composta por um conjunto complexo e dinâmico de posições do eu, que se encontram em permanente relação. O sentido de autoria vai sendo construído no tempo, a partir do encontro entre as diferentes vozes da identidade. Apesar desta fluidez, o sistema identitário necessita de manter um certo grau de integração e coerência, o qual é conseguido através de estratégias de auto-organização. Partindo deste enquadramento teórico, o presente projecto de investigação pretendeu explorar, de uma perspectiva empírica, a visão dialógica da identidade.

O estudo inicial é dedicado à dimensão metodológica e é apresentado através da análise detalhada de um estudo de caso. Em primeiro lugar, desenvolveu-se um procedimento de investigação que pretende aceder, estudar e compreender a comunidade de posições que habita o sistema identitário - a Tarefa de Articulação Dialógica (TAD). Nesta entrevista semi-estruturada, os participantes são estimulados a pensar na forma como se vêem e descrevem a si próprios. É-lhes pedido que identifiquem as dimensões que consideram mais descritivas de si, tendo em conta que, no decorrer do nosso quotidiano, assumimos facetas diversas, e até mesmo contraditórias, dependendo de um complexo conjunto de contingências (contextuais, históricas, relacionais, entre outras). São ainda convidados a imaginar que estas posições têm uma voz independente e a descrever os diálogos que estabelecem entre si. Em segundo lugar, surgiu a necessidade de encontrar um tipo de análise do material narrativo que permitisse aprofundar a capacidade auto-regulatória do sistema identitário. Deste modo, a perspectiva teórica de que a identidade dialógica se organiza através de uma estruturação hierárquica de significados serviu de base à elaboração de uma metodologia de análise microgenética do processo de construção de significado.

Esta linha metodológica foi testada num estudo empírico sobre a conjugalidade. A relação conjugal é indubitavelmente uma dimensão central e dominante na vivência do ser humano e os dados recolhidos no estudo inicial permitiram salientar o papel relevante que a posição de identidade *Eu Conjugal* ocupa no sistema identitário. Neste sentido, procedeu-se ao estudo pormenorizado desta posição específica com o objectivo de acompanhar as transformações que podem ocorrer na identidade dialógica adulta. Para compreender o desenvolvimento desta posição no tempo, constituiu-se uma amostra com 9 casais em três momentos distintos do ciclo de vida conjugal: grupo 1 – 3 casais sem filhos; grupo 2 – 3 casais com filhos pequenos e/ou em idade escolar e grupo 3 – 3 casais com filhos adultos. Os dados resultantes deste estudo são apresentados de duas formas distintas, que representam diferentes graus de elaboração da análise: os resultados preliminares são fundamentados na comparação pormenorizada entre dois estudos de caso e os resultados finais englobam a contrastação dos três grupos da amostra nas dimensões estrutura e organização da identidade. Relativamente às conclusões mais relevantes podemos destacar a compreensão de que a organização das relações entre as posições de identidade poderá assentar na acção combinada de três estratégias de gestão (o Sistema Hierárquico, o Sistema de Prioridades e a Ambivalência) e a identificação de 6 padrões recorrentes nas dinâmicas intrapessoais (A – Padrão de Alienação Monológica, B – Padrão de Exclusividade Intencional, C – Padrão de Autoritarismo, D – Padrão de Liderança, E – Padrão de Multivocalidade Monocórdica e F – Padrão de Complementaridade Dialógica).

Para finalizar, foi desenvolvida uma reflexão teórica sobre a aplicabilidade deste procedimento de investigação no campo da psicoterapia. Neste sentido, perspectivou-se a relevância da TAD e dos resultados obtidos no estudo empírico para o contexto de uma intervenção terapêutica dialógica.

THE DIALOGICAL SELF FROM AN EMPIRICAL PRISM: A STUDY ABOUT CONJUGALITY

ABSTRACT

According to the dialogical perspective, the self cannot be reduced to a unique, unchangeable and central agent. On the contrary, it is a constantly moving organization, composed by a dynamic and complex multiplicity of I-positions. The sense of authorship is being constructed in time by the jointed action of these voices or self dimensions. Despite this dynamism, the self-system needs to preserve a sense of coherence and integration, which is achieved through the action of self-organization strategies. Departing from this theoretical background, this project represents an attempt to approach the dialogical self from an empirical point of view.

The initial study is devoted to the methodological dimension and it is presented through the detailed analysis of a single case. First, it was developed a procedure to access and study the community of I-positions inhabiting the self-system - Dialogical Articulation Task (DAT). In this semi-structured interview participants are invited to think about the way they see and describe themselves. They have to identify the most descriptive dimensions of their selves, considering that we assume different, and even contradictory, facets depending on complex life contingencies (contextual, historical, relational, among other). Furthermore, they are encouraged to imagine that these I-positions have an independent voice in order to narrate the possible dialogues existing between them. Secondly, we departed from the perspective that the dialogical self organizes itself through a hierarchical structure of meanings to analyze the ongoing process of intrapersonal dynamics management. In order to do this, it was developed a procedure of microgenetic analysis of the meaning-making process.

This methodological pattern was tested in an empirical study about conjugality. On one hand, the marital relationship is a central and dominant dimension of the human experience. On the other hand, the results from the initial study revealed the relevant role of the *I as a Marital* I-position in the self-system. In this way, we studied the changes

occurring in the dialogical self by focusing on this specific I-position. Our sample was composed by 9 couples from three different moments of the marital life cycle: group 1 – 3 couples without children; group 2 – 3 couples with babies or children at school age and group 3 – 3 couples with adult children. The data are presented in two ways, implying different levels of analysis: the preliminary results derive from the comparison of two single cases and the final results contrast the three groups of the sample. The most relevant results lay on the understanding that the intrapersonal dynamics could be managed by the jointed action of three strategies (Hierarchical System, Priorities System and Ambivalence); and on the identification of 6 recurrent patterns of relation between the I-positions (A – Monological Alienation Pattern; B – Intentional Exclusivity Pattern; C - Authoritarianism Pattern; D – Leadership Pattern; E – Monochord Multivocality Pattern and F – Dialogical Complementary Pattern).

To conclude, it was developed a theoretical reflection about the applicability of this empirical procedure in the psychotherapeutic field. In this way, the relevance of the DAT and of the results from the empirical study to the context of a dialogical therapeutic intervention was put in perspective.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CHAPTER I - SELF AND DIALOGICAL ARTICULATION OF MULTIVOCALITY: PROPOSAL OF AN ANALYSIS MODEL	11
1. ABSTRACT	13
2. INTRODUCTION	13
3. THEORETICAL ELABORATION OF THE EMPIRICAL RESEARCH QUESTION	15
3.1. The Dialogical Self and Identity Diversity	15
3.2. Meaning Construction as Human Main Activity	16
3.2.1. Semiotic Self - Regulation	16
3.2.2. Meanings as Bipolar Complexes	18
4. CONCISELY WORDED RESEARCH QUESTION	20
5. DESCRIPTION OF THE SELECTION OF THE CASE	20
6. METHODS / PROCEDURES OF INVESTIGATION	22
6.1. Adaptation of Self-Complexity Task	22
6.2. Dialogical Articulation Task	23
7. RESULTS	23
7.1. Self-Complexity Measure	23
7.2. Dialogical Articulation Measure	24
8. DISCUSSION. FOCUS IN THE GENERALIZED KNOWLEDGE EMERGING FROM RESULTS	43
9. REFERENCES	47
CHAPTER II – DIALOGICAL SELF AND CLOSE RELATIONSHIPS: LOOKING FOR AMBIVALENCES	51
1. ABSTRACT	53
2. DIALOGICAL SELF: A MULTIVOCAL ASSEMBLY	54

3. SEMIOTIC MEDIATION AND AMBIVALENCE: STABILITY AND CHANGE	55
3.1. A – Isolated Monologue	59
3.2. B – Intentional Monologue	59
3.3. C – Authoritarian Dialogue	60
3.4. D – Cooperative Dialogue	60
4. THE SAMPLE	62
5. THE PROCEDURE: DAT AS A SEMIOTIC ARENA FOR THE OBSERVATION OF DIALOGICAL EXCHANGES	62
6. THE ANALYSIS: THE PROCESS OF MEANING-MAKING SEEN THROUGH A MAGNIFYING GLASS	63
6.1. Participant 1: “Do I really have to stop being a daughter to be a woman?”	64
6.2. Participant 2: “Being a mother is so absorbing, have I forgotten to be a woman?”	69
7. CONJUGALITY AND MULTIVOCALITY: A CLOSE RELATIONSHIP?	76
8. REFERENCES	79
CAPÍTULO III - UM OLHAR EMPÍRICO SOBRE A IDENTIDADE DIALÓGICA: UM ESTUDO SOBRE A CONJUGALIDADE	83
1. RESUMO	85
2. INTRODUÇÃO	85
3. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	87
3.1. A Identidade Dialógica: Estrutura e Organização	87
3.2. A Mediação Semiótica: Estratégia de Gestão Identitária	89
4. MÉTODO	91
4.1. A Amostra	91
4.2. O Procedimento	91
4.2.1. Entrevista Inicial	92
4.2.2. Entrevistas Breves	92
4.2.3. Entrevista Final	93

4.3. A Análise	94
4.3.1. Monólogo e Diálogo	94
4.3.2. Assimetria e Simetria	95
4.3.3. Conflito e Ambivalência	95
4.3.4. Estabilidade e Mudança	95
5. RESULTADOS	98
5.1. O Repertório de Posições de Identidade	98
5.2. As Dinâmicas Intrapessoais	100
5.2.1. A – Padrão de Alienação Monológica	102
5.2.2. B – Padrão de Exclusividade Intencional	103
5.2.3. C – Padrão de Autoritarismo	104
5.2.4. D – Padrão de Liderança	105
5.2.5. E – Padrão de Multivocalidade Monocórdica	106
5.2.6. F – Padrão de Complementaridade Dialógica	107
6. DISCUSSÃO	108
6.1. O Repertório de Posições de Identidade	108
6.2. As Dinâmicas Intrapessoais	112
7. CONCLUSÃO	114
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115
CAPÍTULO IV – AS ESTRATÉGIAS DE AUTO-ORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE DIALÓGICA: A PSICOTERAPIA COMO OPORTUNIDADE DE REESTRUTURAÇÃO DA GESTÃO INTERNA	121
1. RESUMO	123
2. INTRODUÇÃO	123
3. A ORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE DIALÓGICA: ESTRATÉGIAS DE GESTÃO DA MULTIVOCALIDADE	126

3.1. Sistema Hierárquico	127
3.2. Sistema de Prioridades	128
3.3. Ambivalência	129
4. A REORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE DIALÓGICA: ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA	131
4.1. Conceptualização Dialógica da Psicopatologia	132
4.1.1. Narrativa Estéril	134
4.1.2. Narrativa Monológica	134
4.1.3. Narrativa Cacofônica	136
4.2. A Intervenção Terapêutica Dialógica	137
4.2.1. A Voz do Terapeuta	137
4.2.2. A Consciência da Multivocalidade e a Acessibilidade ao Sistema Identitário	138
4.2.3. A Reformulação da Gestão das Dinâmicas entre Posições de Identidade ..	139
4.2.4. Métodos de Estudo e Intervenção na Identidade Dialógica	141
4.2.4.1. O Modelo da Assimilação	141
4.2.4.2. O Repertório de Posições Pessoais	143
4.2.4.3. A Tarefa de Articulação Dialógica	144
5. CONCLUSÃO	146
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	147
CONCLUSÃO	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165
ANEXOS	181
ANEXO I – TAREFA DE ARTICULAÇÃO DIALÓGICA: VERSÃO PRELIMINAR	183
ANEXO II – TAREFA DE ARTICULAÇÃO DIALÓGICA: VERSÃO FINAL	189

ÍNDICE DE TABELAS

Table II - 1. Integrating synthesis with research and couple's life examples	61
Table II - 2. Summary of the interactions between the participants' I-positions	76
Tabela III - 1. Procedimento de análise microgenética do processo de construção de significado	96
Tabela III - 2. Distribuição das posições de identidade por categoria e por grupo	99
Tabela III - 3. Síntese das dinâmicas entre posições de identidade analisadas	101
Tabela III - 4. Síntese integradora das categorias de análise discursiva subjacentes à diferenciação dos 6 padrões de dinâmicas intrapessoais	108

ÍNDICE DE FIGURAS

Figure I - 1. Dynamics between the participant's I-positions	28
Figure I - 2. Dynamics between the I-position <i>Me at Work</i> and interlocutors	31
Figure I - 3. Dynamics between the I-position <i>Me in the Family</i> and interlocutors	34
Figure I - 4. Dynamics between the I-position <i>Me with Friends</i> and interlocutors	39
Figure I - 5. Dynamics between two “dogmatic” <i>promoter signs</i>	40
Figure II - 1. Articulation between the process and the output of the interaction between I-positions	60
Figura III - 1. A – Padrão de Alienação Monológica	102
Figura III - 2. B. – Padrão de Exclusividade Intencional	103
Figura III - 3. C – Padrão de Autoritarismo	104
Figura III - 4. D – Padrão de Liderança	105
Figura III - 5. E – Padrão de Multivocalidade Monocórdica	106
Figura III - 6. F – Padrão de Complementaridade Dialógica	107

INTRODUÇÃO

*“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas,
que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos,
que nos levam sempre aos mesmos lugares.
É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la,
teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”*

(Fernando Pessoa)

INTRODUÇÃO

Nos últimos 20 anos, o carácter múltiplo da identidade tem sido investigado por diversos autores e operacionalizado através de diferentes modelos cada vez mais inovadores. No entanto, o contributo de Hermans & Kempen (1993) afigura-se ainda mais ousado ao defender a multivocalidade do sistema identitário. Os autores afirmam que as diferentes posições do eu podem, cada uma, ter os seus pontos de vista, desejos, motivos, sentimentos e memórias e uma vez que são dotadas de voz trocam entre si as suas diferentes perspectivas (Hermans, 1996). Esta teoria sugere que a identidade é essencialmente dialógica, na medida em que a comunidade de vozes que a compõe se relaciona entre si através do diálogo. Nas palavras dos autores “as vozes funcionam conceptualmente como indivíduos que podem entrar numa conversa e ser interrogados, convencidos, criticados, ridicularizados e mesmo mudados” (Hermans & Kempen, 1993, p. 216).

Partindo deste *background* teórico, a motivação inicial do presente projecto de doutoramento assentou na curiosidade em explorar empiricamente esta perspectiva dialógica da identidade. Estabelecemos como objectivo investigar se as pessoas estão conscientes da multivocalidade da sua identidade, se são capazes de a narrar e de que forma compreendem e gerem as relações que se estabelecem entre as diferentes posições do eu. Propusemos teoricamente a existência de uma função da própria identidade como mediadora entre a multivocalidade e a funcionalidade psicológica, que corresponderia precisamente ao modo como os indivíduos conseguem articular e colocar em diálogo as suas várias “vozes” ou posições identitárias. Os diferentes capítulos da tese representam, no fundo, os marcadores do percurso desenvolvido para pôr em prática esta motivação inicial.

O primeiro capítulo, que funciona como base estruturante para os restantes, apresenta um estudo exploratório que permitiu definir a linha metodológica deste projecto. Perante a perspectiva multivocal da identidade, os conceitos estáticos e os modelos nomotéticos que têm sido utilizados no contexto de investigação tornaram-se obsoletos. Neste sentido, Hermans desenvolveu um procedimento que permite aos pacientes contar histórias sobre as suas vidas articulando-as num sistema de significado pessoal. As tentativas iniciais ocorreram no contexto terapêutico e deram origem ao *Self Confrontation*

Method (SCM), do qual derivou o *Personal Position Repertoire* (PPR), o primeiro instrumento de estudo do conteúdo e da organização da identidade dialógica. Apesar da sua relevância, nomeadamente, do ponto de vista clínico, sofreu algumas críticas relativas à excessiva directividade do procedimento (o conteúdo é sobre o diálogo, mas o processo parece seguir uma orientação monológica) e ao acesso limitado aos movimentos entre posições (os diálogos que acontecem durante a parte quantitativa do procedimento não são verbalizados) e a componentes importantes na organização das dinâmicas internas (como por exemplo, a gestão do poder) (Gonçalves & Salgado, 2001). Neste sentido, e perante a lacuna existente ao nível de metodologias inovadoras, procurámos desenvolver um procedimento igualmente estruturado, mas menos paradigmático e mais narrativo, que permitisse aceder/captar o carácter complexo e dinâmico da identidade. Neste capítulo é apresentada a primeira versão da Tarefa de Articulação Dialógica (TAD), uma entrevista semi-estruturada que pretende “dar voz” à comunidade multivocal da identidade. Os participantes identificam o conjunto de posições de identidade mais auto-descritivas de si e as pessoas mais significativas da sua vida e descrevem a interacção (diálogo) mais frequente entre todos os pares de posições e entre as posições e os interlocutores. Para explorar os dados das entrevistas, tendo como foco a compreensão das dinâmicas envolvidas na capacidade auto-organizativa da identidade, percebemos que seria necessário um procedimento de análise minucioso, que se centrasse fundamentalmente no processo e não tanto no conteúdo (Valsiner, 2006a). Partindo da perspectiva de Valsiner e colaboradores (Josephs & Valsiner, 1998; Josephs, Valsiner & Surgan, 1999; Valsiner, 2004b) sobre o processo de construção de significado, desenvolvemos um método de análise microgenética dos movimentos de produção de significados que os participantes promovem para descrever as interacções entre as posições de identidade. É apresentado um estudo de caso, para melhor exemplificar as versões preliminares do procedimento de acesso (TAD) e de análise (do processo de construção de significado) do sistema identitário.

No segundo capítulo é apresentada uma reformulação da TAD, que resultou da percepção de duas limitações na versão anterior. Por um lado, percebemos que o facto de os participantes definirem as suas posições de identidade com base em adjectivos pré-definidos poderia delimitar e direccionar à partida as suas opções. Entendemos que os

resultados seriam mais próximos da realidade se lhes fosse dada a oportunidade de construir o seu repertório identitário de forma livre e não condicionada por listas. Por outro lado, a percepção de que uma única entrevista seria insuficiente para ilustrar as dinâmicas do sistema identitário determinou a inclusão da dimensão temporal no procedimento. Assim, ficou definido que o processo de recolha de dados ocorreria semanalmente, durante um mês e meio, sendo dividido em três fases: a) entrevista inicial (primeira aplicação integral da TAD, que inclui a identificação do repertório de posições e a exploração dos diálogos que estabelecem entre si); b) 4 entrevistas breves (aplicação de versões mais reduzidas da TAD, que consistem na exploração das dinâmicas intrapessoais com base no acontecimento da semana mais significativo para a relação de casal) e c) entrevista final (segunda aplicação integral da TAD, que representa uma oportunidade de redefinição do repertório identitário e de nova exploração do diálogo mais frequente entre todas as posições). A percepção de que a conjugalidade é uma dimensão central na cultura, na sociedade, no mundo relacional e na identidade do ser humano despertou a curiosidade de olhar para esta vivência de um prisma dialógico. O casal funciona como uma micro-sociedade, enfrentando um conjunto diversificado de expectativas, constrangimentos e exigências. Portanto, perspectivámos que as competências de gestão e adaptação à mudança desenvolvidas neste domínio relacional poderiam ser evidenciadas no papel proactivo que a posição de identidade *Eu Conjugal* desempenha nas dinâmicas do sistema de identidade. Entendemos que os movimentos desenvolvidos por esta posição específica do eu, para se relacionar e estabelecer limites com as restantes posições do sistema identitário, seriam um bom mapa de referência para trilhar as transformações que ocorrem na identidade dialógica adulta. Neste capítulo são apresentados dois estudos de caso, cuja análise pormenorizada permitiu a identificação de quatro formas principais de interacção intrapessoal: A) Monólogo Isolado - o sistema parece ser constituído apenas por uma voz, ou posição, que nega a existência das restantes; B) Monólogo Intencional - nesta dinâmica, também assistimos à manifestação exclusiva de uma posição que, no entanto, não nega as restantes, mas opta intencionalmente por não entrar em comunicação com elas e não ouvir as suas perspectivas; C) Diálogo Autoritário - as diferentes posições do sistema entram em diálogo, mas estabelece-se uma interacção marcadamente assimétrica, em que a posição dominante assume o controlo e define o rumo a tomar por considerar que apenas a sua

perspectiva é a correcta e D) Diálogo Cooperativo – esta dinâmica é o protótipo do verdadeiro diálogo, as vozes ouvem-se e a resolução do encontro resulta de uma combinação da diversidade de perspectivas.

O terceiro capítulo reúne os resultados finais do estudo empírico realizado com o objectivo de explorar o impacto na identidade dialógica (as regularidades e especificidades da sua estrutura e organização) das mudanças que ocorrem ao longo do desenvolvimento de uma relação conjugal. A amostra ficou constituída por 9 casais que atravessam três momentos distintos do ciclo de vida conjugal: grupo 1 – fase inicial do ciclo conjugal, composto por 3 casais sem filhos; grupo 2 – fase intermédia do ciclo conjugal, 3 casais com filhos pequenos e/ou em idade escolar e grupo 3 – fase final do ciclo conjugal, 3 casais com filhos adultos (ver DeFrank-Linch, 1986, *in* Relvas, 1996; Nichols, 1984). Todos os participantes, independentemente do grupo a que pertencem, reconhecem o papel constante e gerador da posição *Eu Conjugal* no sistema identitário: é o foco das atenções no momento inicial, quando existe uma procura activa de estabelecimento de relações de intimidade; é o ponto de partida para as importantes posições de Pai/Mãe e Avó/Avô, quando se verifica um desenvolvimento da preocupação com o mundo e com as gerações futuras (produtividade) e funciona como uma base de segurança/estabilidade no momento mais tardio, quando ocorre a procura de significado para a vida (integridade) (Fung, Rice, e Carstensen, 2005). O acesso repetido ao sistema identitário dos participantes tornou evidente a complexidade, o dinamismo e a exigência dos movimentos envolvidos na manutenção de um sentido integrado de identidade. Deste modo, sentimos necessidade de reestruturar o nosso procedimento de análise semiótica microgenética centrando-nos em quatro binómios de significado que teoricamente representam a base das dinâmicas entre as posições de identidade: 1) Monólogo e Diálogo (no monólogo apenas uma voz se manifesta, dominando todo o sistema, enquanto as restantes posições ficam em silêncio; no diálogo são ouvidas diferentes vozes, embora possam apresentar diferenças de poder); 2) Assimetria e Simetria (a perspectiva dialógica não implica apenas a coabitação de diferentes perspectivas, mas igualmente a activação de hierarquias; podemos encontrar relações onde estão presentes hierarquias rígidas e relações onde prevalecem hierarquias não estáticas e funcionais); 3) Conflito e Ambivalência (o conflito é intrínseco a qualquer sistema dinâmico e múltiplo e a maior parte das tensões existentes na identidade dialógica

são adaptativas e garantem a sobrevivência do sistema nos contextos em que se move, no entanto, um conflito mal gerido pode originar graves efeitos destrutivos) e 4) Estabilidade e Mudança (os momentos de estabilidade do sistema resultam de um suporte mútuo e coexistência concordante entre as posições de identidade; a mudança, por outro lado, representa um conjunto de forças de diversidade que empurram a identidade em diferentes direcções e a preparam para o desenvolvimento). Um dos resultados mais relevantes deste estudo reside na identificação de 6 padrões diferenciados de organização das dinâmicas intrapessoais, que permitem ampliar a tipologia apresentada no capítulo anterior: A) Padrão de Alienação Monológica (uma única posição desenvolve um monólogo, porque nega a existência do restante sistema); B) Padrão de Exclusividade Intencional (uma única posição desenvolve um monólogo, porque opta conscientemente por negligenciar as restantes); C) Padrão de Autoritarismo (as posições entram em diálogo e uma posição domina e impõe a sua visão); D) Padrão de Liderança (as posições entram em diálogo e negociam a sobreposição daquela que tem mais competência naquele momento); E) Padrão de Multivocalidade Monocórdica (as posições entram em diálogo e estão em sintonia e concordância) e F) Padrão de Complementaridade Dialógica (as posições entram em diálogo e co-constroem novos significados e formas de se relacionar).

O quarto capítulo consiste numa revisão e reflexão teórica sobre as possíveis implicações dos resultados do estudo empírico para uma compreensão mais aprofundada da natureza dos processos relacionais que se estabelecem entre a comunidade de vozes identitárias e para o desenvolvimento de uma intervenção terapêutica dialógica. É proposto que a organização das dinâmicas intrapessoais assenta na acção combinada de três estratégias de gestão: a) o Sistema Hierárquico (gestão de poder através de relações de assimetria/simetria entre as posições) b) o Sistema de Prioridades (gestão de protagonismo pela diferenciação entre posições que ocupam o *palco* ou o *background* do sistema) e a Ambivalência (gestão do nível de tensão que funciona como motor da troca intersubjectiva entre posições). O funcionamento desadequado de uma, ou mais, destas estratégias resultará numa quebra da organização adaptativa das dinâmicas internas, que pode evoluir para o desenvolvimento de psicopatologia. No contexto dialógico, o processo terapêutico surge como um espaço de emergência de novas vozes, um processo contínuo de diálogo aberto, ou antes, um processo de facilitação do diálogo entre partes diferenciadas da identidade

(Honos-Webb & Stiles, 1998). Neste capítulo é detalhado um conjunto de componentes que entendemos estarem presentes na co-construção terapêutica de um sistema identitário mais funcional e adaptativo: a) a voz do terapeuta (a inclusão de uma posição *Eu segundo o meu Terapeuta* é vista como uma oportunidade de enriquecimento do sistema do paciente com um modelo privilegiado, que poderá facilitar a reconstrução das suas visões formatadas); b) a consciência da multivocalidade e a acessibilidade ao sistema identitário (o paciente deve ser incentivado a reflectir no seu comportamento a partir das múltiplas perspectivas do seu repertório, para permitir que as diferentes partes da identidade acedam à consciência e se expressem) e c) a reformulação da gestão das dinâmicas intrapessoais (através, por exemplo, da promoção de coligações entre posições ou da facilitação do desenvolvimento de uma meta-posição). Para finalizar, são descritos três métodos que permitem aplicar estas componentes: o Modelo da Assimilação; o Repertório de Posições Pessoais e a Tarefa de Articulação Dialógica (TAD).

CHAPTER I

**SELF AND DIALOGICAL ARTICULATION OF MULTIVOCALITY:
PROPOSAL OF AN ANALYSIS MODEL**

CHAPTER I
SELF AND DIALOGICAL ARTICULATION OF MULTIVOCALITY:
PROPOSAL OF AN ANALYSIS MODEL¹

1. ABSTRACT

People are inevitably involved in meaning construction, through an essentially relational and social process that allows, on one hand, to ascribe meaning to experience and on the other hand, to operate as the motor of the self-system self-regulation. Considering these assumptions, we propose a conciliation of Dialogical Self Theory foundations, developed by Hermans, with the analysis of the meaning-making process recovered by Valsiner, in order to explore how the synthesis and hierarchization of *promoter signs* (while meanings with high levels of abstraction) can be considered as a strategy for the management of self's multivocality. According to the idiographic approach, knowledge starts from the understanding of a single case (that is, a theory of the case), which has to be tested against new cases. This process allows the theory to be changed and leads also to the understanding of its domain of application. Congruent with this approach, we developed a methodology to have access to the dialogical processes of meaning-making. This methodology needs to be further tested to check if it has the potential for the understanding of these meaning-making processes in other cases and also to identify its limits of application.

2. INTRODUCTION

“The [dialogical] self functions as a dynamic multiplicity of relatively independent parts that, as actions and counter actions, are organized and reorganized in close interaction with the social environment.”

(Hermans, 2003a, p.414)

¹ This chapter was published in the *Yearbook of Idiographic Science 2008* with the following co-authorship Catarina Rosa, Filipa Duarte & Miguel M. Gonçalves.

One of the great challenges faced by human beings is their ability to deal with the real experiential chaos that rises from the sensorial, emotional and cognitive stimulation and which has to be given sense and coherence. In the opinion of several authors, the construction of meanings, narratively organized and structured, constitutes the sine qua non condition of psychological survival, exactly to the extent that it endows us with an essential understanding of ourselves and of the surrounding world (Gonçalves, 2000; Gonçalves, Korman & Angus, 2000; Hermans & Kempen, 1993).

From a developmental perspective, the construction and reconstruction of meanings, through symbolic tools like language, also constitutes a crucial element in the action of adaptation and it is viewed as an inseparable process from the flow of conscious experience (Valsiner, 1999). In this sense, considering the unpredictability of environmental conditions and the uncertainty of the future, meanings are created in order to control otherwise uncontrollable situations (Josephs & Valsiner, 1998).

According to the Dialogical Self Theory, this process is not only intrinsically plural, but also dialogical, in the sense that it occurs in the context of a multivocal self where the co-existence of various I-positions enables the elaboration of different personal meanings towards the very same experience (Hermans & Kempen, 1993). Those meanings arise, therefore, from the relational intra-personal and inter-personal space of the dialogical self, where dialogues between dynamic I-positions take place. These I-positions are continuously activated and brought to the foreground as relevant “voices” concerning the current experience.

The dialogical self operates both through the constant construction of relations among the various I-positions and through a permanent actualization and reconstruction of the very structure of those I-positions (Valsiner, 2002a; 2004). In order to regulate the fluidity of the structure of I-positions and to maintain their integrity, the dialogical self organizes itself through a hierarchical structure of meanings, regulated by signs and guiding meta-meanings – thus, the dialogical self is, simultaneously, a relational, self-organizing and semiotically self-regulated system (Hermans, 1996; Valsiner, 2004).

Assuming these assumptions, we intend to develop a methodology that allows, on one hand, deepening our understanding of the dialogical processes that underlie the management of identity diversity and on the other hand, to explore the construction process

of semiotic tools that enable the self self-regulation. In this paper we present the application of this methodology in a case, in order to illustrate its particular contribution to the clarification of the self's role as an active agent in dialogical management of its diversity.

3. THEORETICAL ELABORATION OF THE EMPIRICAL RESEARCH QUESTION

3.1. The Dialogical Self and Identity Diversity

Although the self has been an omnipresent concept in the history of Psychology, the way this concept has been looked at and analysed has undergone some deep changes throughout the decades.

In fact, there's a growing conviction concerning the need of overcoming the individualistic and rationalist character of the western tradition and of considering the embodied nature of the self and the role of history and culture in the definition of the content and the shape of basic psychological processes (Hermans, Kempen & van Loon, 1992).

The notion of the self as the center of experience or as an isolated entity has been broadly challenged and replaced by a more dynamic, diverse and relational conceptualization of the self (Gonçalves, 2003; Josephs & Valsiner, 1998).

In its essence, the great change in how the self is viewed and conceptualized has to do with the basic unit of analysis, which is no longer the entity, but has turned out to be a duality in process (Hermans, 1996; Josephs & Valsiner, 1998).

This innovation is clearly reflected in the concept of a dialogical self, proposed by Hermans (Hermans & Kempen, 1993) through an elaboration of the concept of polyphonic novel introduced by Bakhtin (1929). Hermans tried to understand the repercussions of Bakhtin's dialogical theory in the study of identity and, in cooperation with Kempen (Hermans & Kempen, 1993), rediscovered the grammatical analysis of the pronouns *I* and *Me*, developed by William James and George Mead. They have incorporated the re-elaboration of this analysis into Sarbin's narrative metaphor (1986), where the *I* was the narrative author and the *Me* was the actor or protagonist. Consequently, Hermans and

Kempen (1993) propose a conceptualization of the self as a “decentralized variety” of I-positions, each having a voice to tell its own stories about the respective *Me*’s and searching for a dominant position relatively to the alternative voices.

This theory suggests that the self is essentially dialogical, in so far as the community of voices that constitute it relate through dialogue, resulting in a complex and narratively structured self (Hermans, Kempen & van Loon, 1992).

In parallel, dialogical self is also a deeply social self, once all the signification derives from a relational process, in which the internalized voices of social others occupy positions in this polyphonic decentralized self (Hermans, Kempen & Van Loon, 1992), considerably broadening the possible “arena” for dialogue.

We have, then, a self that is understood as a “dynamic multiplicity of I-positions in the landscape of the mind, intertwined as this mind is with the minds of other people.” (Hermans, 2002, pp. 147).

Our model of analysis consists precisely in an effort of studying and comprehending both the way people manage this multivocality and the meanings that are ascribed to it. Deepening this issue implies the definition of a new dimension, corresponding to self’s active role in managing the diversity of voices. Following Hermans and Gonçalves (1999) we designated this process as *dialogical articulation*.

3.2. Meaning Construction as Human Main Activity

3.2.1. Semiotic Self-Regulation

In a remarkable effort for giving significance to the unceasing experiencing flow, people are constantly involved in a process of meaning construction, in order to regulate their relations with the environment (Valsiner, 1998). This need of regulation of the exchanges with the environment derives from the indeterminacy of the immediate future; therefore the construction of signs and semiotic hierarchies constitutes a first level of pre-adaptation (Josephs, Valsiner & Surgan, 1999). Indeed, the coherence and integration demands of the psychological human systems are reflected in these stabilization efforts of the experiencing information flow through the synthesis of semiotic tools with abstraction

power. These semiotic tools operate as self-regulation instruments that reduce the uncertainty of the immediate future (Valsiner, 2002b).

In Valsiner's (2002a) perspective, the dialogical self can be seen as self-regulating the ongoing action process while creating general personal sense of the kind "what is it that is going on?" (p. 262). Thus, the experiential information diversity gives rise to an increasing number of abstract meanings, organized into a hierarchical structure in that each higher level of signs regulates the functioning of the lower levels of signs. These self-regulatory processes both generate the richness of meaning of the experiential world and lead to the elaboration of meta-level meanings and to the rising of a hierarchical organization of the dialogical self (Valsiner, 2002a).

Through semiotic tools, highly elaborated and hierarchically structured, the self can endow each I-position with a "voice" that, in its turn, can interact with the "voices" of other I-positions, in a dynamic relation of dialogicality (Valsiner, 2004). In this sense, Valsiner (2002a) proposes that, according to a dialogical perspective of the meaning-making process, the creation of these hierarchical controlling structures through semiotic mediation emerges from dialogical relations within the self. The multivocal polyphonic nature of the dialogical self and the existing space for dialogue among the various discursive positions can be seen as powerful catalytic agents of the processes of meaning construction and structure. Thus, a narratively structured and semiotically mediated self emerges which, in parallel, is also involved in an ongoing flexible activity of actualization of the dynamic structure of I-positions (Valsiner, 2004).

Obviously, similarly to a society where a polyphony of voices co-exist, sometimes consonant, sometimes dissonant, the multivocal self faces the demand of managing incessant dialogical processes, full of tension, oppositions, agreements and disagreements, negotiations and integrations (Hermans, 2002). And that's exactly due to the richness and to the tension that characterize dialogical exchanges (in which new oppositions are always being made, developed and overcome by disappearance of one of the parts, or by new synthesis), that the multivocality of the dialogical self constitutes the basis for its own transformation (Valsiner, 2004). From this point of view, stability does not exist as a given, but it is, to a certain extent, an illusory process, that results from the relational dynamics between the organism and the world (Valsiner, 2002b). It seems evident that the actual self

is, not only constantly open to the future and to the past, but also located in a large society of real others with whom it entails dialogues and mutual interactions, in an ever ending changing of meanings (Barresi, 2002). If, on one hand, the search for stability in the production of knowledge about us and the world follows a monologization and integration tendency, on the other hand, it is inevitably challenged towards dialogicality.

This leads to an interesting paradox: the human being does not tolerate the uncertainty towards the future and searches for stability using semiotic mediation, yet, “the human meaning-making system does not tolerate monotony of being and tests out the boundaries of possible new becoming in the testing of the boundaries of the existing through novel inventions” (Valsiner, 2001, paragraph 16).

3.2.2. Meanings as Bipolar Complexes

In a dialectic perspective, easily reconcilable with the dialogical approach, Valsiner and collaborators (Josephs & Valsiner, 1998; Josephs, Valsiner & Surgan, 1999) conceptualize the meaning-making in terms of dualities, arguing that this process occurs through the elaboration of bipolar meaning complexes. In their own words, the meaning complexes consist “of signs (meanings per se) that present some aspects of the world, their implied opposites, and qualifiers that are linked with either signs or their opposites.” (Josephs, & Valsiner, 1998, p. 70).

The origin of this reasoning goes back to Alexius Meinong, who established the foundations of Gestalt thought in Austria in the 1880’s, claiming the basic asymmetry between the two components of representation: the non-A operates as *negativum* in relation to A (Josephs, Valsiner & Surgan, 1999). By the light of this perspective, it is assumed that, whenever human beings construct meanings, a field of opposites is immediately and automatically implicated. This field is fuzzy and little defined, but it is established as a counterpart to the initial meaning. That is, two mutually related fields (A and non-A) are constructed, that, in their turn, become a meaning complex that is differentiated and foregrounded against the remaining universe of possibilities (not-A) (see Josephs, Valsiner & Surgan, 1999, for a more detailed elaboration). This means that, as soon as a meaning A is constructed, another field of meanings, non-A, is also created in parallel, defined by

opposition to the first and equally implying a field of *meanings-to-be* or a *meaning potentiality* (Josephs, Valsiner & Surgan, 1999). In other words, each constructed sign, immediately co-constructs its opposite, this is, a countersign (Josephs & Valsiner, 1998).

Meanings arise, thus, as dual fields of unified opposites, which constitute, according to Josephs and Valsiner (1998), an essential condition for the existence of any transformation process or novelty emergence.

Oppositional relations between the two meaning fields can be tensional, but it is also perfectly possible that mutually contradictory meanings, from a logical perspective, could coexist harmoniously in a proximity space without challenging the integrity of the self. The critical issue to the understanding of these differences is to be found in the identification of the rules by which a given opposition is maintained or transformed into a new one. In other words, self's dialogicality might involve, for example, several transformation forms of oppositions into new meanings (Valsiner, 2002a). This happens either when an opposition is solved by the integration of the two opposites into a new synthesized meta-meaning, or when the presence of a meta-meaning allows the dominance of one of the opposites.

The management of all these processes is reached, thus, on account of the hierarchical structure that distinguishes all the construction and operation of signs and meanings. This hierarchy allows, on one hand, the emergence of change and transformation and on the other hand, the conservative maintenance of some meaning complexes that remain functional (Josephs, Valsiner & Surgan, 1999). It is due to this function that the role of semiotic regulators become manifest, while fundamental catalysts of the novelty rising and/or transformation blockaders. These regulators – or *promoter signs*, in Valsiner's terminology – are specific signs with the fair level of abstraction to operate as guides of the range of possible constructions in the future. The *promoter signs*, derived from the spatial structure of the dialogical self, offer it, in turn, a future-oriented temporal extension by circumscribing the possible variability of the meaning construction in future experiences with the internal and/or external environment (Valsiner, 2002b; 2004). In other words, these signs convey a fundamental requisite to human adaptation – its ontopotentiality – since “they have the potency to suggest states of being in the future” (Valsiner, 2002b, p. 56).

4. CONCISELY WORDED RESEARCH QUESTION

The possibility of the idiographic knowledge results from the fact that each human being is simultaneously unique and similar to others. Every person has a developmental trajectory that is impossible to replicate (with his or her idiosyncratic experiences, adaptations, memories and so on), but at same time universal human patterns are present in this trajectory. To use an idea borrowed from White (2004), we are bound to an indeterminism (the multiplicity of trajectories) in the determinism (the human possibilities from development).

We are interested in clarifying the general processes through which the self organizes itself in the context of its multivocality. We think that one way to accede to this voice's multiplicity is through the detailed analysis of the role of *promoter signs*. Therefore, our goals consist specifically in: a) analyzing the arising of multivocality and self's diversity within the self-referential speech; b) understanding how people organize the self through processes of self-reflexive meaning construction, when they try to understand themselves and describe themselves to others; c) exploring how the meaning-making arises from the dialogical space made possible by multivocality; d) considering how the meaning-making and its hierarchical structure - specifically the semiotic regulators - permit the management of multivocality and dialogical exchanges. In our opinion, the only way to study these complex phenomena is through the intensive study of single cases, since its study in groups (even small groups, through *grounded analysis* or other qualitative methods) would precisely make invisible the processes that we are trying to research.

5. DESCRIPTION OF THE SELECTION OF THE CASE

Kate is a 27-year old young woman. She is the youngest child (her brother is three years older) and she has always been the wonder girl of the family. In Kate's nuclear family people are very close to one another and only her brother has a more detached behaviour. Her father is extremely dedicated to his profession, which has a priority role in his life. By renouncing to work and dedicating herself exclusively to the family, her mother has

encouraged this professional investment of her husband. Kate's interaction with each parent assumes distinct forms. With her mother, she has an easy and very close affective relation, because she listens without judging, gives without expecting anything in return and avoids confrontation, choosing to solve her problems in other ways. Her relationship with her father is more difficult, but surely not less strong. Kate shares all doubts with her mother but she hardly makes a decision without her father's approval. An interesting metaphor to describe the way Kate thinks about her father is the comparison with a super-hero: "*he can do anything but we don't know how*"; "*he's in everything we do, although emotionally distant*"; "*life contingencies end up pointing out his faults and showing that super-heroes aren't but human beings like us.*"

According to Kate, her childhood has had no relevant events and the first disappointments were reserved to her adolescence. In this period of her life, Kate decided to actively disagree with the authority of her father. However, she gave up soon, because she felt she did not have enough strength to confront him and also because she understood that her brother was not the partner she expected him to be. Nevertheless, Kate still keeps some level of unconformity, which could become a catalyst for a restructuring of her relationship with her father.

When she was 18, she began her architecture graduation in the same city where she was living with her parents. This fact had contributed to her present difficulty in becoming autonomous from her origin family. She got married soon after she graduated (three years ago) and she lived some time away from her parents. However, now she is 8 months pregnant of her first child and she has returned to her parent's city from where she doesn't want to leave.

She agreed to participate in this research because, in her words, "*it's an opportunity to get to know myself better.*" The clearness, objectivity and dynamism of her narrative, as well as the interesting data that arise from the meaning-making analysis, lead us to consider this case as a good example of the kind of results that our approach might produce.

6. METHODS/PROCEDURES OF INVESTIGATION

It is irrefutable the enormous interest that the study of dialogical processes has given rise to during the last decade, which leads to another question – the need of new instruments and methods. The study of the dialogical processes that constitute the self is not an easy methodological task, once it inevitably raises the question of how to capture such dynamic complex processes. Many researchers have tried to explore the dialogical self from different perspectives (Hermans, 2001; Hermans & Kempen, 1993; Honos-Webb & Stiles, 1998; Leiman & Stiles, 2001; Raggatt, 2002; Wortham, 2001), but we are still in need of alternative and creative methodologies that may do justice to the innovative contributions of the dialogical approach (Gonçalves & Salgado, 2001; Salgado, 2004).

We have been developing a methodology that presents to the subjects a task that asks them to deal with the dualities of the dialogical self. This task allows us to study the way people think and construct meaning, both about the relations among their different discursive I-positions (Hermans & Kempen, 1993) and about the relations between those and the “voices” of significant interlocutors. This methodology involves the execution of a semi-structured interview, which includes the following steps.

6.1. Adaptation of Self-Complexity Task

It is intended to facilitate the identification and description of the most self-descriptive discursive positions (e.g., personal dimensions, social roles, interests, group membership).

The task used here is a variant of the original Linville’s (1987) trait-sorting task, in so far as we ask the participants to reflect, not only about the way they describe themselves, but also their personal worlds, in order to include significant others. The self-description process is accomplished by presenting a set of thirty-three numbered cards, having each card a trait adjective printed on it. The meaning of each adjective is previously clarified with the participants, so that they know the positive or negative valence of each of them. The adjectives have to be sorted into groups, in order to describe aspects of them or their lives, as well as significant others. When participants choose generalized groups, such as

Family or Work, we help them specify what exactly the group refers to, which may lead to group proliferation. For example, in the case of Family, we are interested in understanding whether the group refers to the voice of the father, mother, brothers, sisters or family legacy in terms of tradition and values.

6.2. Dialogical Articulation Task

It consists in exploring the dialogues between each discursive I-position and all the others, as well as between each discursive I-position and each of the previously referred significant others (interlocutors) (Appendix I). The participant is asked to explain how the most usual interaction between them happens, while imagining that each of these I-positions is a character in a story or in a movie, which suddenly gets a voice.

There is a set of questions that we try to clarify concerning each dialogue and that have to do with (1) the usual agreement or disagreement between the I-positions, (2) their ability to negotiate and synthesize shared meanings, (3) the eventual dominance and the kind of power exerted by some of the I-positions and (4) the affective impact of the interaction solution.

Our methodology invites participants to give an independent voice to different elements of their selves. These voices are conceptualized as discursive I-positions and the person is asked to perform the exercise of alternately moving between each of the positions and activate dialogues among them, as well as between them and the significant interlocutors.

7. RESULTS

7.1. Self-Complexity Measure

Kate has identified 3 discursive positions, namely, *Me in the Family*, *Me at Work* and *Me with Friends*. Relatively to the significant interlocutors, she referred the “voices” of the *Father*, the *Mother*, the *Brother* and the *Husband*.

We would like to make it clear that we don't consider significant others' "voices" as the external positions referred by Hermans (2001), once we have understood that when participants talk about the dynamics between these "others" and their internal positions, they are narrating their understanding of the actual relationship between them and they're not eliciting the "voice of the other in them."

We are also conscious that the identification of the internal discursive positions is a demanding process, always and inevitably placed in a spacious-temporal context. Positioning and repositioning between different discursive positions is a process, not a result, which means that it is a never ending exercise and that it is open to change in each moment of the immediate future. The repertoire of I-positions is constantly re-invented while occurring the continuous internal and external dialogues in which people, while relational beings, are immersed. In this sense, we consider that the positions identified by the participants are the ones that, in an exact moment in time and space, emerge as the more significant or momentarily more activated to the person. In Hermans (2003b) conceptualization, these positions would be closer to the nucleus of the dialogical self, perceived by the person as the center of its self-definition ("I am this") – this way of thinking converges to the main question of the presented task.

7.2. Dialogical Articulation Measure

The process of data analysis is based on the analysis of the narrated dialogues, where we have tried to microgenetically identify the processes of meaning-making that are happening at each moment. Once the entire presentation of this analysis would be too exhaustive and would exceed the scope of this article, we decided to expose only the more explanatory sequences.

We start by clarifying the existing relations between the three discursive positions of Kate's self-system, departing from the notion of *symmetry* developed by Linell (1990, cit. in Hermans, 2003b) and trying to distinguish the relations in which the power equilibrium emerges naturally from the continuous reciprocity of dialogue (there's an alternation in power) from those in which a voice predominantly assumes dominance over the other.

In our view attending on asymmetries and power relations between the diverse discursive positions is one of the main questions in the analysis of the dialogical self, once this is one of its intrinsic and unavoidable characteristics. According to Hermans (2001; Hermans & Kempen, 1998), the I-positions are constantly subject to power differences, once their hierarchical organization gives place to a relative dominance of some of them over the others. This hierarchy can naturally silence some of the “voices” and may represent a move toward a monological direction (Hermans, 2003b). As Hermans (1996) suggests, we need to maintain a dynamic vision of this dominance, as well as of any analysis relating to this kind of dynamics. This is a momentary construction of the participant relating to the most representative interactions, but does not exclude the possibility of other kinds of dialogue in different moments, even symmetric ones.

Thus, within the possible interactions between the three discursive positions, one interaction corresponds to a clear symmetric dialogue, while the other two reveal a dominance tendency, specifically of the position *Me at Work*.

At the present moment, Kate is a young architect that is beginning her career and she is willing to reveal competence and an exacerbated sense of responsibility, even under an excessive dedication. So, she clearly establishes a priority system between the three main dimensions where she moves herself: 1) *Me at Work*; 2) *Me in the Family* and 3) *Me with Friends*. This scale leads to an almost immediate understanding of interactions between the positions. The difficulty that the positions *Me at Work* and *Me with Friends* have in maintaining a symmetric dialogue results from the fact that they represent the opposite poles of this priority system. The devotion that both require from Kate, makes their harmonious co-existence impossible. This way, the priority position (*Me at Work*) ends up imposing herself and dominating the position *Me with Friends*. The last position takes this asymmetry peacefully because it links the other position with the *promoter sign* RESPONSIBILITY, as can be seen in this excerpt:

Kate: “*The Work, damn Work that always speaks louder! It is the sense of responsibility; I think that’s essentially that and not being able to fail. Therefore, when there was confrontation, maybe more on occasion, not as effective as with the Family because this one is much more present, work spoke louder.*”

Interviewer: “*And Me with Friends accepts?*”

Kate: “*Yes, even more easily than the Family.*”

NOTE: Reporting to specific situations there’s a re-emergence of the field CONFRONTATION, movement that is supported by the *promoter sign* RESPONSIBILITY.

The same dynamics is reproduced in the interaction between the positions *Me at Work* and *Me in the Family*. However, in this dyad, investment disparity between positions is not as easily accepted, as it is on the previous dialogue, due to the strong affective nature of the position *Me in the Family*. This discomfort makes Kate, in certain moments, to have the idea that she can harmoniously conciliate the two positions: “*(...) Me in the Family can well adjust and conciliate both situations*” (There’s a move to NON CONFRONTATION, because opposition CONFRONTATION <> NON CONFRONTATION can be resolved by *promoter signs* ADAPTATION and CONCILIATION).

However, this process of meaning-making is threatened by significant others’ voices – *Mother* and *Husband* interlocutors. As family members, they agree on the asymmetrical quality of this interaction in detriment of the position *Me in the Family*, which leads Kate to redefine the management capacity and to assume an asymmetry, once more advantageous to the position *Me at Work* and again explained by the *promoter sign* RESPONSIBILITY:

Interviewer: “*In short, when there is a discussion, the Me at Work ends up speaking louder. This situation causes distress? In other words, Me at Work is dominating, Me in the Family ends up accepting that the other is speaking louder, that has to speak louder and that’s it?*”

Kate: *“Maybe, I think that she ends up admitting because it is a responsibility, because Work implies a different responsibility, maybe, the Me in the Family probably ends up stepping back, she waits until the other position finishes her responsibilities and when the situation is over tries to compensate the time lost, but without great distress.”*

NOTE: There’s a move to a new suggested opposition DISTRESS <> NON DISTRESS, resulting in assessment of WITHOUT GREAT DISTRESS, after being subsumed under the promoter sign RESPONSIBILITY.

Finally, between positions *Me in the Family* and *Me with Friends* it is possible to identify a dialogue that has suffered a development, in parallel with Kate’s life course and that lays on solid bases. Boundaries between these two dimensions, are clearly defined, but are also permeable to circulation of relevant information allowing a process of co-construction, that Kate has well defined on the meaning COMPLEMENTARITY.

Kate: *“They don’t have too many conflicts because the space between them is well defined; I think there aren’t many confronting situations.”*

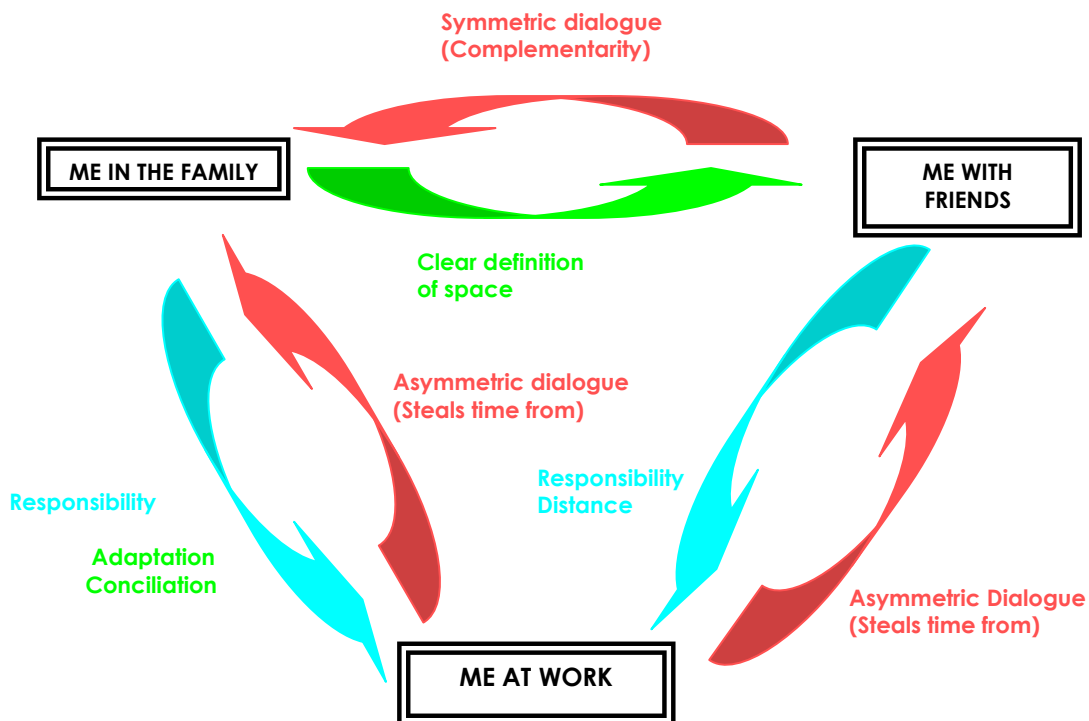
NOTE: Dialogical relation CONFLICTS/CONFRONTATIONS <> NON CONFLICTS / CONFRONTATIONS, resulting in assessment of WITHOUT GREAT CONFLICTS OR CONFRONTING SITUATIONS, subsumed under the promoter sign DEFINITION OF SPACE.

Interviewer: *“It would be a dialogue that would allow different ideas to arise?”*

Kate: “Yes, maybe, I think one would be the complement of the other, maybe because Kate in the Family is somewhat more mature than Kate with Friends. Therefore, they have a kind of older and younger sister relationship, being Kate in the Family the older one and Kate with Friends the younger, so they complete each other. It’s a friendship; they know how to be in their own world.”

NOTE: Constructive elaboration of COMPLEMENTARITY <> NON COMPLEMENTARITY, with growth of the field COMPLEMENTARITY (one is more mature than the other, it is a sisterhood relationship) and again the presence of the *promoter sign* DEFINITION OF SPACE.

Figure I – 1. Dynamics between the participant’s I-positions



Departing from this analysis that has allowed the visualization of the internal dynamics of Kate's self-system, we intend to carefully observe the interactions between each discursive position and all the interlocutors she has identified. One curious note lays on the fact that all the identified interlocutors belong to the family sphere. The professional dimension, which Kate considers to be in first place, is a very individualistic dimension, characterized by the absence of significant relationships between co-workers or bosses (Kate is a free-lance worker).

Our self-management ability of the processes implicated in the self-system is largely influenced by significant others that co-inhabit with our internal positions on the different areas of our lives. To understand their influence at the present, allow us to imagine how, in the future, they will challenge or support different *promoter signs* defined by Kate.

Considering the dynamics in which interaction dominance is obvious, this dominance is invariably translated on the excessive space hold by the position *Me at Work* – a characteristic that is clearly reflected in the dialogues with the *Mother* and *Husband's* voices. This power relation is supported, once more, by institutional RESPONSIBILITY associated with the position *Me at Work*. In the dialogue between the position *Me at Work* and the *Husband's* voice, for example, Kate says: “*If there is a conflict or something, he ends up understanding because the sense of responsibility speaks louder and ends up excusing Kate at Work.*” (Opposition CONFLICT <> NON CONFLICT, resulting in assessment of NOT A GREAT DEAL OF CONFLICT, is subsumed under the *promoter sign* RESPONSIBILITY).

This asymmetry is not activated when *Brother's* voice is considered, apparently because it is a voice that, toward the position *Me at Work*, has a protective and co-operative attitude that doesn't raise many divergences. It is a clearly symmetric interaction, where dialogicality is not limited by power relations:

Interviewer: “*When they exchange ideas, do they usually agree?*”

Kate: “Yes, when they exchange they agree or...If Brother has a different opinion, the *Me at Work* listens, but the Brother doesn't do it in the sense of pointing out or wanting her to accept, because he knows that's her world. It's more to advise her, not so much to impose himself or draw her attention. For that very reason, I don't think there are great conflicts; it is more the support when it's necessary.”

NOTE: Focus on the field NON CONFRONTATIONS is maintained, but with constructive elaboration of this field through a new opposition AGREEMENT \diamond NON AGREEMENT, in which a new constructive elaboration and synthesis of the *promoter sign* SUPPORT occurs.

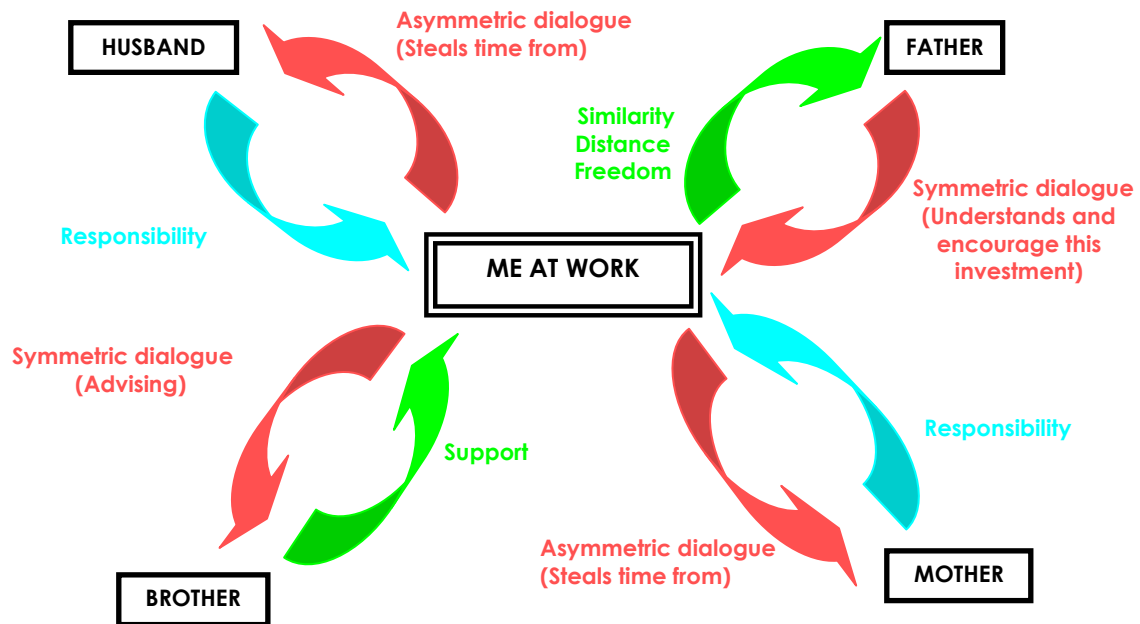
Finally, the dialogue between the position *Me at Work* and the *Father's* voice, two relevant voices in this self-system, assumes interesting and curious nuances. As Hermans (1996, p.45) states “When (...) [a] person, however, enters into contact with a different, evenly influential other, this may result in a repositioning (...).” In this dialogue, there is, from both sides, an interest in listening to the other and even both knowing that the *Me at Work* always has the last word, this interaction has a symmetrical pattern, that lays in an autonomous ability to make a decision. The symmetric dialogical exchange, in which the simultaneity of meaning dualities is clearly assumed (Josephs, Valsiner & Surgan, 1999), is well shown in the excerpt:

Kate: “There is a lot of dialogue, because the *Father* is interested in knowing how the *Me at Work* is. But, there aren't many confrontations, because *Father* is interested but there is also some distance, the *Father* gives freedom to *Me at Work*, in other words, doesn't invade her space.”

NOTE: Move from opposition DIALOGUE \diamond NON DIALOGUE, mediated by the *promoter sign* INTEREST, to opposition CONFRONTATIONS \diamond NON CONFRONTATIONS, resulting in assessment of THERE AREN'T GREAT CONFRONTATIONS, then subsumed under *promoter signs* DISTANCE and FREEDOM.

The position *Me at Work* holds a kind of knowledge that gives it an expert status allowing it to make informed decisions. In this sense, the *Father's* voice accepts and admires, in some way, this investment and autonomy, probably because it seems to see in it some kind of reflection of him. It is curious to note that RESPECT, usually used to give power to the *Father's* voice, emerges inversely in this specific relation, allowing a symmetric dialogue. This fact can be perceived throughout their dialogue: “*Because Me at Work ends up having more freedom, because Work is more related to her, whereas in the Family Father has more influence.*”

Figure I - 2. Dynamics between the I-position *Me at Work* and interlocutors



In the system composed by the interlocutors and the position *Me in the Family*, we can identify the repeated presence of the *promoter sign* RESPECT. Interactions characterized by the mediation of this *promoter sign* are asymmetrical – with *Father* and *Brother's* voices. The *Father's* voice is clearly dominant in relation to the position *Me in the Family*, a dominance sustained by the argument of hierarchical superiority and by the notion of RESPECT inherent to this argument. However, this dominance is not accepted without some unconformity, which can be seen as a pathway to change and to a possible redefinition of this monologization tendency toward a greater dialogicality.

Interviewer: “*How would the dialogue between Me in the Family and the Father be?*”

Kate: “*Also without great confrontations, but Me in the Family respects the Father.*”

NOTE: Dialogical relation CONFRONTATIONS \diamond NON-CONFRONTATIONS, resulting in assessment of WITHOUT GREAT CONFRONTATIONS, then subsumed under the *promoter sign* RESPECT.

Interviewer: “*Wouldn't this create some distress in the Me in the Family?*”

Kate: “*No, I don't think so, not distress, unconformity maybe, but not distress, because that's how the Me in the Family sees the Father, the figure, that's why it wouldn't raise distress.*”

NOTE: Move from (suggested) opposition DISTRESS \diamond NON-DISTRESS, to the acceptance of NON-DISTRESS, which is turned into opposition CONFORMITY \diamond NON-CONFORMITY, supported by the *promoter sign* RESPECT.

In the dyad *Me in the Family – Brother*, this asymmetrical interaction pattern is reproduced and is also justified by the *promoter sign* RESPECT. Yet, in this example the reported meaning “unconformity” is not activated, because there are already effective approaches toward a more symmetric interaction or at least a more alternating asymmetry. The difference in the asymmetry quality of these two dyads leads Kate to compare them:

Kate: “*It is more, maybe, like the Father’s role, in other words, the respect for being the eldest Brother, but that listens more, let intervene more, there’s a higher exchange of ideas. It is a protective relationship, from Brother to Me in the Family.*”

NOTE: Dialogical relation DIALOGUE <> NON-DIALOGUE, mediated by the *promoter sign* RESPECT, with growth of DIALOGUE. Move to another opposition PROTECTION <> NON-PROTECTION.

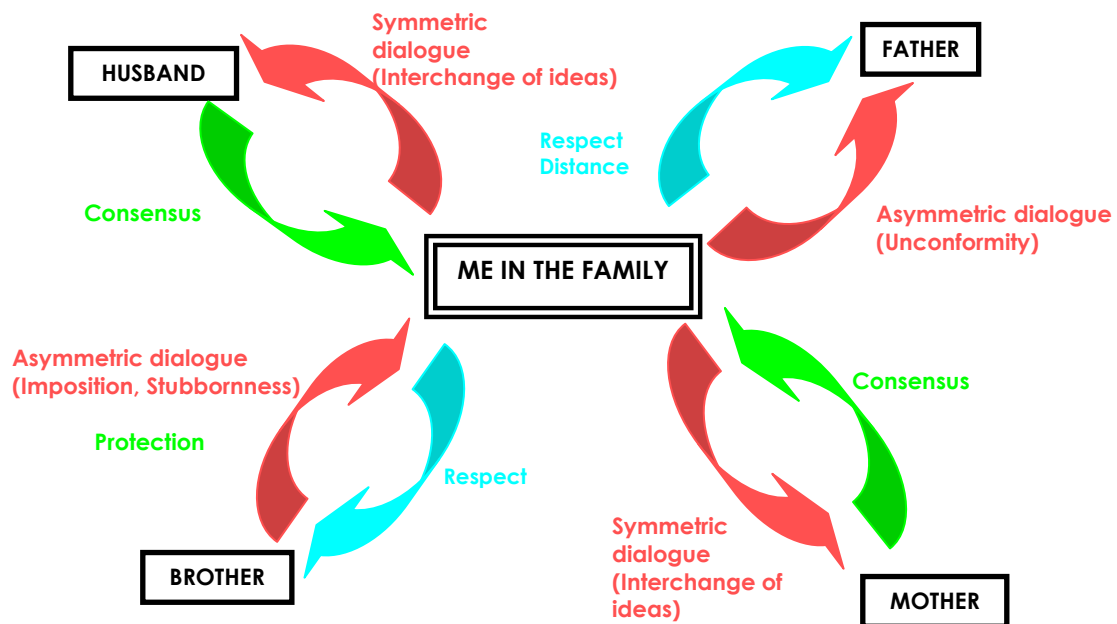
Kate: “*When there is an exchange of ideas, (...) maybe the Brother also always imposes his idea, what he defends, but he listens (...) it is not an obligation that the Brother is always right, but usually it is like that. Well, not always, but maybe it is more like that, because he is a little bit more stubborn, maybe. But he knows how to listen.*”

NOTE: Return to dialogical relation DIALOGUE <> NON-DIALOGUE, with growth of the field DIALOGUE (imposition / stubbornness).

Interestingly, the two symmetric dialogues of this system are also mediated by a common *promoter sign* – the ability to reach a CONSENSUS. Dialogues between the position *Me in the Family* and the interlocutors *Mother* and *Husband* are felt by Kate as characterized by the presence of different opinions and “*permeable to exchange of ideas*”. This allows a dynamic and open process of co-meaning-making which final result is not

defined at the beginning (unexpected) and is co-elaborated and negotiated in a compromise solution between the two elements. Kate’s words about the dialogues between the position *Me in the Family* and *Husband* “(...) when there is an exchange of ideas and dialogue, it is not necessarily one that is always right. I think the final result...it is more similar to the one with the *Mother*...on one hand, they end up reaching a result or idea that could be not the original one of any of them, it is the dialogue” and between this position and the *Mother* “They’re more like that, they exchange ideas and reach one that could be from any of them, they reach an agreement”, are good examples of the qualities of the activated *promoter sign*. Although these two dyads are equally characterized by symmetry of dialogue, Kate further elaborates its difference and states that the dialogical pattern can be a little different, once “basically it is with the *Husband* that *Me in the Family* establishes more dialogue and can further exchange ideas, in the sense of having a dialogue, of deeply exploring the conversation”. In this way, the ability of symmetry that characterizes this dyad can be used by Kate as a model to redefine other dyads in which these valued aspects are not present.

Figure I – 3. Dynamics between the I-position *Me in the Family* and interlocutors



Dialogues between the position *Me with Friends* and interlocutors bring novelty because of the inclusion of four different *promoter signs*. However, this system, as the previous ones, is characterized by the parallel presence of symmetric and asymmetric relations. Dialogue between the position *Me with Friends* and the *Father* has always been limited and filled with distance. At the present, the *Father's* voice is not relevant to the position *Me with Friends* and there's no elicitation of this position in the sense of establishing a dialogue. However, in the past, the *Father's* voice was challenging:

Kate: “*At that time yes, there was more of a confrontation. Today they probably don't even talk. Perhaps the Father talks with Me in the Family about my friends.*”

NOTE: Reporting to the past, specifically during adolescence, emerges the dialogical relation CONFRONTATION <> NON-CONFRONTATION and then moves in the present to the opposition DIALOGUE <> NON-DIALOGUE, with assessment of DON'T EVEN TALK.

Based on the dialogues previously analysed between the *Father's* interlocutor and the other discursive positions, we risk to propose that this dyad, not being able to maintain an asymmetrical relation without distress (which was tried during adolescence), elaborated the *promoter sign* DISTANCE to break a dialogue that would always be conflictual. Nevertheless, the mediation of this *promoter sign* prevents this dyad from developing an integrative *promoter sign* that could re-establish the dialogue.

From all of the interlocutors that Kate has defined, the *Husband's* voice was the most recently integrated in Kate's self-system. That's the reason why the process of definition of this position in this self-system, is probably still occurring. In this sense, in the dialogue with the position *Me with Friends*, the *Husband's* voice seems to feel threatened by the eventual interlocutors activated by this position. This apprehension is materialized in the meaning of time - the time that is invested in that position and is “stolen” from him. In Kate's words “*It is always the issue of the time spent with one position or the time that a position steals from another one*”. In a great number of confrontations, the *Husband's*

voice dominates the position *Me with Friends*, once “(...) many times *Kate with Friends* chooses staying with the *Husband*”. When Kate tries to “conciliate” these two elements of her personal world, the dominance of *Husband’s* voice is still present and confrontation can only be solved by the presence of the *promoter sign* COMPENSATION: “*If by chance, the Husband doesn’t agree, with her choosing her friends, there’s no big quarrel, Me with Friends tries to compensate him in other ways afterwards... through dialogue or some little gift.*”

The symmetric dialogues of the system focused on the position *Me with Friends* – with the voices of the *Mother* and the *Brother* - have different specificities, though sharing the parallelism between the notion of temporality and conflicts resolution.

The position *Me with Friends* has always been able to dialogue with the *Mother’s* voice, yet “exchange of ideas” between them hasn’t always been the same and not as peaceful:

Kate: “*This exchange of ideas was higher, a lot really, during adolescence, definitely. I think then there was when Me with Friends was more... was more noticeable compared with these, Father and Mother, because then there was a bigger confrontation. Me with Friends wanted to be with her friends, wanted more freedom.*”

NOTE: Dialogical relation DIALOGUE <> NON-DIALOGUE at present is compared with the same relation in the past, resulting in the qualifier HIGHER reporting to adolescence. Yet about the past, there’s a move to the opposition CONFRONTATION <> NON-CONFRONTATION, resulting in an assessment of THERE WAS A BIGGER CONFRONTATION, because the *promoter sign* FREEDOM didn’t solve the duality.

At present, the *promoter sign* FREEDOM has been redefined in order to be shared by both elements of this dyad. So, the activation of this *promoter sign* allows the maintaining of a symmetric dialogue, characterized by the absence of conflicts:

Kate: *“There’s dialogue, there’s conversation, there’s exchange of ideas, but no conflicts. (They generally agree?) Yes, I think so, because Me with Friends has her position already, has her freedom already, she has already conquered it, she has her own space now and therefore there are no conflicts anymore, because they were more related to those things.”*

NOTE: At present, there’s a move from the dialogical relation CONFLICT <> NON-CONFLICT to the DIALOGUE <> NON-DIALOGUE one, which is supported by the *promoter sign* FREEDOM.

Finally, in the dialogue between the position *Me with Friends* and the *Brother’s* voice, as well as in the previous dialogue, there is a move toward the past. These moments, in which Kate “goes back in time”, are important to clearly visualise the mediating role of the development of *promoter signs* in the management of conflicts and in the search for a great dialogical ability. Kate goes back, once more, to the adolescence period that was characterized by disagreement and confrontation:

Kate: *“Maybe during adolescence there was also more confrontation because Me with Friends wanted freedom, was more open-hearted, wanted to grow up faster, maybe, than she could. And, as her Brother was older, Me with Friends felt that he could use that fact, that he could stand up for her towards their parents. But the Brother was more discreet, he wouldn’t seek so much for that freedom and because of that she felt she was penalized.”*

NOTE: Reporting to the past, the presence of a dialogical relation CONFRONTATION <> NON-CONFRONTATION, results in an assessment of MORE CONFRONTATION than in the present, because of the presence of the meaning FREEDOM.

The activation of the meaning FREEDOM during adolescence seems to have clarified Kate's reasoning about the fact that the position *Me with Friends* and the *Brother's* voice had very different characteristics and priorities, inevitably resulting in conflict. Nevertheless, the development process of both elements has allowed the dissipation and nullification of discrepancies leading to the edification of the *promoter sign* that supports the actual symmetry of this dialogue – SIMILARITY.

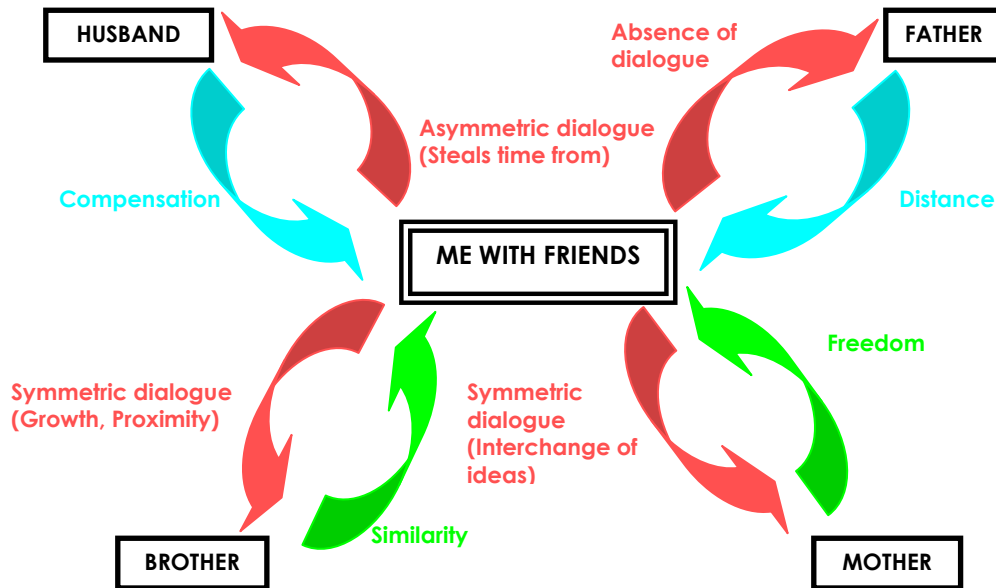
Kate: “*Now there is dialogue between them, but there isn't confrontation because there's no reason for that. Even because Me with Friends behaves very much like the Brother, they're quite alike.*”

Interviewer: “*And do they now have similar ideas?*”

Kate: “*Yes, I think so, they have both grown up. Furthermore, perhaps some positions ended up coming nearer, even my attitudes in the various contexts have been more differentiated than now.*”

NOTE: At present, there's a move from the dialogical relation CONFRONTATION <> NON-CONFRONTATION to the DIALOGUE <> NON-DIALOGUE one, because the *promoter sign* SIMILARITY was developed.

Figure I - 4. Dynamics between the I-position *Me with Friends* and interlocutors

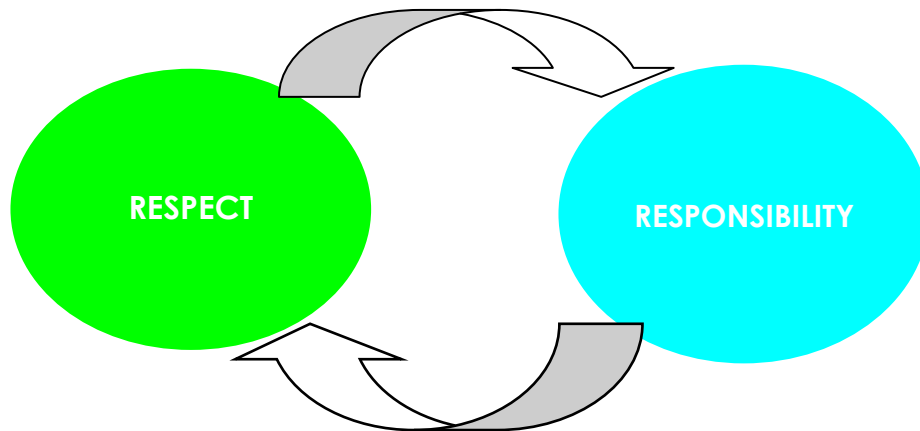


After a full analysis of participant’s discourse, it is noted that the management of dialogical relations between discursive positions and between these and the interlocutors is done through the development and subsequent activation of *promoter signs*. These macro-meanings can be divided in two types: *promoter signs* that support asymmetrical relations and *promoter signs* that support symmetric relations.

Due to their recurrent use and to their dogmatic strength, which results from their hierarchical position in the meaning system, we are able to highlight two main macro-meanings or *promoter signs* – RESPECT (in dynamics between some discursive positions and interlocutors) and RESPONSIBILITY (in dynamics between some discursive positions and interlocutors, as well as in the exclusive dynamics between discursive positions). The activation of these two *promoter signs* prevents the total expression of the dialogical ability of this self-system, once they support the establishment of an asymmetrical dominance relation whenever the emergence of discrepancies between I-positions and between them and the interlocutors cannot be solved by negotiation. In this sense, the immediate activation of one of these *promoter signs* prevents the emergence of a distress state, justifying the power maintenance of one voice – this activation is, for that reason, essential

for the survival of this self-system. However, the same activation prevents this self-system itself to find a more symmetrical resolution of disagreements, which could amplify the dialogical limits of the system. These processes seem to reflect what Hermans (2003b) referred to as conservative forces, which seem to prevent the dispersion of the system that could be caused by an excessive and probably disintegrative dialogicality. In other words, we are before a self-regulation process.

Figure I - 5. Dynamics between two “dogmatic” *promoter signs*



At present, this system has reached some level of balance between its two organizing meanings; however, we assume that one of the main characteristics of dialogical self is its openness to innovation. This ability is widely promoted in the sense that each internal position and significant other represented in the multivocal self has a remarkable constructive potential, due to the possibility of having disagreements, conflicts and confrontations (Hermans, 1996). Despite these forces being more inclined to conservatism (Hermans, 2003b), self has the inherent ability of self-actualization through many ways, which shows an innovation impulse that, in each moment, can confront and challenge this precarious equilibrium.

Within the range of possible changes in the structure of I-positions proposed by Hermans (2003b), the introduction of a new position in the system and the “rebellion” of relevant voices that aren’t heard (Hermans, 1996), are enhanced. In this sense, it is interesting to note that even being 8 months pregnant, the participant totally silenced the *Mother’s* and *Child’s* voices in the task. It seems that the absence of these positions may result from an excessive focus on the origin family. Regarding the forthcoming birth of Kate’s child, we can risk to hypothesize some different moves:

- Considering that the existing and established positions can, in low resistance conditions, learn from recently introduced positions in order to begin a repositioning process (Hermans, 2003b), how will the system manage the integration of the new *Child’s* voice once it is still absorbed with the unfinished integration process of the recent *Husband’s* one?
- Seeing that two or more positions can support each other or develop some kind of cooperation, in order to create a new sub-system in the self (Hermans, 2003b), would the emergence of the *Child’s* voice immediately induce the integration of the position *Me as a Mother*? And furthermore, will this new position be a powerful strength in the system?
- Considering that one position can move itself from the back to the foreground, becoming more available because of a structural reorganization (Hermans, 2003b), would it be possible that the *Mother’s* voice, may gain a prominent placement thanks to the expertise power (in relation to the child) that is inherent to her?
- Finally, assuming that positions should not be seen as stable centres of knowledge (Hermans, 1996), how would the *Father’s* voice react to the challenges that these changes placed on him?

This external interference and the formulated repercussions, due to the challenges they bring, might be able to lead to distinct processes concerning the system management of its own multiplicity. On one hand, the new position *Me as a Mother* will probably involve a great deal of responsibility, raising the question of how will this be articulated with the position *Me at Work* the current personification of responsibility within the system. The *promoter sign* RESPONSIBILITY currently manages all the inferior levels of meaning in the system and it is the main organizer of the priority system. Consequently, the emergence of a new discursive position that can personify a new kind of responsibility will challenge the whole structure of the I-positions.

On the other hand, power gaining from *Mother's* voice, might trigger a focus change in the meaning respect from the voice of the *Father* to that one. By the analysis carried out, we clearly understand that the *Mother's* voice has always tried to keep symmetric dialogues, characterized by exchange of ideas and co-construction. Consequently, this link of the RESPECT to this new voice can trigger the redefinition of this *promoter sign* to a less hierarchical and more dialogic pattern.

Regarding these possible movements, the system can simply proceed to the transference of the two base meanings to other positions, leading only to a new rigidity of the structural architecture of the interaction dynamics, resulting in something that Valsiner (2002c, p. 185) had already stated "(...) the move from one opposite to another may actually be no change at all. (...) Maybe one extreme is merely a displacement of the other – rather than a truly new form of organization." However, when facing a critical threat situation to the system's stability, a greater flexibility might be triggered, allowing these two meanings to circulate between different I-positions according to each moment's demands, quitting their present dogmatic and unquestionable power.

We believe that following this last pathway, the system will evolve to an increasing flexibility and probably to a greater ability to cope with change. This process might allow the construction of an integrating meta-meaning, present in the system only in an embryonic form– the ability to decide between different forms of responsibility or respect.

8. DISCUSSION. FOCUS IN THE GENERALIZED KNOWLEDGE EMERGING FROM RESULTS

As mentioned before, positioning and constant repositioning between different discursive positions is a process that is constantly changing. That's the reason why its analysis through more or less dynamic, or more or less qualitative methodologies, would never fully reach the richness and complexity of the phenomenon. Still, we think this exercise is an interesting opportunity to observe the emergence of the self's multivocality and diversity within an auto-referential sphere, establishing the bases for a more informed understanding of its dialogical dynamics and articulation. Through the detailed analysis of the way each participant describes and organizes their different self-positions, the dialogues that occur between them and the significant others, we can understand the general processes of construction and hierarchization of meanings, which are necessary for the coherency of the self and also for its transformations.

Through microgenetic analysis of participant's narratives, it was possible to demonstrate that the discursive space, made possible in a multivocal and dialogical self, constitutes an excellent basis for the investigation of how the process of human significance takes place through an extremely relational exercise. Self's dialogical bases offer a promising field to meanings synthesis, frequently challenged and threatened by other distinctive meanings, sometimes incompatible, in a never-ending dynamic play for survival. By proceeding to this analysis of the meaning-making process from the assumption of a multivocal dialogical self, we could observe how distinctive and concurrent meanings may sometimes arise, associated with two or more different I-positions. In Kate's case, for example, in describing the dialogue between her position *Me in the Family* and the *Father's* voice, she makes clear that, during adolescence, two meanings were present – RESPECT and FREEDOM – which, as they were constructed within this dialogical relation, become incompatible. In this case, the high level of conflict caused by the opposition of these two meanings was solved through the construction of another new shared meaning – DISTANCE – that mediated this relation, also guaranteeing the survival of both initial meanings.

In short, the multiplication of I-positions within a dialogical self amplifies the opportunities for oppositions and divergences between individual meanings to emerge,

since different I-positions assume their own meanings, which may easily oppose to the meanings constructed from other I-positions. We believe that this dynamic of challenges and negotiations constitutes the vital force of dialogical self in its ongoing effort to be constantly updated.

The development of meanings with enough abstraction ability to regulate self's openness to new future construction possibilities – in other words, *promoter signs* that organize the dialogical dynamics of self-system - is a central element for adaptation and self-regulation. Indeed, the hierarchical organization of these semiotic instruments, which parallels a similar vertical structure of discursive positions, allows the management of the infinite micro-dialogues that are uninterruptedly being developed in this vocal society. The dynamic stability that characterizes the system at every moment is guaranteed by the activation of the macro-meanings, leading both to the dialogical avoidance of conflicts and to the sustenance of the tension between I-positions at a bearable level. As can be observed in this case, the activation of these macro-meanings often allows the possibility to solve the apparently incompatible dialogical divergences between two I-positions. When the demands of two I-positions become opposed and can't be negotiated (e.g., *Me in the Family* and *Me at Work* compete for primacy in terms of investment, represented by the meaning TIME), the activation of a meta-meaning, recognised and valued within the meaning system, can solve the divergence in support of the I-position that personifies it (e.g., *Me at Work* personifies the meta-meaning RESPONSIBILITY, so it dominates over the demands of the position *Me in the Family*). Since it seems to occupy a high hierarchical place within the system structure of meanings, this macro-meaning “justifies” the highest authority attributed to the position that vindicate it and avoids the level of tension to increase, which could lead to a distress causing conflict.

In fact, from the analysis of Kate's discourse, two fundamental semiotic regulatory fields emerge that result from the internalization and abstractive generalization of two affectively important values - RESPONSIBILITY and RESPECT. These two *promoter signs* are associated with two I-positions that are also especially valued - *Me at Work* and *Me in the Family* – and establish the boundaries of meaning that constitute the negotiation bases of the multiple dualities that are continuously occurring at the microgenetic level.

Any concrete decision of the everyday life is negotiated within the realm of the boundaries limited by these two crucial and hyper-generalized values.

The promoter function of these semiotic tools becomes evident in Kate's discourse when we clearly observe the process of abstractive generalization of the sign Responsibility, through which she defines the range of possible concrete actions in the future – the encounters-to-be – obeying to the boundaries of the field of meanings previously established. Kate is aware that whenever she faces circumstances in which other demands confront her affective and moral need of being responsible at work, her actions will always privilege the value Responsibility. The affective generalization that is conveyed by the role of the *promoter sign* while informant of the actions to assume in the future, offers the self a continuity character, despite the unceasing polyphony taking place microgenetically.

Thus, it seems that the self-system is able, as part of its self-regulation process, of continuously making and developing new macro-meanings (or *promoter signs*) that constitute central mediators of the dialogical processes occurring between I-positions. These macro meanings or *promoter signs* help electing future actions concerning encounters-to-be and make the self more skilled to respond readily to environmental demands.

Hence, the positions that in a specific moment in time, personify the more abstract meanings – *promoter signs* – prevail over the others, which accept this dominance because of their powerful arguments. However, this power is dynamic and the vertical re-organization of position's structure is always possible: as other semiotic tools are being synthesized; when new positions are integrated in the self-system or when new alliances are formed between existing positions. In this sense, another interesting aspect of the results is the clarification of how *promoter signs* can work either as transformation and changing catalysers, or as stability bastions, in an effort of dynamic equilibrium between innovation and conservative strengths that guarantee self's regulation. Thus, in a given moment, as it seems to happen presently in Kate's case, the kind of constructed *promoter signs* may be sufficient to achieve, as meta-level organizers, some level of balance in the management of dialogical processes among I-positions (e.g., the *promoter signs* RESPECT and RESPONSIBILITY are now able to satisfactorily manage the tensions of the system, while

regulating the existent asymmetrical dialogues). In this case, *promoter signs*, as mediators of tension, are responsible for the maintaining of (temporary) stability. The eventual occurrence of any little change in the internal or external setting of the self system can, nevertheless, trigger a doubt or questioning “wave” that will undermine and challenge the present dynamic stability. In this case, the *promoter signs* can be catalysers of novelty, since there can be a transference of these *promoter signs* to other I-positions that request them or a synthesis of new, more inclusive and conciliating meta-meanings, that will be able to respond to the more recent management demands of the system (e.g., in Kate’s case, this will be the synthesis of the new meta-meaning – the ability of DECISION/CHOICE between different kinds of RESPONSIBILITY or distinct forms of RESPECT).

We believe this case links specificities that cannot be generalized to other subjects; however, we also believe that the processual model of multiplicity management through the process of meaning-making is suitable to any individual case. In our view, this is precisely an example of how the detailed and intensive study of a single case, in its human and contextually localized specificity, can lead to the identification of generic and universal processes, which can be generalized to other individual cases (Molenaar & Valsiner, 2008; Valsiner, 2003).

This case allowed us to empirically observe, not only the meaning-making process regarding the need to give sense to experience, but also and beyond that, it exemplifies the management efforts of the installed dialogicality whenever multiple signification processes compete for the supremacy within the multivocal self. In this sense, the case analysis suggest that the understanding of the self ’s active role in managing its multivocality through the dialogical articulation of the various I-positions, might be accomplished by the microgenetic analysis of the meaning-making process and of the emergence of *promoter signs*. In fact, *promoter signs* perform a fundamental role in the self-regulation process of dialogical self, since some of their functions seem to be the constant organization of the I-positions into hierarchies, the management of tensions and power relations within the self system and the regulation of the system dialogicality levels, in order to avoid system dispersion.

In sum, the identification of these self-regulatory processes through the detailed scrutiny of an individual single case constitutes the first step in the process of knowledge

construction used in idiographic science. Thus, the theoretical model designed from these first empirical data of a concrete case should now be further and repeatedly tested on the basis of other selected individual cases, in order to continue its refining process and increase its generalizing ability.

9. REFERENCES

- Bakhtin, M. M. (1929/1984). *Problems of Dostoevsky's poetics*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Barresi, J. (2002). From “the thought is the thinker” to “the voice is the speaker.” *Theory and Psychology*, 12(2), 237-250.
- Gonçalves, M. (2003). *Psicoterapia, uma arte retórica: Contributos das terapias narrativas [Psychotherapy, a rethoric art. Contributes of the narrative psychotherapy]*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Gonçalves, M., & Salgado, J. (2001). Mapping the multiplicity of the self. *Culture and Psychology*, 7(3), 367-378.
- Gonçalves, O. (2000) *Viver narrativamente [Living narratively]*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Gonçalves, O., Korman, Y., & Angus, L. (2000). Constructing psychopathology from a cognitive narrative perspective. In J. D. Raskin, & R. A. Neyemer (Eds.), *Constructions of disorder* (pp. 265–284). Washington DC: APA Press.
- Hermans, H. J. M. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, 119(5), 31-50.
- Hermans, H. J. M. (2001). The constructing of a personal position repertoire: Method and practice. *Culture & Psychology*, 7, 323-365.
- Hermans, H. J. M. (2002). The dialogical self as a society of mind. *Theory and Psychology*, 12(2), 147-160.
- Hermans, H. J. M. (2003a). Clinical Diagnosis as a Multiplicity of Self-Positions: Challenging social representations theory. *Culture & Psychology*, 9(4), 407-414.

- Hermans, H. J. M. (2003b). The construction and reconstruction of a dialogical self. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 89-130.
- Hermans, H. J. M., & Gonçalves, M. M. (1999). Self-knowledge and self-complexity: A dialogical view. *Constructivism in the Human Sciences*, 4(2), 178-197.
- Hermans, H. J. M., & Kempen, H. (1993). *Dialogical self: Meaning as movement*. San Diego: Academic Press.
- Hermans, H. J. M., & Kempen, H. (1998). Moving cultures: The perilous problems of cultural dichotomies in a globalizing society. *American Psychologist*, 53, 1111-1120.
- Hermans, H. J. M., Kempen, H., & van Loon, R. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47, 23-33.
- Honos-Webb, L., & Stiles, W. B. (1998). Reformulation of assimilation analysis in terms of voices. *Psychotherapy*, 35, 23-33.
- Josephs, I., & Valsiner, J. (1998). How does autodiologue work? Miracles of meaning maintenance and circumvention strategies. *Social Psychology Quarterly*, 61(1), 68 – 83.
- Josephs, I., Valsiner, J., & Surgan, S. (1999). The process of meaning construction. In J. Brandtstädter, & R. M. Lerner (Eds.), *Action and self-development: Theory and research through the life span* (pp. 257-282). Thousand Oaks: Sage Publications, Inc.
- Leiman, M., & Stiles, W. B. (2001). Dialogical sequence analysis and the zone of proximal development as conceptual enhancements to the assimilation model: The case of Jan revisited. *Psychotherapy Research*, 11, 311-330.
- Linville, P. W. (1987). Self-complexity as a cognitive buffer against stress related illness and depression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 663-676.
- Molenaar, P. C. M., Valsiner, J. (2008). How Generalization Works through the Single Case: A Simple Idiographic Process Analysis of an Individual Psychotherapy. In S. Salvatore, J. Valsiner, S. Strout, & J. Clegg (Eds.), *YIS: Yearbook of Idiographic Science 2008-Volume 1* (pp. XXXX). Rome: Firera Publishing Group. First published 2005, in *International Journal of Idiographic Science* [On

- Line Journal], Article 1. Retrieved (September 20, 2008) from <http://www.valsiner.com/articles/molenvals.htm>.
- Raggatt, P. (2002). The landscape of narrative and the dialogical self: Exploring identity with the personality web protocol. *Narrative Inquiry, 12* (2), 291-318.
- Salgado, J. (2004). Methodology and the dialogical self: Different ways of killing a metaphor. Paper presented at the *Third International Conference on the Dialogical Self*, Warsaw, Poland, August, 26-29, 2004.
- Sarbin, T. R. (1986). The narrative as root metaphor for psychology. In T. R. Sarbin (Ed.), *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* (pp. 3-21). New York: Praeger.
- Valsiner, J. (1998). *The guided mind*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Valsiner, J. (1999). I create you to control me: A glimpse into basic processes of semiotic mediation. *Human Development, 42*, 26-30.
- Valsiner, J. (2001). Glory to the fools: Ambiguities in development through play within games. Review essay: Klaus-Peter Köpping (Ed.) (1997). The games of gods and man: Essays in play and performance. *Forum Qualitative Social Research, 2*, (1). Retrieved (12/04/2005) from <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs>.
- Valsiner, J. (2002a). Forms of dialogical relations and semiotic autoregulation within the self. *Theory and Psychology, 12*(2), 251-265.
- Valsiner, J. (2002b). Irreversibility of time and ontopotentiality of signs. *Estudios de Psicología, 23*(1), 49-59.
- Valsiner, J. (2002c). Talking and acting: Making change and doing development. Commentary on Corinne Squire's White Trash Pride and the Exemplary Black Citizen: Counter-narratives of Gender, "Race" and The Trailer Park in Contemporary Daytime Television Talk-shows. *Narrative Inquiry, 12*(1), 181-192.
- Valsiner, J. (2003). Culture and its transfer: Ways of creating general knowledge through the study of cultural particulars. In W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes, & D. N. Sattler (Eds.), *Online readings in psychology and culture* (Unit 2, Chapter 12). Center for Cross Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, USA. Retrieved (18/07/2005) from <http://www.ac.wvu.edu/~culture/index-cc.htm>

- Valsiner, J. (2004). The promoter sign: Developmental transformation within the structure of dialogical self. Paper presented at the symposium *Developmental aspects of the dialogical self*. ISSBD, Ghent, July 12, 2004
- White, M. (2004). *Narrative practices and exotic lives: Resurrecting diversity in everyday life*. Adelaide: Dulwich Centre Publications.
- Wortham, S. (2001). *The narratives in action: A strategy for research and analysis*. New York: Teacher of College Press.

CHAPTER II
DIALOGICAL SELF AND CLOSE RELATIONSHIPS:
LOOKING FOR AMBIVALENCES

CHAPTER II

DIALOGICAL SELF AND CLOSE RELATIONSHIPS: LOOKING FOR AMBIVALENCES²

1. ABSTRACT

According to Dialogical Self Theory (Hermans, 1996), the self is like a vocal society, i.e., it is populated by a community of I-positions or voices that are entitled to have an opinion and promote active discussions in order to make their viewpoint prevail. Having in mind the purpose of studying and deepening the interactions between these voices, a semi-structured interview was developed as an attempt to “give voice” to this multivocal assembly. In this interview, participants are invited to consider the significant dimensions they identify in their selves as characters and to narrate the possible dialogues going on between them – Dialogical Articulation Task, DAT (Duarte, Rosa & Gonçalves, 2006). Assuming that the relationship with a partner is one of the most central aspects in our relational life, we are interested in exploring the impact on the Dialogical Self of the changes that occur in couples throughout their relationship’s development (McGoldrick & Carter, 1982; Relvas, 1996). Two case studies are presented to illustrate the emergence of ambivalences and its regulation into self dynamics in the dialogues between the internal position that represents the couple’s relationship – termed by the participants *I as a Relational* – and the remaining I-positions of the self-system.

*“(...) inside me I’m not alone. I am many.
Moreover, all of them dispute my single life. (...)
Therefore, when I tell my story I blend myself,
Mulatto not of races, but of existences.”*
(Mia Couto)

² This chapter was published in the Journal *Studia Psychologica* with the following co-authorship Catarina Rosa & Miguel M. Gonçalves.

According to a systemic perspective, the couple, as a central subsystem of the family system, undergoes a development process that involves “the active acquisition [of new] and rejection of [old] roles by its elements, while they adjust themselves to recurring pressures of life” (Hill & Mattessich, 1979, in Relvas, 1996, p. 15, parenthesis added). At the basis of the formation of the couple’s subsystem one finds the structure of new interaction patterns which are obtained through the negotiation and setting up of rules that integrate the rules inherited from each origin family as well as the expectations and values of each partner (Minuchin, 1979). These interaction patterns are continuously negotiated, although major revisions tend only to occur in moments marked by tension (e.g., expected developmental transitions, sudden and unexpected changes). The content of this tension is mainly related to “the areas of redefinition of limits or boundaries of the subsystem: between the individuals, with the origin families and, later, with the children, friends and the professional world; at last, with a whole group of significant contexts (...) which can be defined, in a word, as *the third*” (Relvas, 1996, p. 59, italics added). Thus, the life of the couple goes on in a stage also dominated by other persons and relationships, and the way the couple manages this world of *the third* is vital for the couple’s survival and development. In this vein, the following article takes a closer look at the movements of the position that represents the couple’s internal I-position, termed by the participants *I as a Relational*, in its effort to get along and set up limits with the remaining I-positions of the dialogical self.

2. DIALOGICAL SELF: A MULTIVOCAL ASSEMBLY

The Dialogical Self Theory presents itself as a model of thinking and understanding the self according to which several characters inside the self can, from their different spatial positions, set a dialogue and negotiate between them the meaning of each event. An assembly of voices is involved in the construction of our life narratives and every decision taken is the result of the dialogues that took place among a community of voices, with internal (e.g., “*I as psychologist*”) and external positions (e.g., “*My mother in me*”) represented (Hermans & Kempen, 1993; Hermans, 2001).

The diversity of contexts and relationships, the variety of experiential moments or just the uncertainty concerning the future justify the latent instability of the dialogical self. In this way, the countless possible ways of reformulating the identity positions' repertoire can be compared to a play in several acts. In each act, the contexts, motivations, feelings, cultural aspects, and other significant elements will determine which identity position is taking the leading role, while the remaining voices are temporarily located in the background. This instability may be compensated by those parts of the self, which are "inhabited" by more stable positions that keep the continuity of the system (see Hermans, 2003) – we think that the *I as a Relational* I-position may "inhabit" that domain.

This dynamic picture of the self can make us wonder how identity positions, so dynamically changeable, are integrated in a manner that allows continuity. Looking at the semiotic processes of meaning-making that occur in the dialogical self seems to be a way to solve this problem, by emphasizing how human beings construct superstructures mediated by signs to regulate the fluidity of the dynamics between I-positions. Thus, one may conceive of the dialogical self as a semiotically self-regulated system (Hermans, 1996; Valsiner, 2004a, 2005).

3. SEMIOTIC MEDIATION AND AMBIVALENCE: STABILITY AND CHANGE

Human experiential flow, which results from the incessant exchanges with the environment, proceeds in parallel with the irreversible time. Human needs for prediction and control of the future outcomes are defied by the constant inherent uncertainty of being (Valsiner, 2004b). Hermans and Dimaggio (2007, p.10) consider this uncertainty as an intrinsic feature of a dialogical self since it "is involved in internal and external interchanges and never reaches a final destination. This self is conceived of as open to an ambiguous other and is in flux toward a future that is largely unknown. (...) this uncertainty challenges our potential for innovation and creativity to the utmost and, at the same time, it entails the risks of a defensive and monological closure of the self and the unjustified dominance of some voices over others." Human beings' efforts to reduce this uncertainty involve the elaboration of signs – stabilizing semiotic devices – that prepare

them for the next encounter with the immediate future. In other words, the semiotic mediation illustrates that one of the bases of human reasoning is the effort to achieve monological representations of the world (Valsiner, 2002b). In this way, the experiential diversity gives rise to an increasing number of abstract meanings, organized into a hierarchical structure where each higher level of signs regulates the functioning of the lower levels. According to a dialogical perspective of the meaning-making process, the creation of these hierarchical controlling structures through semiotic mediation is impelled by the dialogical relations within the self (Valsiner, 2002a). In this sense, the multivocal nature of the dialogical self, allowing for a multiplicity of possible dialogues among the various I-positions, is a powerful catalytic process of the meaning-making activity.

In their dialectic perspective, Valsiner and collaborators (Josephs & Valsiner, 1998; Josephs, Valsiner & Surgan, 1999; Valsiner, 2005) conceptualize the process of meaning-making in terms of dualities and state that meanings emerge as bipolar meaning complexes, which they define as “signs (meanings per se) that present some aspects of the world, their implied opposites, and qualifiers that are linked with either signs or their opposites” (Josephs & Valsiner, 1998, p. 70). According to this approach each meaning that is constructed (A, and for purposes of illustration let A be “dialogue”), re-constructs immediately its opposite (non-A, “non-dialogue”), that is, two mutually related fields (A vs. non-A) are constructed which in their turn, become a meaning complex that is differentiated and foregrounded against the remaining universe of possibilities (not-A, “not-dialogue”) (see Josephs, Valsiner & Surgan, 1999, for a more detailed elaboration). The field non-A is a field characterized by its intentional indeterminacy and consists of all possible transformations of A. Therefore, it represents the part of the dual system where the largest transformation of the meaning can occur, pointing to the future possibilities that non-A can take (Josephs, Valsiner & Surgan, 1999). To deepen our understanding of the meaning-construction processes that take place in the self, the essential question that has to be asked is concerned with the rules that allow an initial complex (A vs. non-A) to be transformed in to other forms.

According to Josephs and Valsiner (1998) there are two types of oppositional relations between the two meaning fields (A and non-A) of a complex. The opposites can coexist without tension, closing the meaning complex to further transformation or they can be involved in a tensional opposition leading the meaning complex to enter in dialogical relation with other complexes. These relations between different meaning complexes may be harmonious (as in *“the dialogue between I as a Relational and I as a Mother: at times they agree, and at times they have opposed opinions”*) or they may involve a rivalry (for instance, *“the dialogue between I as a Relational and I as a Mother: at times they agree, and at times they have opposed opinions, but...”*). The escalating of this rivalry can lead to the taking over of one meaning complex by the other (*“but, in fact, most of the time they have opposed opinions”*). These dialogical exchanges are often organized by the use of *circumvention strategies* – “semiotic means within a process of dialogic meaning-making which can modify the relation between meaning complexes” (Josephs & Valsiner, 1998, p. 73). These semiotic strategies can conciliate otherwise contradictory meaning complexes (*“I as a Daughter and I as a Relational don’t share anything, but they will have to be a little more flexible because this is not the ideal I have imagined”*). In this case, the focus on a *personal preference*, which is a circumvention strategy, enables the coexistence of non-dialogue and flexibility. Of course, the escalating of rivalry and the takeover of one complex by the other can also occur (*“between I as a Daughter and I as a Relational there was a truth dialogue”* – the *semantic qualifier* “truth” sustains the dominance of dialogue over monologue).

Each meaning has an element of certainty, i.e. the part of the meaning that “is right” for the present moment. However, given the irreversibility of human life-time, the present moment is so infinitely small that a person hardly has time to estimate the rightness or wrongness of the meaning in action. According to Abbey and Valsiner (2004, paragraph 17) “the process of semiotic emergence is driven by the ambivalence between these two elements, between what one got right, and what one got wrong (but now knows) that will in turn be part of the next emerging meaning.” In the process, always unfinished, of negotiation within and between meaning complexes, each new contextualization of meaning evokes a state of ambivalence. Thus, more or less intensive levels of ambivalence feed a never-ending process of meaning-making and emergence of signs in the self.

However, there are also moments marked by the absence of ambivalence: a) when there is no confrontation between different perspectives (“*there is no dialogue, it is only I as a Relational that is present”); b) when the presence of an over-emphasizing uncertainty (“*I don’t know if they dialogue*”) reduces the ambivalence and the sign disappears from the context (loss of the sign and therefore lack of ambivalence) or c) when there are synthesized momentarily stable signs that narrow the usually open field of possible futures to a specified meaning (“*they don’t dialogue, because they are independent*”). In such moments, the development of the meaning-making process stops, because the field of the future was previously limited to a well-defined option. Only when the uncertainty is reintroduced will the process of meaning construction be activated to produce a new meaning (see for more details Abbey & Valsiner, 2004). In this sense, the impact of ambivalence in the meaning-making process is interestingly functional: on the one hand, if an elaborated meaning has a high level of certainty, we manage to reduce ambivalence; on the other hand, if it doesn’t, the ambivalence is maintained, leading us to restart the search for a new meaning in the open field of possibilities.*

In terms of dialogical self this ambivalence can be revealed in the tension between constantly moving structural oppositions of I-positions that fluctuate in their dialogical relationships as they move along the strip (Valsiner, 2006). In our view one way of looking at these phenomena is to differentiate among the types of interaction (process) between voices (internal or external) and the corresponding output. There are two prototypical forms of interaction that can be conceived of in a continuum: monologue and dialogue. As we will argue below, this does not equate linearly with the monological and dialogical, which refer in our view to the result of the interaction. In monologues, only one voice is heard, while in dialogues several are heard, although they may differ in power and capability of domination (see Hermans & Hermans-Jansen, 1995). On the other hand, the result may vary along a continuum between monological (an attempt to refuse the dialogical nature of existence and communication, see Linell & Marková, 1993) and dialogical (acceptance and even celebration of the difference).

In our opinion the combination of these two elements (type and result of the interaction) creates four main forms of intrapersonal interaction.

3.1. A - Isolated Monologue

There is only one voice to be heard, that denies the existence of other voices in the self-system. One interesting parallel borrowed from the family and couple's therapy tradition is what Watzlawick, Bavelas and Jackson (1967) designate as disconfirmation: the other is denied as a different person. One example from couples' communication could be the partner that does not accept the angry tone of the other and says "you are only saying that because you are sick" (see Watzlawick *et al.*, 1967). The underlying message is "you do not exist as an individual or I know better than you what you feel".

3.2. B - Intentional Monologue

This refers to situations when one position, although aware of others, refuses to enter in communication. Following what Watzlawick *et al.* (1967) proposed a long time ago – we can say that not communicating is a form of communication. We believe that this is also valid for internalized conversations. In this second type of monologue, the position "in talk" does not deny the remaining self-system, but refuses to take into account the other positions' perspective. Comparison with the sensorial system functioning may be valuable here: when a specific situation justifies the intensive activation of one of the five senses (one I-position), we might feel the need to stay focused on that sense and we only take under consideration the information we are receiving from it, neglecting the others' contributes (we only accept what is said by that specific I-position). In this way, this monologue presupposes a dominant speech of an I-position, while the others are still in the background and that's the reason why it is clearly distinct from the persistent elimination of others' perspectives (or monologicality). In couple's relationships something like this occurs when one partner imagines that the other's opinion about a given subject is very different and does not allow any dialogue to take place, protecting his or her perspective from the intrusion of the other. In terms of communication this does not mean "you don't exist" as in the first type of monologue, but simply "I don't even want to listen to you, I need to secure my view and not to get confused by other perspectives".

3.3. C - Authoritarian Dialogue

The different positions of the self-system are in dialogue, but the type of interaction is very asymmetrical. While the dominant position is “one-up” (see Watzlawick *et al.*, 1967) there is little probability that change happens, because this position asserts that its own perspective is the correct one. Levinas (1969, in Cooper, 2004) calls this an attempt to totalize the interchange. The non-dominant positions, for most of the time, are actors of the plot narrated by the dominant voice, which adopts the author’s character. This type of dialogue happens in a couple when one of the partners says “I heard what you said or I know what you think about it, but I’m the one who knows what’s best for both of us”.

3.4. D - Cooperative dialogue

This is the prototype of a real dialogue: one voice speaks while the other listens and then they change places. Somehow the dialogical nature of communication is accepted and creates the possibility for different meaning to emerge from the combination of diverse perspectives. Each voice is, in a sense, a co-author of the other, and we can really have a joint production here (see Shotter, 1999). In couple’s life this occurs when both partners co-construct meanings and negotiate solutions for their problems, innovating their individual position.

Figure II - 1. Articulation between the process and the output of the interaction between I-positions

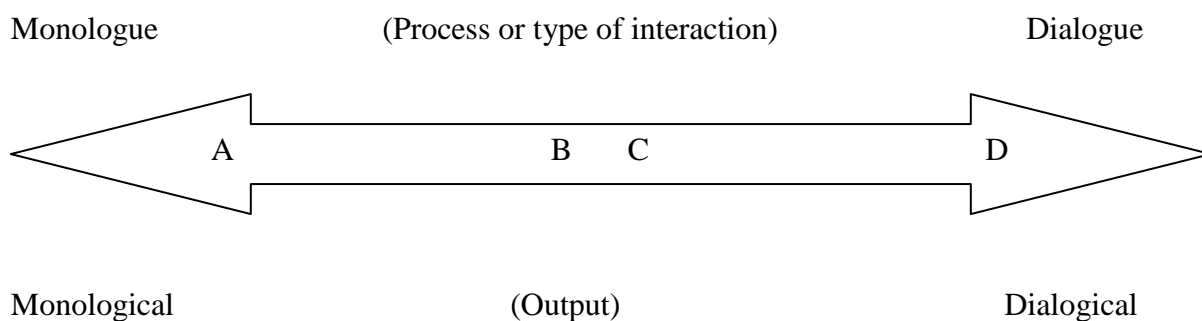


Table II - 1. Integrating synthesis with research and couple's life examples

Type of interaction between voices				
	Isolated Monologue	Intentional Monologue	Authoritarian Dialogue	Cooperative Dialogue
Research examples	“ <i>I as a Daughter</i> and <i>I as a Relational</i> , they do not really meet each other. (...) they are perfect strangers”	“ <i>I as a Relational</i> needed to have time for itself; (...) need moments like this”	“ <i>I as a Mother</i> , I think it always spoke louder; While the <i>I as a Daughter</i> increases the <i>I as a Relational</i> decreases”	“Everything is coming together. The <i>I-Relational</i> was amazing (...) affecting the <i>I as a Mother</i> , as well”
Couple's life examples	Disconfirmation	Attempt to refuse dialogue	One-up	Functional Balance
	Monological (attempt to refuse the dialogical nature of interaction)		Dialogical (acceptance and even celebration of the dialogical nature)	
	Output of the interaction			

During the couple's life cycle people enter in different social role relationships (for example, *I as a Daughter*, *I as a Relational*, *I as a Mother*). Each one of these roles, or I-positions, has its own features and rules by which it operates and relates to the remaining I-positions of the self-system. A small life event can introduce modifications into these patterns, however in some expected moments along the way (the couple's formation; a

child's birth; the empty nest) these rules have necessarily to be changed. These moments are often characterized by the integration of new I-positions and reformulation of the existing ones, bringing in novelty and risk to the core of the dialogical self. Departing from the assumption that these normative changes of the couple's life cycle trigger interesting dialogical re-accommodation procedures, we studied the processes of self-reflexive meaning-making developed by the participants, while describing the internal dynamics of their self-system.

4. THE SAMPLE

Our sample includes 9 couples that are on different stages of the couple's life cycle: 3 couples without children; 3 couples with babies or children at the school age and 3 couples with adult children (according to systemic perspective of the Family Vital Cycle, Nichols, 1984; Relvas, 1996). As this study is still in a phase of data analysis, in this paper we only explore some preliminary results inferred from the first analysis of two cases. We will try to highlight the emergence of ambivalences and their regulation into the self dynamics in the dialogues engendering the position *I as a Relational*.

5. THE PROCEDURE: DAT AS A SEMIOTIC ARENA FOR THE OBSERVATION OF DIALOGICAL EXCHANGES

We have developed, in an exploratory study, a semi-structured interview that invites participants to identify the multivocality of their identity and exteriorize the dialogues between I-positions – Dialogical Articulation Task, DAT (for more details, see Duarte, Rosa & Gonçalves, 2006) (Appendix I). The participant is invited to imagine that the different elements of his/her self are like a character in a story or movie, which suddenly gets an independent voice. These voices are conceptualized as I-positions, and the person is asked to perform the exercise of alternately moving between each of the positions and stimulate dialogues among them. There is a set of questions that we ask the participants in

order to clarify (1) the presence of dialogues or monologues; (2) the usual agreement or disagreement between the I-positions, (3) their ability to negotiate and synthesise shared meanings, (4) the eventual dominance and the kind of power exerted by some of the I-positions, and (5) the affective impact of the interaction conclusion.

The awareness that a single picture of the self-system or a single moment of data collection would be insufficient to illustrate these dynamics has influenced the investigation's procedure. The present protocol, even though it does not allow producing a "film", makes possible the presentation of a sequence of flashes or key moments (Appendix II). Thus, the process of data collection occurred weekly, during a month and a half and it had three phases: a) first application of DAT (identification of the identity positions and exploration of the dialogues between them); b) 4 weekly applications (exploration of the dialogues between the identity positions defined in the first interview based upon the most significant event of the week for the couple's relationship), and c) last application of DAT (redefinition of the I-positions repertoire and last exploration of the more frequent dialogues between them). It is important to clarify that what we understand by identity positions are the discursive positions that in that precise space-time moment came out as the most significant or "activated" for the participant. By nature of the task, implicit positions could be much more difficult to access and become the target of the participants' elaboration. Thus, these discursive I-positions constitute the way participants define and narrate their own self at the moment of the interview.

6. THE ANALYSIS: THE PROCESS OF MEANING-MAKING SEEN THROUGH A MAGNIFYING GLASS

The goal of systematic observation of the way participants construct meanings and semiotically organize them, to manage the constant redefinitions of the dialogical relations between I-positions, clearly fits the level of "microgenesis" (Diriwächter & Valsiner, 2006, Diriwächter, Valsiner & Sauck, 2005). The microgenetic method involves the investigation of the progress of a given form of a phenomenon and its transformation into another form. For example, a microgenetic study of the transition between the forms A-B-C does not see

this progress as a simple occurrence of separated forms, but it cares about the progress between A-B and B-C focusing on the intermediate forms that can be observed in the transition moments ($A \rightarrow ab \rightarrow B$ and $B \rightarrow bc \rightarrow C$) (Abbey & Valsiner, 2004). The temporal sequence of observations involved in a microgenetic method allows following the development of the phenomenon closely throughout time, having as a goal to approach the processes that sustain the quantitative and qualitative aspects of development and change (Siegler & Crowley, 1991).

From the integral transcription of the interviews, we have selected as our unit of analysis all the dialogues established between *I as a Relational* and the remaining I-positions. We understand that these dialogues represent the participant's attempts to make sense of the dialogical relations involved and they allow just catching a glimpse of the oscillations that are going on, momentarily, in the dynamic structure of the self system. In this article, we will just focus on the analysis of the dialogues marked by ambivalence because, as it is an important source of creativity catalyzing the process of meaning construction, it enables the observation of interesting restructuring movements.

6.1. Participant 1: “Do I really have to stop being a daughter to be a woman?”

P1 is a 25-year-old young psychologist and she is just starting her career. She has been living with her mate for a year and a half. Their relationship has been kept separated from the origin families – an assumed and shared decision that has been responsible for some stressful situations. In the first interview, the participant defines the identity positions repertoire as being represented by the following positions: *I as a Friend, I as a Daughter, I as a Professional, and I as a Relational*. A month and a half later, and after 4 weekly meetings to think about the dynamics between these I-positions, the participant decides to reformulate her self-system, keeping the initial four positions and adding the I-position *I as an Organizer*. This is described as “*a position that lives in standby; I imagine it deep inside, very far away from the daily practical things, right in the middle of all other positions. Its action is not caused by outside realities, but by other positions' realities. It was the first position ever to be formed and all the others have differed from it. Therefore, it is just like an old wise man that we look for in times of need and who is only called to*

sort important things out". This position seems to represent what in literature is described as a meta-position or central I-position that is capable of communicating openly and effectively with the other identity positions, having a function of management or coordination (Cooper, 2003; Dimaggio, Salvatore, Azzara & Catania, 2003; Hermans, 2003; Leiman & Stiles, 2001).

Two I-positions seem to occupy the leading role of the self-system in two different moments of time: *I as a Daughter* and *I as Relational*. Until recently, the *I as a Daughter* was central in the participant's self-system, and she describes this dimension of her self as one in which she felt confident, without fearing any judgement by her interlocutors (parents) on the features that she considers less positive. In the present time, the participant faces, with worry and preoccupation, the need to reformulate this position. This need has been enhanced by the fact that the *I as Relational* is now the most activated I-position of the self-system and it is a dimension in which she feels very comfortable. The relevance and power underlying these two I-positions create the expectation that the encounter between them will be marked by tension and ambivalence.

Next, we will present the analysis of the meaning construction process initiated by the participant when the researcher invited her to describe the possible encounters between these two I-positions.

1st Interview – Interaction between *I as a Daughter* and *I as Relational*

Interviewer: "*Do I as a Daughter and I as Relational talk to each other? Is there a dialogue going on between them?*"

Participant 1: "*These do not really meet each other. (...) these two positions hardly know each other, they do not have any references of one another, they do not know where each one is, and they are perfect strangers.*"

Interviewer: "*And does this interaction have any affective impact?*"

Participant 1: "*Yes, it is a concern because it is not the ideal I have imagined.*"

Analysis: The researcher proposes the meaning-complex DIALOGUE vs. NON-DIALOGUE (A vs. NON-A) and the participant rejects the meaning field DIALOGUE (A) and elaborates the field NON-DIALOGUE (NON-A) with the synthesis of the meaning – Alienation (“*they are perfect strangers*”). The tension inside the DIALOGUE vs. NON-DIALOGUE meaning-complex is sustained by the construction of two circumvention strategies – the *semantic qualifier* “*hardly*” and the focus on a *personal preference* “*it is not the ideal I have imagined*”. However, the meaning in action impersonates the existing inability and fear of stimulating an encounter between the I-positions. If ambivalence and uncertainty aren’t introduced in the meaning-making process this condition may last forever.

Week 1 – Interaction between *I as a Daughter* and *I as a Relational*

Participant 1: “*Once again, they do things autonomously and separately, without crossing each other too much. But if they had crossed, in case there had been a dialogue, I think that the *I as a Relational* would teach something to *I as a Daughter*, i.e., to be more careful, be more present, be more tender.”*

Analysis: Once more there is a constructive elaboration of the field NON-DIALOGUE, based upon the construction of a new meaning-complex – INDEPENDENCE vs. NON-INDEPENDENCE (B vs. NON-B, “*they do things autonomously and separately*”). However, the “*too much*” *semantic qualifier* maintains some tension between the meaning fields DIALOGUE vs. NON-DIALOGUE and the new meaning-complex introduces ambivalence. As the result of these changes, the participant creates an imaginary situation of acceptance of the field DIALOGUE sustained by the emergence of the meaning Learning (“*I as a Relational would teach something to I as a Daughter*”). This hypothetical situation brings novelty to the meaning-making process and might be an important step towards a reformulation of these I-positions interaction.

Week 2 – Interaction between *I as a Daughter* and *I as a Relational*

Participant 1: “...they might have had a small dialogue. (...) Therefore, while one increases the other decreases and they have a very balanced relationship, i.e., when one weighs more the other weighs less.”

Analysis: The *semantic qualifier* “small” reveals that the tension inside the DIALOGUE vs. NON-DIALOGUE meaning-complex is still present. However, in this excerpt the imaginary growth of DIALOGUE (A) performed in the previous example has the opportunity to become real. The elaboration of a new meaning to manage this dialogue - Power Balance (“while one increases the other decreases and they have a very balanced relationship”), results in ambivalence decrease.

Week 3 – Interaction between *I as a Daughter* and *I as a Relational*

Participant 1: “I think this was the truth dialogue. I felt that my impulsive and negative reaction in that situation and the fact that I was not worried with my partner’s feelings, comes from the I as a Daughter, from the confidence that I have in that position allowing me not to be worried about what the other person will think or feel. But, the motivation to redress the error with a special dinner has something to do with the ‘I as a Daughter’ too, and with the ability that I had been learning in this position of recognizing the errors. I think the I as a Relational felt the good and bad side of the I as a Daughter.”

Analysis: In this example, the participant renovates the growth of DIALOGUE, sustained by the meaning – Unidirectional Interference (“I think the I as a Relational felt the good and bad side of the I as a Daughter”). The *qualifier* “truth” reinforces the DIALOGUE field and there is a temporary elimination of the tension inside the DIALOGUE vs. NON-DIALOGUE complex. In this sense, the meaning in action artificially reduces the ambivalence and temporary blocks further elaboration of this meaning-complex.

Week 4 – Interaction between *I as a Daughter* and *I as a Relational*

Participant 1: *“I think what caused more discomfort was the similarity between the *I as a Daughter* and *I as a Relational* opinions about the best way to spent the Sunday afternoon. They are not used to get along and have a dialogue and maybe there has been a dialogue. They felt strangeness about their agreement in the option of doing nothing, of taking a rest, while other positions have different opinions. This agreement brought in some tension between them because it is a novelty, it is very different from what they are used to.”*

Analysis: The participant keeps the dialogical interaction between the I-positions in the field DIALOGUE; however, the tension between the meaning fields of the DIALOGUE vs. NON-DIALOGUE complex is reintroduced by the *qualifier* “maybe”. On the other hand, the meaning constructed to support the dialogue – Agreement (“*their agreement in the option of doing nothing, of taking a rest*”) is immediately contested (“*caused more discomfort; they felt strangeness; some tension between them*”) leading to an increase of the ambivalence. In this excerpt, the participant’s movement toward a DIALOGUE between these I-positions is threatened and the maintenance of this dialogical interaction demands the introduction of a different meaning.

2nd Interview – Interaction between *I as a Daughter* and *I as a Relational*

Participant: *“I said I thought that they did not have any relationship and that they did not share anything; but after all they do and they share the bad things of I as a Daughter. It is not a free from tension situation, on the contrary, the I as a Relational understood what was happening and did not like it and will try to keep what was the initial thought and wish of sharing nothing. *I as a Relational* do not want invasions or any kind of talk. (...) I think the *I as a Daughter* was also not prepared to socialize with the *I as a Relational* and is happy that*

I as a Relational arranges things this way. (...) I think that, as time goes by, they will have to be a little more flexible and then not only bad things will go on between them, but also the good ones.”

Analysis: In the last example, the interaction between the I-positions is initially kept in the field DIALOGUE, which is maintained by a new meaning that the participant understands as being the summary of the global interaction analysis – Negative Contamination (“*they share the bad things of I as a Daughter*”). This meaning sets ambivalence at a moderate level “*not a free from tension situation*” and the participant undertakes a new reinforcement of the DIALOGUE field by elaborating the ASYMMETRY vs. NON-ASYMMETRY meaning complex. The ASYMMETRY field enlargement is supported by the meaning – Independence (“*I as a Relational (...) will try to keep the initial thought and wish of sharing nothing*”). In its first use (week 1), Independence was shared by the two I-positions to justify the non-dialogue between them. In this case, this meaning supports a different dialogical interaction, it arises out of the dialogue between the I-positions, in which *I as a Relational* imposes the meaning and *I as a Daughter* accepts it. In both examples, this meaning is the promoter of the projective construction of meanings that would guarantee greater dialogicality to the self-system (the imaginary situation of week 1 and the projection into the future of the 2nd interview are novelty moments in the meaning-making process). When the participant projects this relationship into the future, an embryonic meaning emerges that might be able to establish a functional dialogue between these I-positions – Redefinition of Limits (“*they will have to be a little more flexible and then not only bad things will go on between them, but also the good ones*”).

6.2. Participant 2: “Being a mother is so absorbing, have I forgotten to be a woman?”

P2 is a 31-year-old woman and works in a hospital as a pharmacist. She has been married for three and half years, but she has been living with her husband for about six years. They have a 22-month-old daughter who, as soon as she was born, became her mother’s “world centre”. In the first interview, the participant identifies the following I-

positions: *I as a Professional*, *I as a Mother*, *I as a Relational* and *I as a House Manager*. In her last interview, the participant brings in some changes into her self-system: she excludes *I as a House Manager* and introduces *I as a Friend*. The participant explains that during her first interview, the management of domestic life was an issue of great concern; it was an aspect she was not being able to conciliate with the rest, and therefore it stood out in a negative way. During the second interview, the participant justifies the *I as a House Manager* retirement from the self-system with the following statement “*I am no longer worried about the housewife work because now I can manage things very well. In this way, I can see the I as a House Manager differently, for me it’s now a normal thing; it is no longer an independent and detached dimension*”. As far as the position *I as a Friend* is concerned, it was not taken into account in the first interview because there was no room for its manifestation. The continued reflexion required by the procedure enhanced the need to activate this I-position that had already been so rewarding and therefore the *I as a Friend* is reintroduced in the redefinition of the self-system.

I-positions relating to the nuclear family – *I as a Mother* and *I as a Relational* – are the gravitational centre of this participant’s self system. *I as a Mother* was the most recent position constructed. At the present moment, it is highly dominant, exerting a considerable power over other dimensions of the self. The participant admits that she would like to have some extreme traits of this position more balanced, like for example the obsessive need to have everything under control. At the same time, she recognizes that she has been having difficulties in modifying this position. The dominant tendency of this I-position makes it difficult to change anything about it, because in every dialogue with a different I-position *I as a Mother* always win. In the past, the *I as Relational* had a similar dominant capacity over other positions. The inclusion of the *I as a Mother* in the self-system triggered a tensional dominance reversal. Therefore, the actual nature of low activation and display of the *I as a Relational* is about to change and this I-position is ready to fight against *I as a Mother* in order to recover the leading role of the self system.

We will proceed with the analysis of the meaning-making process developed by P2 in her attempts to give sense to the dialogical exchange between the *I as a Relational* and *I as a Mother* I-positions.

1st Interview – Interaction between *I as a Relational* and *I as a Mother*

Interviewer: “*Do I as a Relational and I as Mother talk to each other? Is there a dialogue going on between them?*”

Participant 2: “*I think I as a Mother and I as a Relational interact a lot! (...) I think a child, even though people say the opposite, always leads to couple’s detachment. (...) From the day she was born, there was a detachment. All the attention was focused on my daughter. (...) Therefore, there was a huge break in the person who lived exclusively for the partner. (...) suddenly my child was born and I have dedicated myself exclusively to her.”*

Interviewer: “*At this moment, is there one position that invariably speaks louder than the other?*”

Participant 2: “*At the beginning the I as a Mother talked a lot, I think it always, always spoke louder, but this isn’t the right thing to do. Now, I want to try to balance both.”*

Analysis: The participant promotes the development of DIALOGUE, sustained by the meaning – Interdependence (“*there was a huge break in the person who lived exclusively for the partner. (...) suddenly my child was born and I have dedicated myself exclusively to her*”). The reinforcement of the *semantic qualifier* “*a lot*” eliminates the tension between DIALOGUE vs. NON-DIALOGUE, establishing the DIALOGUE field. Departing from the DIALOGUE between the I-positions, the researcher proposes a new meaning-complex ASYMMETRY vs. NON-ASYMMETRY (B vs. NON-B, “*(...) is there one position that invariably speaks louder than the other?*”). The participant promotes a growth of ASYMMETRY, sustained by the meaning – Exclusive Dedication (“*All the attention is focused on my daughter; I as a Mother (...) always spoke louder*”). However, the tension inside the B vs. NON-B complex is sustained by the elaboration of two circumvention strategies: focus on an *evaluative macro-organizer* (“*but this isn’t the right thing to do*”) and focus on a *personal preference* (“*I want to*”). The moderate ambivalence of this

interaction reinforces the motivation to look up for a different meaning that might sustain a more symmetric relationship – Balanced Dedication (“*try to balance both*”).

Week 1 – Interaction between *I as a Relational* and *I as a Mother*

Participant 2: “At this moment, *I as a Mother* and *I as a Relational* are the ones who establish more dialogue and interfere a lot with each other. (...) *I am trying to separate them a little*. Therefore, *I am trying that the I as a Mother* has a role as a Mother, more attentive, but also relaxed. In addition, *I try to separate the I as a Relational*, so that it can also get a more present, more dedicated role. (...) one never separates completely and it is also important for them to be together, but at least they know their place, they have to be in fact well defined and with limits.”

Analysis: In this excerpt we observe again the development of DIALOGUE, which is supported by a different meaning – Interference (“interfere a lot with each other”). However, the *semantic qualifier* “a lot” maintains the tension inside the DIALOGUE vs. NON-DIALOGUE meaning complex. Thus, the participant proceeds with a reinforcement of the DIALOGUE field through the synthesis of a new meaning-complex – INDEPENDENCE vs. NON-INDEPENDENCE (B vs. NON-B). The enlargement of the INDEPENDENCE field (“*I am trying to separate them*”) is readily threatened by the use of two circumvention strategies – the *qualifier* “a little” that maintains the tension inside the B vs. NON-B meaning-complex and the focus on a *personal preference* (“*is also important for them to be together*”) that is favourable for the NON-INDEPENDENCE field. The participant’s attempts to construct a meaning that would effectively reduce ambivalence end up in a projection, under the form of an *imperative* “*they have to be in fact*”, of an embryonic meaning – Redefinition of Limits (“(...) *well defined and with limits*”).

Week 2 – Interaction between *I as a Relational* and *I as a Mother*

Participant 2: “We have recently bought a Jeep, and the adventure of riding in the mountains is something that my partner loves. What about me? I panic about these rides! But this weekend we shared a pleasant trip and we spent time talking about what kind of changes we are going to make in the Jeep.”

Interviewer: “Regarding the dialogue between *I as a Relational* and *I as a Mother*?”

Participant 2: “*I as a Relational, I as a Relational!*”

Interviewer: “It was only the *I as a Relational* talking?”

Participant 2: “Yes, yes, yes, it was only that one because the *I as a Relational* needed to have time for itself.”

Analysis: The participant constructively elaborates the NON-DIALOGUE field by the synthesis of other meaning-complex MONOLOGUE vs. NON-MONOLOGUE. There is an enlargement of the MONOLOGUE field, sustained by the meaning – Compensation (“*I as a Relational* needed to have time for itself”). As the *I as a Relational* I-position was being harmed and neglected in the previous dialogue between the two, the participant endorses a monologue of this I-position. The circumstantial and non-definitive nature of this dogmatic structure allows an artificial reduction of the ambivalence.

Week 3 – Interaction between *I as a Relational* and *I as a Mother*

Participant 2: “Everything is beginning again, you know, we had a wonderful date and I think it was really important for both of us. (...) Everything is coming together. The *I as a Relational* was amazing, I think it went very well and everything else ends up having good consequences, doesn't it?”

Interviewer: “Since the *I as Relational* was ok, it ends up...”

Participant 2: “...affecting the *I as a Mother* as well, of course”.

Analysis: In this excerpt the participant returns to the development of DIALOGUE by recovering a previously synthesized meaning-complex - ASYMMETRY vs. NON-ASYMMETRY. The meaning Interference (week 1) is reformulated in order to support the enlargement of the NON-ASYMMETRY field – Positive Interference (“*everything else ends up having good consequences*”). However, the ambivalence reintegration is revealed by the elaboration of the tag question “*doesn’t it*” that articulates the need for confirmation, by the listener, of the options chosen in the process of meanings’ negotiation.

Week 4 – Interaction between *I as a Relational* and *I as a Mother*

Participant 2: “*My mother took care of my daughter so we have almost forgotten we have a child during the weekend, marvellous! I as a Relational needs moments like this, without worries, just relaxing. I as a Mother was not active, so it was only the I as a Relational.*”

Analysis: In the presence of the ambivalence’s reintegration (previous example), the participant did not succeed in synthesizing a meaning that would maintain the dialogue between the I-positions. Thus, we witness a movement that already took place in week 2. The field NON-DIALOGUE is constructively elaborated by the synthesis of the MONOLOGUE vs. NON-MONOLOGUE meaning-complex. There is an enlargement of the MONOLOGUE field, sustained by the meaning – Compensation (“*The I as a Relational needs moments like this*”). The participant withdraws to a safe situation of artificially minimal ambivalence between the I-positions, to “get strength” and to be able to undertake new attempts of finding a meaning that would support the desired symmetrical dialogue.

2nd Interview – Interaction between *I as a Relational* and *I as a Mother*

Participant 2: “*Between these positions there is some noise. (...) Therefore, I will try to readjust this in the best way possible. But of course, they interact a lot, not only in a good way but also in a bad way.”*

Interviewer: *“And is there one position that invariably speaks louder than the other?”*

Participant 2: *“It depends on the situations, but maybe the I as a Mother. The I as a Mother is usually more present, but it shouldn’t be like this (...) I think that the I as a Mother is also helping to get to know better the I as a Relational. There are always thoughts and actions that one had never had or had not known. (...) It is a new role and therefore it helps to get to know the I as a Relational side much better in order to try to balance the situation.”*

Analysis: In the last interview, the participant returns to the enlargement of the DIALOGUE field. This enlargement is initially supported by a meaning, which was again and again used, and always ends up being dumped or reformulated – Interference (“*they interact a lot, not only in a good way but also in a bad way*”). The researcher proposes the ASYMMETRY vs. NON-ASYMMETRY meaning complex (“*is there one position that invariably speaks louder than the other?*”) and there is the enlargement of the ASYMMETRY field sustained by the synthesis of a new meaning – Activation (“*the I as a Mother is usually more present*”). The *moralistic macro-organizer* (“*it shouldn’t be like this*”) maintains the tension inside the ASYMMETRY vs. NON-ASYMMETRY meaning-complex. The participant willingly seeks to diminish the ambivalence, in order to prevent any backward movement in her search for new meanings that sustain a different dialogue between the I-positions. In this way, there is an enlargement of the NON-ASYMMETRY field supported by a reformulation of the initial meaning – Enriching Interference (“*the I as a Mother is also helping to get to know better the I as a Relational*”). The participant elaborates two projections of this dynamics into the future, involving the emergence of two meanings that might be able to establish the dialogue and symmetry between the I-positions – Redefinition of Limits (“*readjust this in the best way possible*”) and Equilibrium (“*try to balance the situation*”).

Table II - 2. Summary of the interactions between the participants' I-positions

Participant	1 st Interview	Week 1	Week 2	Week 3	Week 4	2 nd Interview
1	Isolated Monologue	Intentional Monologue	Authoritarian Dialogue	Authoritarian Dialogue	Cooperative Dialogue	Authoritarian Dialogue
2	Authoritarian Dialogue	Cooperative Dialogue	Intentional Monologue	Cooperative Dialogue	Intentional Monologue	Cooperative Dialogue

7. CONJUGALITY AND MULTIVOCALITY: A CLOSE RELATIONSHIP?

The two presented cases gather regularities and idiosyncrasies that seem interesting. P1 is in the first stage of the couple's life cycle – formation of the couple, whose main developing tasks involve the clear definition of the marital system and the redefinition of the limits regarding the origin families. P2 is at a different stage – the family with small children – and the required actions are related to the acceptance of the parental role and the redefinition of the limits regarding the children and the marital couple (McGoldrick & Carter, 1982; Nichols, 1984; Nock, 1982). Therefore, in P1 the *I as a Relational* I-position was recently introduced in the self-system and in order to define itself (to delimit its time and space) it has to negotiate with the I-position that most vehemently opposes its integration – *I as a Daughter*. In P2 the *I as a Relational* I-position had already conquered a place of power in the self-system and the “overwhelming” entry of the *I as a Mother* I-position demands a “battle of titans”. We believe that the presence of this confrontation between I-positions of great affective/relational power (*I as a Daughter/I as a Relational* and *I as a Mother/I as a Relational*) is linked to the fact that both participants are female. “The role or function performed by each partner of the couple is impregnated with myths connected with the fact of being a woman or a man, still obeying to family, cultural and personal beliefs” (Gameiro, 2007, p. 29) and therefore the participants' dilemma is not separated from the role mostly performed by women in the Portuguese culture – emotional caretaker and relationships' manager.

To face these “internal war” episodes, or in other words, these moments of threat to the multivocal nature of the self, the participants take different paths. In the first interview, the P1’s apprehension to rehearse an encounter between the *I as a Relational* and *I as a Daughter* is clearly assumed and she is intentionally blocking the introduction of novelty in the meaning-making process. To face the initial difficulty in putting into perspective an adaptive dialogue between these I-positions, she chooses to deny and avoid this dialogue, thus assuring that the two positions remain intact. However, during the recurrent research of the dynamics between I-positions required by DAT, P1 ends up assuming the unavoidable existence of a dialogue between these central and important I-positions. In this way, she takes the risk of exploring different meanings to manage the tension inside the DIALOGUE vs. NON-DIALOGUE meaning-complex allowing her to escape from the vicious cycle of these two meaning fields. The last interview seems to reveal the strategy adopted by the participant to reduce ambivalence and to manage the dialogical interaction between the two I-positions: she accepts the presence of a dialogue, but only an asymmetric one in which the actual dominant I-position of the self-system– *I as a Relational* – decides the course of the conversation. The meaning-making process developed by P2, on the other hand, was a process always open to novelty. She initially assumes the existence of a dialogue between the *I as a Mother* and the *I as a Relational*. However, the discomfort that results from this interaction, which invariably has been favouring the *I as a Mother* position, sets up a movement of change. In order to counteract this ambivalent asymmetry, P2 undertakes the test of different meanings, but she was not able to elaborate a meaning that would support a balanced dialogue. Therefore, the participant adopts a different strategy from P1: she promotes the monologue of the *I as a Relational*, the I-position that according to her was being harmed. These moments of monologue produce a functional quality for the dialogical self, because a specific I-position can function at a certain moment as an anchorage point around which the entire self system organizes itself (Hermans, Kempen & van Loon, 1992). The compensation strategy is efficient in the reduction of the ambivalence and allows a subsequent return to the dialogue between the I-positions.

The interesting progressive nature of the results seems to suggest that the Dialogical Articulation Task (DAT) might be a valuable device to study and change the semiotic organizers underlying self dynamics. In the externalization process required by the task the

implicit organizers that regulate the inner dynamics of the self-system are “transcribed into concrete meaningful actions [the weekly events] through its transformative contextualization” (see Valsiner, 2007, p. 215, parenthesis added). Or in other words, the sustained accomplishment of this self-reflexive task seems to introduce novelty and stimulate the capacity for self-regulation. In fact, during the last interview it is possible to note some regularities in the participants’ results: on one hand, they both centre the dynamics between the I-positions in the dialogue field; on the other hand, they undertake the test of several meanings looking for support for this dialogical interaction and they both end up proposing the redefinition of limits as a functional solution. This recurrent need of redefinition of the limits between the *I as a Relational* and other identity positions seems to enhance the theoretical concept that the couple, the marital pair, should be seen as a triad because it is constantly including and excluding *a third* (Bowen, 1984; Bénoit, Malarewicz, Beaujean, Colas & Kannas, 1988; Relvas, 2000).

The normative changes of the couple’s life cycle seem to represent moments of crisis in the multivocality management of the self system. Nevertheless, this crisis should be understood, according to the curious definition of Minuchin (1979), as opportunity and risk: opportunity of change and risk of pathology. The dialogical self is an intricate system susceptible of both change and stabilization. Contrarily to the moments of monologue as defined above, the monological interaction (refusal of dialogism) reduces the multiplicity of I-positions to an authoritarian one making the negotiation of meanings difficult (see Gonçalves & Guilfoyle, 2006). In this way, the person stands in the place of an actor in a script defined by others (society, culture, significant others). At these moments, the self works as a closed system that, facing unexpected situations, reacts in a restrictive way. However, when the individuals are willing to search for a wide range of meanings, to deal with change and with the unexpected, their self-system reveals characteristics such as flexibility and capacity of adaptation. The dialogical interaction between the I-positions is the best way to protect the multiplicity of meanings and to allow the person to remain the co-author of his own process of change. The continuous search for an adaptive and dynamic balance between these two poles (stability and change) is the only way to guarantee that individuals will never “disarm from the desire to be others” (as poetically says the Mozambican writer Mia Couto).

8. REFERENCES

- Abbey, E. & Valsiner, J. (2004, December). Emergence of Meanings Through Ambivalence [58 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research* [Online Journal], 6(1), Art. 23. Available at: <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-05/05-1-23-e.htm>.
- Bénoit, J., Malarewicz, J., Beaujean, J., Colas, Y. & Kannas, S. (1988). *Dictionnaire Clinique des Thérapies Familiales Systémiques*. Paris: Éditions ESF.
- Bowen, M. (1984). *La Différenciation du soi, les triangles et les systèmes émotionnels familiaux*. Paris: Éditions ESF.
- Cooper, M. (2003). “I-I” and “I-ME”: Transposing Buber’s interpersonal Attitudes to the intrapersonal plane. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 131-153.
- Cooper, M. (2004). Encountering self-otherness: “I-I” and “I-Me” modes of self-relating. In H.J.M. Hermans & G. Dimaggio (eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy*. New York: Brunner-Routledge, 60-73.
- Couto, M. (2003). *Vozes anotecidas. Contos*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Dimaggio, G., Salvatore, G., Azzara, C. & Catania, D. (2003). Rewriting self-narratives: The therapeutic process. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 155-181.
- Diriwächter, R., & Valsiner, J. (2006, January). Qualitative developmental research methods in their historical and epistemological contexts [53 paragraphs]. *Fórum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research* [On-line Journal], 7(1), Art. 8. Available at: <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-06/06-1-8-e.htm>.
- Diriwächter, R., Valsiner, J., & Sauck, C., (2005). Microgenesis in making sense of oneself: Constructive recycling of personality inventory items. *Forum Qualitative Social Research*, 6, (1), Article 11. Retrieved (19/05/2005) from <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs>.
- Duarte, F., Rosa, C. & Gonçalves, M. (2006). Self and dialogical articulation of multivocality: Proposal of an analysis model. *International Journal of Idiographic Science*, Article 2. Available at: <http://www.valsiner.com/articles/molenvals.htm>.
- Gameiro, J. (2007). *Entre marido e mulher...Terapia de casal*. Lisboa: Trilhos Editora.

- Gonçalves, M. & Guilfoyle, M. (2006). Dialogism and psychotherapy: therapists and client's beliefs supporting monologism. *Journal of Constructivist Psychology*, 19, 251-271.
- Hermans, H.J.M. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, 119, 31-50.
- Hermans, H.J.M. (2001). The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, 7, 243-281.
- Hermans, H.J.M. (2003). The construction and reconstruction of a dialogical self. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 89-130.
- Hermans, H.J.M. & Dimaggio, G. (2007). Self, Identity, and Globalization in Times of Uncertainty: A Dialogical Analysis. *Review of General Psychology*, vol. 11 (1), 31-61.
- Hermans, H.J.M. & Hermans-Jansen, E. (1995). *Self-narratives: The construction of meaning in psychotherapy*. New York: Guilford.
- Hermans, H.J.M. & Kempen, H. (1993). *The dialogical self: Meaning as movement*. San Diego: Academic Press.
- Hermans, H.J.M., Kempen, H. & van Loon, R. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47, 23-33.
- Josephs, I. & Valsiner, J. (1998). How does autodiologue work? Miracles of meaning maintenance and circumvention strategies. *Social Psychology Quarterly*, 61, 68-83.
- Josephs, I., Valsiner, J. & Surgan, S. (1999). The process of meaning construction. In J. Brandtstädter & R.M. Lerner (eds.), *Action and self-development: Theory and research through the life span*. Thousand Oaks: Sage Publications, 257-282.
- Leiman, M. & Stiles, W.B. (2001). Dialogical sequence analysis and the zone of proximal development as conceptual enhancements to the assimilation model: The case of Jan revisited. *Psychotherapy Research*, 11, 311-330.
- Linell, P. & Marková, I. (1993). Acts in discourse: From monological speech acts to dialogical inter-act. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 23, 173-195.
- McGoldrick, M. & Carter, E. (1982). The family life cycle. In: Walsh, F. (ed.), *Normal Family Processes*. New York: The Guildford Press, 167-195.

- Minuchin, S. (1979). *Familles en Thérapie*. Paris, ed. by Jean Pierre Delarge (1991). *Calidoscopio Familiar, imágenes de violencia e curación*. Barcelona: Ed. Paidós.
- Nichols, M. (1984). *Family therapy concepts and methods*. New York: Gardner Press.
- Nock, S. (1982). The life-cycle approach to family analysis. In B. Wolman et al. (eds.), *Handbook of Developmental Psychology*. New Jersey: Prentice-Hall Inc., 636-651.
- Relvas, A.P. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A.P. (2000). *Por detrás do espelho. Da teoria à terapia com a família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Shotter, J. (1999). Life inside dialogically structured mentalities: Bakhtin's and Volshinov's account of our mental activities as out in the world between us. In J. Rowan & M. Cooper (eds.), *The Plural Self: Multiplicity in Everyday Life*. London: Sage, 71-92. .
- Siegler, R.S., & Crowley, K. (1991). The microgenetic method: A direct means for studying cognitive development. *American Psychology*, 46, 606-620.
- Valsiner, J., (2002a). Forms of dialogical relations and semiotic autoregulation within the self. *Theory and Psychology*, 12, 251-265.
- Valsiner, J. (2002b). Irreversibility of time and ontopotentiality of signs. *Estudios de Psicología*, 23, 49-59.
- Valsiner, J., (2004a). The promoter sign: Developmental transformation within the structure of dialogical self. Paper presented at Symposium *Developmental aspects of the dialogical self*, Gent, Belgium, July, 12.
- Valsiner, J. (2004b). Semiotic Autoregulation: Dynamic sign hierarchies constraining the Stream of Consciousness. Paper presented at the Seminar on Symbolic Forms. *Ecole Normale Supérieure*, February, 6, Paris.
- Valsiner, J. (2005). Scaffolding within the structure of Dialogical Self: Hierarchical dynamics of semiotic mediation. *New Ideas in Psychology*, 23, 197-206.
- Valsiner, J. (2006). From double stars to dialogical self: Constructing new theoretical explanatory systems. Invited presentation at the Conference *Interaction et pensée: perspectives dialogiques*. October, 13, Lausanne.

- Valsiner, J. (2007). Constructing the internal infinity: Dialogic structure of the internalization/externalization process – A commentary on Susswein, Bibok, and Carpendale’s “Reconceptualizing Internalization”. *International Journal for Dialogical Science*, 2, (1), 207-222.
- Watzlawick, P., Bavelas, J.B. & Jackson, D. (1967). *Pragmatics of human communication: A study of interactional patterns, pathologies, and paradoxes*. New York: Norton.

CAPÍTULO III
UM OLHAR EMPÍRICO SOBRE A IDENTIDADE DIALÓGICA:
UM ESTUDO SOBRE A CONJUGALIDADE

CAPÍTULO III

UM OLHAR EMPÍRICO SOBRE A IDENTIDADE DIALÓGICA: UM ESTUDO SOBRE A CONJUGALIDADE³

1. RESUMO

De acordo com a teoria dialógica, a identidade é constituída por uma comunidade de posições (*I-positions*) que “dão voz” a perspectivas distintas e que colaboram na co-construção do significado de cada vivência e na permanente actualização do sentido de identidade. A conjugalidade é uma dimensão central do mundo relacional e da identidade do ser humano. O casal funciona como uma micro-sociedade, enfrentando um conjunto diversificado de expectativas, constrangimentos e exigências. As competências de gestão desenvolvidas neste domínio da vivência humana são evidenciadas no papel proactivo desempenhado pela posição de identidade (*I-position*) *Conjugal* nas dinâmicas do sistema identitário. Para aprofundar empiricamente as estratégias de organização da identidade dialógica desenvolvemos uma entrevista que permite aceder ao repertório de posições de identidade (Tarefa de Articulação Dialógica, TAD) e analisámos as dinâmicas intrapessoais em três momentos distintos do ciclo de vida conjugal.

2. INTRODUÇÃO

*“Enquanto os amantes viajam por mares azulados,
o casal dá à costa nas margens da realidade.”*
(Sylvie Tenenbaum)

³ Este estudo foi submetido para publicação na revista *Psychologica* com a seguinte co-autoria Catarina Rosa & Miguel Gonçalves.

O casamento e a família foram provavelmente, desde sempre, as noções socioculturais mais promovidas, valorizadas e com mais impacto na vivência humana. É também inquestionável a influência da sociedade e da cultura, e dos significados a elas associados, na determinação das necessidades afectivas dos sujeitos, na sua conduta e na própria identidade (Valsiner, 2006). Na sociedade ocidental persiste uma visão do casamento como factor de estabilidade, segurança e crescimento pessoal (Relvas, 1996).

Quando dois sujeitos assumem o compromisso de construir um projecto de vida comum, surge a conjugalidade. No entanto, este é apenas o primeiro passo de um longo percurso. Como refere Relvas (1996, p. 54) “a formação e manutenção do casal é um processo de mudança contínua, de construção do modelo próprio que, para além dos dois parceiros, envolve o permanente equilíbrio relacional com terceiros excluídos ou incluídos”. Na relação de casal “um e um são três” (Caillé, 1991) e este paradoxo é elucidativo da complexidade única desta dinâmica relacional. Cada dimensão que povoa este “terceiro elemento” desempenha uma função específica: as expectativas individuais determinam o leque de opções; as pressões sociais constroem as escolhas; o modelo específico de relação distingue os parceiros de dois estranhos; as famílias de origem determinam a bagagem genético-cultural; os amigos relembram experiências partilhadas; as profissões testemunham a progressão; os filhos são a herança comum.

A formação do casal marca o início de uma nova família. Portanto, a influência da passagem do tempo na vivência da conjugalidade é indissociável da sequência de transformações previsíveis na organização familiar ou etapas do ciclo vital da família (Carter & McGoldrick, 1980; Nichols, 1984; Nock, 1982; Relvas, 1996). No tempo do casal é possível identificar três estádios distintos, separados pelo cumprimento de tarefas específicas (DeFrank-Linch, 1986, *in* Relvas, 1996). O primeiro momento corresponde à fusão do EU e do TU na procura da co-construção de um NÓS, existe uma intimidade crescente, mas ambivalente e as incertezas e tensões são suavizadas pelo desvio do investimento para outras áreas igualmente importantes, como por exemplo a profissão. No segundo momento assiste-se a um retorno ao EU e ao TU, surge a rotina e o aborrecimento, a exigência da multiplicidade de solicitações aumenta o risco de desmembramento que, muitas vezes, é contrariado através de uma focalização quase exclusiva e obsessiva nos filhos. Ultrapassado este período exigente, o casal entrará num momento de reencontro e de

reorganização de um novo NÓS, no qual cada um dos elementos será capaz de desenvolver, de forma mais madura, a sua independência e autonomia.

O carácter central da conjugalidade na vivência humana e as competências de gestão e adaptação à mudança desenvolvidas neste domínio experiencial reflectem-se numa participação activa da posição de identidade (*I-position*) *Conjugal* no sistema de identidade. Entendemos que os movimentos desenvolvidos por esta posição específica do eu, para se relacionar e estabelecer limites com as restantes posições do sistema identitário, serão um bom mapa de referência para trilhar as transformações dinâmicas que ocorrem na identidade dialógica adulta. Neste artigo apresentamos um estudo desenvolvido com o objectivo de aprofundar as regularidades e especificidades da estrutura e organização da identidade dialógica em três momentos distintos do ciclo de vida conjugal.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

3.1. A Identidade Dialógica: Estrutura e Organização

“Sê plural como o universo!”

(Fernando Pessoa)

Para sermos bem sucedidos no confronto com a diversidade de solicitações, contextos e relações em que nos movemos nos dias de hoje, é-nos exigida uma multiplicidade de recursos e uma capacidade eficiente de adaptação e renovação. A dificuldade em conciliar esta complexidade experiencial com a imagem de uma identidade integrada e unificada desencadeou na última década uma proliferação de desenvolvimentos teóricos para a reformulação e actualização deste conceito. A teoria dialógica defende que numa mesma pessoa convivem e interagem diferentes vozes, que são interdependentes entre si e dos cenários em que são mobilizadas. Deste ponto de vista, a identidade é conceptualizada como uma comunidade de posições que dão voz a perspectivas distintas sobre cada momento experiencial. Estas diferentes avaliações não ecoam de forma isolada, estão interligadas através de relacionamentos dialógicos, resultando numa pluralidade de

consciências e mundos que promove a constante actualização do sentido de identidade (Hermans, 2001, 2006). Neste sistema de identidade multivocal podemos identificar duas características importantes: a estrutura, que varia com o número e variedade de posições, e a organização, que se refere à capacidade de movimentação e comunicação entre posições, de acordo com as exigências da situação (Hermans, 2000).

O repertório de posições de identidade não deve ser entendido como um conjunto pré-definido e delimitado de perspectivas. A identidade dialógica caracteriza-se por uma possibilidade inesgotável de integração de novas vozes, pelo que o sistema é permanentemente reconstruído e recriado ao longo do desenvolvimento. A cada episódio experiencial a paisagem identitária é modificada: as posições que são relevantes para cada momento “aqui e agora” passam a ocupar o núcleo activo do sistema e as restantes permanecem temporariamente inactivas ou em *background*. A existência de um repertório altamente diversificado, aliada a uma possibilidade permanente de inovação é, sem dúvida, uma das maiores potencialidades desta concepção de identidade.

As diferentes posições do eu podem envolver-se em dinâmicas distintas. Quando a interacção entre as posições de identidade não considera a noção de mutualidade sistémica das partes estamos perante uma relação monológica, que se caracteriza “pela tentativa de um dos intervenientes anular qualquer tipo de resposta do seu interlocutor (...) no sentido de não se configurar de uma das partes envolvidas na relação a possibilidade de troca ou construção conjunta de significados” (D’Alte, Petracchi, Ferreira, Cunha & Salgado, 2007, p.7; Valsiner, 2006). Quando, por outro lado, são manifestadas as perspectivas de diferentes posições e se assume que têm igual direito a contribuir para o desfecho da relação, estamos perante uma dinâmica dialógica (Valsiner, 2006). Neste caso, “existe a possibilidade de trocas comunicacionais, negociação e co-construção de significados” (D’Alte *et al.*, 2007, p.7). Qualquer diálogo ou interacção, verbal ou não verbal, requer uma organização, que é obtida pela implementação de um domínio relativo (Linell, 1990, *in* Hermans & Kempen, 1993; Hermans 2008). O facto de existirem múltiplas perspectivas gera desigualdades de poder e existem posições que são negligenciadas ou mesmo não ouvidas (Hermans, 2004; Josephs, 2002). Neste sentido, podemos distinguir diálogos simétricos de assimétricos: quanto mais simétrico for o diálogo, mais permite a influência mútua entre as perspectivas presentes; quanto mais assimétrico, mais constringe a troca de visões diferentes (Hermans

& Kempen, 1993). Este confronto constante entre as diferentes perspectivas da identidade, amplia as hipóteses de escolha, mas exige opções nem sempre pacíficas e que geram níveis diferenciados de ambivalência e conflito. Se as diferentes vozes tiverem igual oportunidade para se manifestar, a capacidade de criar pontes de significado entre posições conflituosas vai sendo desenvolvida e a diferença e a oposição poderão funcionar como motor de inovação e mudança (Dimaggio & Stiles, 2007). Caso contrário, podemos assistir a um momento de estabilidade ou mesmo de estagnação do sistema. Portanto, uma concepção de identidade tão dinâmica exige um sistema de gestão igualmente activo, que ora potencie ora bloqueie o seu próprio desenvolvimento e abertura à inovação (Valsiner, 2002). As dimensões de estabilidade e mudança coexistem na identidade, porque dependem uma da outra: é necessário um certo nível de estabilidade para mudar e é preciso mudar para encontrar estabilidade (Lyddon, 1988, *in* Hermans, 2006).

A cooperação funcional e produtiva entre as diferentes posições vai depender da capacidade de gestão desta complexidade relacional. A importância de aprofundar o modo como se processa esta organização parece-nos inquestionável. O carácter proactivo da identidade na sua própria construção e regulação, ou seja, a sua conceptualização enquanto sistema auto-suficiente, tem sido um terreno produtivo de exploração teórica (Bhatia & Ram, 2001; Fogel, 1993; Hermans, 1996; Honos-Webb & Stiles, 1998; Richardson, Rogers & McCarroll, 1998). No entanto, este investimento não se tem traduzido, por exemplo, na definição de tipos específicos de relações dialógicas que se podem estabelecer entre as diferentes posições de identidade (Cooper, 2003). Partindo do princípio de que a identidade dialógica é um sistema que se auto-regula através da utilização de signos, a análise dos processos de construção de significado desenvolvidos nos encontros entre as posições parece ser um bom caminho para aprofundar as estratégias que regulam a fluidez das dinâmicas intrapessoais (Hermans, 1996; Valsiner, 2002, 2004, 2005).

3.2. A Mediação Semiótica: Estratégia de Gestão Identitária

*“When studying man, we search for and find signs everywhere
and we try to grasp their meaning.”*

(Bakhtin)

A percepção de que vivemos num esforço constante de construção de instrumentos semióticos de auto-reflexão e auto-compreensão serve de fundamento à sugestão de que a mediação semiótica pode ser um contributo importante para o desenvolvimento da teoria dialógica (Leiman, 2002). A identidade multivocal não é o produto de trocas estereotipadas entre símbolos fixos, resulta de “uma interface dinâmica, que se joga e observa em processos de interacção e de mediação semiótica” (Rommetweit, 2003, *in* Hamido & César, 2007, p. 2). O significado de cada posição do eu, e da relação que as une, é constantemente recriado em cada novo encontro. (Fogel, 1993). A identidade recorre à mediação semiótica como mecanismo de auto-regulação dos seus processos, porque é um sistema de controlo flexível que permite criar uma sensação de estabilidade e organização, ainda que temporária e altamente dinâmica (Cortini, Mininni & Manuti, 2004; Valsiner, 2002, 2006).

O trabalho do filósofo Meinong serviu de inspiração para a conceptualização teórica e analítica do processo de construção de significado desenvolvida por Valsiner e colaboradores (ver Josephs & Valsiner, 1998; Josephs, Valsiner & Surgan, 1999; Valsiner, 2005). Segundo os autores a construção de significado ocorre através do desenvolvimento de binómios ou complexos bipolares, que representam a união de dois campos de significado – o campo A e o campo *anti-A*. O segundo funciona como um negativo do campo A e é um domínio extenso preenchido por todos os significados distintos de A. Esta indefinição inicial do campo *anti-A* é um dos elementos vitais do processo de mudança pelo enorme poder criativo e transformador que comporta. A construção de significado tem início a partir do momento em que é sintetizado um complexo {A vs. *anti-A*} (tomemos como exemplo casamento vs. *anti-casamento*). Sempre que um significado é criado ele destaca-se de uma imensidão de significados que se lhe opõe, como numa relação de figura e fundo. Assim, se pensarmos no que significa “casamento”, cria-se de imediato um conjunto de significados que se situam na oposição deste campo (e.g., amizade, divórcio, relações entre irmãos). Cada complexo de significado {A vs. *anti-A*} é delimitado por todo um conjunto de significados que não se relaciona com o complexo, designado Não-A. As transformações que podem ocorrer num complexo de significado envolvem o crescimento do campo A (e.g., casamento tradicional – casamento contemporâneo – casamento de homossexuais...) ou a elaboração do campo *anti-A* (e.g., vida solitária) e podem dar origem a outros complexos de significados que serão necessariamente bipolares (e.g., {B vs. *anti-*

B}. Iremos utilizar esta proposta dialéctica na análise das transformações que ocorrem nas dinâmicas identitárias, isto é, na análise dos movimentos dialógicos que têm lugar entre as diversas posição do eu.

4. MÉTODO

4.1. A Amostra

A amostra é constituída por 9 casais (9 homens entre os 26 e os 61 anos e 9 mulheres entre os 24 e os 58 anos) e encontra-se dividida em 3 grupos que representam diferentes etapas do ciclo de vida conjugal e familiar: grupo 1 – fase inicial do ciclo conjugal, composto por 3 casais sem filhos; grupo 2 – fase intermédia do ciclo conjugal, 3 casais com filhos pequenos e/ou em idade escolar e grupo 3 – fase final do ciclo conjugal, 3 casais com filhos adultos (ver DeFrank-Linch, 1986, *in* Relvas, 1996; Nichols, 1984). O critério de divisão assentou na especificidade dos desafios que a posição identitária *Conjugal* enfrenta nestes 3 momentos de reestruturação do sistema de identidade: a sua criação e integração efectiva no repertório (grupo 1); a sua relação com posições concorrentes pela centralidade e prioridade no sistema (grupo 2) e o seu reposicionamento num momento de redefinição e balanço do sistema (grupo 3).

4.2. O Procedimento

Investigar empiricamente a identidade enquanto projecto continuamente em construção implica necessariamente a inclusão da dimensão temporal (Josephs, 1998). Assim, o processo de recolha de dados ocorreu semanalmente, durante um mês e meio e foi dividido em três momentos distintos: a) entrevista inicial - definição do repertório de posições de identidade e primeira descrição das dinâmicas entre posições; b) 4 entrevistas breves - descrição das dinâmicas entre posições com base num acontecimento significativo para o casal e c) entrevista final - redefinição do repertório de posições de identidade e reflexão final sobre as dinâmicas entre posições. Em todos os momentos foram aplicadas

variantes de uma entrevista semi-estruturada desenvolvida com o objectivo de “dar voz” à comunidade multivocal da identidade – Tarefa de Articulação Dialógica (TAD, ver Rosa, Duarte & Gonçalves, 2008; Rosa & Gonçalves, 2008) (Anexo II).

4.2.1. Entrevista Inicial

A entrevistadora pede aos participantes para identificarem as dimensões mais significativas da sua identidade, que geralmente correspondem a papéis sociais, características pessoais, actividades (por exemplo, *Eu Filha, Eu Conjugal, Eu Pessimista, Eu Desportista*). O repertório de posições de identidade que é definido reflecte apenas o conjunto de posições que, naquele momento “aqui e agora”, ocupa o “palco das operações” do sistema. As restantes posições permanecem em *background*, porque não foram activadas pelo contexto da entrevista. Depois de perceberem que as posições de identidade identificadas personificam as diferentes perspectivas sobre as quais ponderamos, por exemplo, nos momentos de tomada de decisão, os participantes são convidados a imaginar que cada posição é dotada de voz e a descrever a interacção mais frequente entre todos os pares de posições. Por exemplo:

Entrevistadora: *“Relativamente ao Eu Filha e ao Eu Conjugal, estas posições geralmente entram em diálogo?”*

Participante: *“Não. São duas posições que não têm referências uma da outra, são perfeitas desconhecidas. Mas esta dinâmica não é o ideal que tinha imaginado.”*

4.2.2. Entrevistas Breves

Os 4 encontros que se seguem têm contornos específicos. A investigadora pede aos participantes para identificarem o acontecimento da semana mais significativo e que teve mais impacto na relação de casal. Em seguida, são exploradas as dinâmicas intrapessoais que foram activadas pelo acontecimento. Por exemplo:

Participante: “Como acontecimento significativo eu escolho o jantar de segunda-feira, porque foi uma oportunidade para esclarecermos algumas coisas e para eu pedir desculpa.”

Entrevistadora: “Neste acontecimento, o Eu Filha e o Eu Conjugal entraram em diálogo?”

Participante: “Sim, acho que o Eu Conjugal sentiu o bom e o mau do Eu Filha. Pelo lado mau, o facto de ter reagido impulsivamente, sem me preocupar com os outros. Pelo lado bom, a capacidade de reconhecer e corrigir o erro.”

4.2.3. Entrevista Final

Partindo do pressuposto de que a experiência repetida de auto-reflexão desencadeia, por si só, mudanças na forma como perspectivamos a identidade, na última entrevista os participantes têm a oportunidade de introduzir alterações no repertório de posições inicialmente definido. Um exemplo de uma alteração possível diz respeito à activação de uma posição que estava em *background* na entrevista inicial.

Entrevistadora: “Relativamente ao conjunto de posições significativas que definiu há um mês e meio atrás, gostaria de fazer alguma alteração?”

Participante: “Eu gostaria de acrescentar o Eu Amiga. É uma posição que tem estado apagada, mas na qual eu quero reinvestir.”

Por último, os participantes voltam a descrever as dinâmicas que se estabelecem entre as posições, mas são alertados para o facto de ponderarem sobre as variações que foram ocorrendo ao longo das semanas (balanço final).

Entrevistadora: *“Procurando pensar nas diferentes dinâmicas que o Eu Filha e o Eu Conjugal experimentaram ao longo deste mês e meio, acha que elas habitualmente dialogam entre si?”*

Participante: *“Eu pensava que elas não tinham relação nenhuma, (...) que não partilhavam nada. Afinal partilham e partilham aqui, se calhar, não as coisas boas do Eu Filha.”*

Todas as entrevistas foram conduzidas pela primeira autora deste artigo, realizadas em casa dos participantes e gravadas em registo áudio (para posterior transcrição integral). O tempo de duração de cada entrevista variou entre os 30 minutos e as 3 horas.

4.3. A Análise

Para analisar o discurso desenvolvido pelos participantes sobre as dinâmicas entre as posições de identidade recorreremos a uma grelha teórica que assenta no seguinte conjunto de binómios.

4.3.1. Monólogo e Diálogo

Os pólos desta dicotomia representam as duas formas prototípicas de interacção (tipo de interacção) entre posições de identidade. Estes conceitos não coincidem de forma linear com as noções de monológico e dialógico, que se referem ao resultado da interacção. No monólogo apenas uma voz se manifesta, dominando todo o sistema, enquanto as restantes posições ficam em silêncio (Lysaker & Lysaker, 2002; Puchalska-Wasyl, Chmielnicka-Kuter & Oles, 2008). No diálogo são ouvidas diferentes vozes, embora possam apresentar diferenças de poder (Hermans & Hermans-Jansen, 1995; Puchalska-Wasyl *et al.*, 2008). Quanto ao resultado da interacção, este pode variar segundo um contínuo entre monológico (tentativa de recusa ou supressão da natureza dialógica da existência e da comunicação, ver Linell & Marková, 1993) e dialógico (aceitação e celebração da diferença).

4.3.2. Assimetria e Simetria

A perspectiva dialógica não implica apenas a coabitação de diferentes perspectivas, mas igualmente a activação de hierarquias. A presença de relações de domínio na identidade é uma consequência da natureza hierárquica de qualquer sistema flexível (Valsiner, 2006). A hierarquia é um recurso fundamental em qualquer relação, pelo que será importante utilizá-la de forma a potenciar as suas qualidades adaptativas (Guilfoyle, 2006). No sistema identitário podemos encontrar relações onde estão presentes hierarquias rígidas (domínio) e relações onde prevalecem hierarquias não estáticas e funcionais (sobreposição) (Hermans, 1996; Hermans & Kempen, 1993).

4.3.3. Conflito e Ambivalência

O conflito é intrínseco a qualquer sistema dinâmico e múltiplo (James, 1890, *in* Hermans, 1987). A experiência da diferença, da oposição e do conflito é fundamental, é o preço psíquico que pagamos pela liberdade de movimento dentro da mente (Beebe, 2002; Verhofstadt-Denève, 2003). A maior parte das assimetrias e tensões existentes na identidade dialógica são adaptativas e garantem a sobrevivência do sistema nos contextos em que se move (Aveling & Gillespie, 2008). O conflito pode inclusivamente ser visto como um sinal de abertura à mudança e ser promovido como objectivo terapêutico (Honos-Webb & Stiles, 1998). Não obstante, quando mal gerido, também pode originar graves efeitos destrutivos, como a fragmentação do sistema identitário (Verhofstadt-Denève, 2003).

4.3.4. Estabilidade e Mudança

Os momentos de estabilidade do sistema resultam de um suporte mútuo e coexistência harmoniosa entre as posições de identidade. São períodos simultaneamente criativos, nos quais não tem de existir uma coesão concordante permanente. É este carácter dinâmico que distingue esta estabilidade das situações extremas de estagnação ou rigidez (Fogel, 1993; Roberts & Donahue, 1994). Por outro lado, a mudança desenvolvimental

resulta do processo de elaboração, dissolução, comparação e consolidação de diferentes relações e perspectivas. Representa um conjunto de forças de diversidade que empurram a identidade em diferentes direcções e a preparam para o desenvolvimento (Ho, Chan, Peng & Ng, 2001; Valsiner, 2002).

A compreensão das dinâmicas envolvidas na gestão da multivocalidade identitária exige um escrutínio minucioso dos micro-processos que estão a acontecer a cada momento no sistema (Valsiner, 2006). Este objectivo de acompanhar, de perto, o desenvolvimento dos fenómenos no tempo pode ser conseguido através da sequência rigorosa de observações defendida pela tradição metodológica da microgênese (Diriwächter & Valsiner, 2006; Josephs, 1998; Siegler & Crowley, 1991). Neste sentido, desenvolvemos um procedimento de análise microgenética do processo de construção de significado desenvolvido pelos participantes para fundamentar as interacções entre as posições de identidade (ver também em Rosa & Gonçalves, 2008).

Tabela III – 1. Procedimento de análise microgenética do processo de construção de significado

O entrevistador começa por sugerir o complexo de significado {Diálogo vs. <i>anti</i> -Diálogo}, por exemplo “ <i>O Eu Conjugal e o Eu Profissional entram em diálogo?</i> ”. A partir deste estímulo inicial analisamos todo o processo de construção de significado procurando identificar:	
Processo	Exemplo
- Se o participante aceita o campo A (Diálogo) e promove o seu crescimento.	“ <i>Talvez <u>tenha havido um diálogo</u> e estiveram de acordo.</i> ”
- Se o participante rejeita o campo A e elabora construtivamente o campo <i>anti</i> -A (<i>anti</i> -Diálogo).	“ <i><u>Não existe diálogo</u>, porque as duas posições não se encontram.</i> ”
- Se o participante constrói novos complexos de significado a partir de um dos pólos do complexo anterior, (por exemplo {Independência vs. <i>anti</i> -Independência}).	“ <i>Não dialogam, porque fazem as coisas de forma autónoma, <u>são independentes.</u></i> ”

<p>- Se existe uma coexistência harmoniosa (momento de estabilidade dinâmica) ou um estado de rivalidade (oportunidade de mudança) entre os diferentes complexos de significado que vão sendo construídos durante o processo.</p>	<p><i>“Estas duas posições às vezes estão de <u>acordo</u> e às vezes têm <u>opiniões contrárias</u> e esta alternância é positiva.” (estabilidade dinâmica)</i></p> <p><i>“Estas duas posições quando entram em <u>desacordo</u> não conseguem <u>negociar</u> e isto é algo que tenho de mudar, porque gera mal-estar.” (oportunidade de mudança)</i></p>
<p>- Se as estratégias⁴ que o participante constrói para gerir as tensões e rivalidades funcionam como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Instrumentos de restrição e poder (por exemplo, através de significados com grande poder de abstracção - Responsabilidade); ▪ Organizadores semióticos de momentos de co-construção (por exemplo, através do foco numa preferência pessoal). 	<p><i>“As duas posições entraram em <u>desacordo</u> e o Eu Profissional impôs-se, porque <u>tinha mesmo de ser</u>. Estou a trabalhar num projecto importante, nada pode falhar e portanto não me posso desviar desse objectivo.”</i></p> <p><i>“As duas posições entraram em <u>desacordo</u>, mas conseguiram <u>encontrar uma solução de compromisso</u>: o Eu Profissional fala mais alto nesta situação, porque é um investimento que <u>ambas querem</u>.”</i></p>

⁴ Para gerir a tensão e a ambivalência, que estão presentes em qualquer momento de tomada de decisão, são construídas estratégias de *bypass* semiótico. Estes mecanismos mediadores são utilizados como filtros face a conflitos e contradições e podem desempenhar duas funções: a) instrumentos de restrição e estagnação - quando eliminam a tensão através da imposição de um dos pólos do complexo, geralmente pela acção de constrangimentos socioculturais ou b) organizadores semióticos – quando criam o grau de equilíbrio necessário entre as duas opções para a co-construção de um espaço dialógico, do qual resultará uma reorganização mais adaptativa (ver mais detalhes em Josephs & Valsiner, 1998).

5. RESULTADOS

5.1. O Repertório de Posições de Identidade

A constituição, ou estrutura, do sistema de posições de identidade tem sido abordada por diversos autores. Consoante o *background* teórico, ou o objecto de estudo destes contributos, têm sido sugeridos diferentes tipos de posições internas: posições sociais/vozes colectivas e posições pessoais/vozes individuais (Hermans, 2001); posições históricas (Roland, 2001); posições culturais (Bhatia, 2002; Chaudhary & Sriram, 2001; Josephs, 2002); posições centrais e posições periféricas (Hermans, 2003); meta-posições (Cooper, 2003; Hermans, 2003).

Os participantes da nossa amostra identificaram um conjunto diversificado de posições de identidade, que revelou singularidades e regularidades ao longo dos 3 grupos. Neste aglomerado de posições foi possível destacar cinco categorias distintas de posicionamentos: 1) características pessoais; 2) relações interpessoais; 3) actividade profissional; 4) actividades lúdicas e 5) postura reflexiva.

Tabela III – 2. Distribuição das posições de identidade por categoria e por grupo

CATEGORIAS	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3
CARACTERÍSTICAS PESSOAIS	<i>Eu Sociável</i> <i>Eu Emocional</i> <i>Eu Teimoso</i> <i>Eu Bem disposto</i> <i>Eu Conversador</i> <i>Eu Bom Ouvinte</i> <i>Eu Pessimista</i>		<i>Eu Emocional</i> <i>Eu Independente</i> <i>Eu Deprimido</i> <i>Eu Conservador</i>
RELAÇÕES INTERPESSOAIS	<i>Eu Conjugal</i> <i>Eu Filho/a</i> <i>Eu Amigo/a</i>	<i>Eu Conjugal</i> <i>Eu Pai/Mãe</i> <i>Eu Filho/a</i> <i>Eu Amigo/a</i>	<i>Eu Conjugal</i> <i>Eu Pai/Mãe</i> <i>Eu Avô/Avó</i>
ACTIVIDADE PROFISSIONAL	<i>Eu Profissional</i>	<i>Eu Profissional</i>	<i>Eu Profissional</i>
ACTIVIDADES LÚDICAS		<i>Eu Desportista</i> <i>Eu no Lazer</i> <i>Eu Artista</i> <i>Eu Aventureiro</i>	<i>Eu Desportista</i> <i>Eu no Lazer</i> <i>Eu na Bricolage</i>
POSTURA REFLEXIVA	<i>Eu Organizador</i>		

■ Categorias presentes nos 3 grupos da amostra

5.2. As Dinâmicas Intrapessoais

A partir da complexa rede de relações intrapessoais de cada participante, optámos por apresentar os resultados relativos às dinâmicas entre a posição de identidade *Conjugal* e a outra posição do sistema com a qual estabeleceu interacções: a) mais recorrentes (a relação entre as duas posições foi activada nos 6 momentos de recolha de dados); b) mais exigentes e diversificadas (os encontros entre as posições são marcados pela tensão e ambivalência, exigindo uma gestão activa). Entendemos que a compreensão dos mecanismos que os participantes desenvolvem para dar sentido à interacção entre estes pares específicos de posições, poderá funcionar como um importante indicador das oscilações que estão a ocorrer, a cada momento, na organização dinâmica do sistema de identidade. Em 12 dos 18 participantes, esta relação acontece entre duas posições da categoria das relações interpessoais. No entanto, apesar desta tendência geral, é possível identificar especificidades ao longo dos 3 grupos. No grupo 1, a posição *Conjugal* promove este tipo de encontro com posições que representam dimensões de realização pessoal (*Eu Profissional* e *Eu Sociável*) ou com posições que a desafiam e exigem uma redefinição dos limites entre posições (*Eu Filho/a*). No grupo 2, existe um confronto activo com a posição mais prioritária e central do sistema nesse momento (*Eu Pai/Mãe*). A única excepção deste grupo, em que a interacção acontece com a posição *Profissional*, deve-se ao facto de o participante não ter identificado as posições *Conjugal* e de *Pai* separadamente, assumindo-as como um todo indissociável. No grupo 3, a posição *Conjugal* envolve-se com as posições do sistema que são mais valorizadas e investidas (*Eu Pai/Mãe*, *Eu Avô* e *Eu Independente*).

Tabela III – 3. Síntese das dinâmicas entre posições de identidade analisadas

	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3
POSIÇÃO CONJUGAL/ POSIÇÃO PROFISSIONAL	3 Participantes <i>(Eu Profissional)</i>	1 Participante <i>(Eu Profissional)</i>	
POSIÇÃO CONJUGAL/ OUTRA POSIÇÃO RELACIONAL	2 Participantes <i>(Eu Filho/a)</i>	5 Participantes <i>(Eu Pai/Mãe)</i>	5 Participantes <i>(4 Eu Pai/Mãe e 1 Eu Avô)</i>
POSIÇÃO CONJUGAL/ POSIÇÃO PESSOAL	1 Participante <i>(Eu Sociável)</i>		1 Participante <i>(Eu Independente)</i>

■ Dinâmica presente nos 3 grupos da amostra (12 dos 18 participantes)

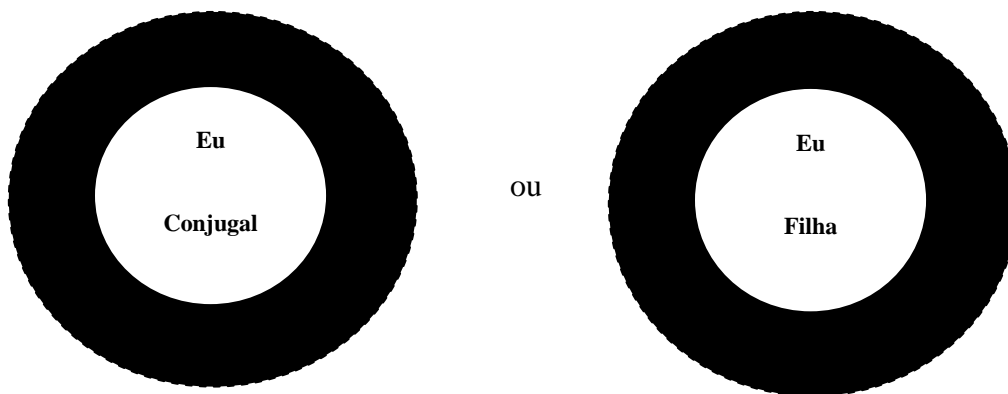
A análise microgenética do processo de construção de significado desenvolvido para fundamentar as interações entre estes diferentes pares de posições permitiu salientar a emergência de processos ou funções comuns no discurso dos participantes. Deste modo, identificámos 6 padrões nas dinâmicas intrapessoais que foram promovidas para garantir a sobrevivência e bem-estar da identidade: A – Padrão de Alienação Monológica; B – Padrão de Exclusividade Intencional; C – Padrão de Autoritarismo; D – Padrão de Liderança; E – Padrão de Multivocalidade Monocórdica e F – Padrão de Complementaridade Dialógica. Convém ressaltar que estes padrões são o resultado da análise de 108 células (6 por participante e 36 em cada grupo) de duas posições de identidade, num momento preciso no tempo. No entanto, a actividade interna da identidade dialógica deve ser entendida como uma combinação extensa de múltiplas células interdependentes, sendo que a cada momento ocorrem em simultâneo diversos padrões (Fogel, 1993).

5.2.1. A - Padrão de Alienação Monológica

O sistema de identidade cria a ilusão de ser habitado por uma única posição cuja perspectiva ecoa sem qualquer *feedback*. Na realidade, o restante repertório encontra-se em *background*, mas esta posição desenvolve um monólogo isolado, não se relacionando com as outras posições por não ter consciência da sua existência. As auto-narrativas tornam-se totalitárias, uma vez que o indivíduo assume que uma determinada construção é a única possível e não emergem alternativas. Trata-se de uma forma rígida de auto-conhecimento que suprime ou restringe a multivocalidade da identidade. Este é um momento de estagnação monológica, porque a presença de uma única perspectiva que nega a possibilidade de existência de outras, impede a inovação do sistema identitário⁵. A manifestação deste padrão gera conflito e ambivalência, quando a pessoa está consciente do afunilamento desencadeado na multivocalidade da sua identidade.

Exemplo: “O *Eu Filha* e o *Eu Conjugal* é que nunca se encontram mesmo. Não se conhecem, não têm referências um do outro, não sabem por onde é que anda um e o outro, são perfeitos desconhecidos. Mas isto não é o ideal que eu imaginei.”

Figura III – 1. A - Padrão de Alienação Monológica



Nota: A cor branca indica a perspectiva que ganha voz

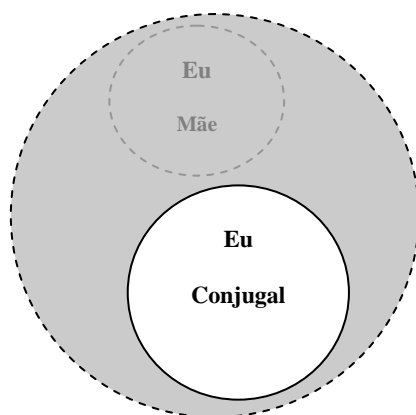
⁵ Exemplos clínicos deste processo são os quadros psicopatológicos em que persistente e rigidamente se utiliza um único estilo de *coping* e um único estilo interpessoal (Hermans & Gonçalves, 1999).

5.2.2. B - Padrão de Exclusividade Intencional

Neste padrão, tal como no anterior, apenas uma posição se expressa. No entanto, neste segundo tipo de monólogo, a posição não nega a existência das restantes, mas recusa-se a entrar em comunicação e a ouvir as suas perspectivas (resultado monológico). A única visão que é manifestada deriva de uma decisão consciente em negligenciar ou evitar as restantes, por ser a opção mais adaptativa para o sistema naquele momento (processo dialógico). Nesta linha interpretativa, o silêncio das posições interlocutoras pode ser entendido como um dispositivo de comunicação e uma estratégia relacional de preparação para uma dinâmica mais dialógica (Fogel, 1993; Ligorio & Pugliese, 2004; Ohnuki-Tierney, 1994, *in* Josephs & Valsiner, 1998; Watzlawick, Bavelas & Jackson, 1967). Este fenómeno foi anteriormente designado de “dialogismo escondido” (Bakhtin, 1981, *in* Valsiner, 2004), significando que a dialogicalidade está presente mesmo numa dinâmica mais monológica. Este padrão pode inclusivamente corresponder a um momento de inovação do sistema identitário quando, por exemplo, permite dar destaque a uma posição anteriormente negligenciada. Portanto, apesar do constrangimento pontual da multivocalidade do sistema, a intencionalidade deste tipo de gestão e a sua função de “preliminar para um diálogo futuro” justificam a ausência de conflito.

Exemplo: *“O Eu como Mãe não estava activo e foi posto de parte. Portanto, foi um momento do Eu Conjugal. Foi só o Eu Conjugal, porque ele precisava de tempo só para si, precisa de momentos como este para se restabelecer e ganhar forças.”*

Figura III – 2. B - Padrão de Exclusividade Intencional

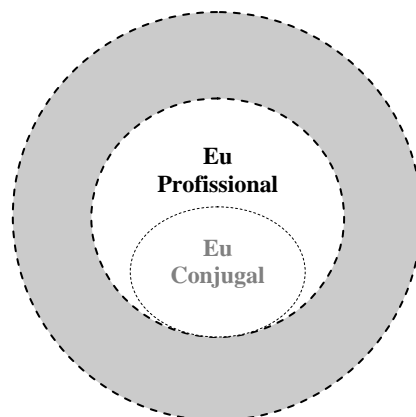


5.2.3. C - Padrão de Autoritarismo

As posições de identidade entram em diálogo directo e o encontro das suas perspectivas é marcado por uma característica que, segundo Linell (1990, *in* Hermans & Kempen, 1993), é intrínseca a qualquer sequência acto/resposta – a assimetria. Qualquer encontro dialógico entre posições diferentes requer uma organização, a qual é obtida pela implementação de um domínio relativo (Hermans, 2008). Neste caso específico, a assimetria activada é disfuncional e desadaptativa para o bem-estar do sistema. Estamos perante uma hierarquia rígida, na qual se verifica o domínio invariável de uma posição, independentemente do contexto (Aveling & Gillespie, 2008). O diálogo, apesar de resultar numa escolha unilateral, não deixa de incluir o contributo de ambas as partes. De acordo com o raciocínio do padrão anterior, a passividade “provisória” da posição subjugada é uma forma de comunicação relacional. Por exemplo, pode ser uma estratégia para obrigar a posição dominante a assumir o máximo de responsabilidade pelas decisões tomadas. O afunilamento que este tipo de dinâmica imprime na diversidade vocal gera conflito, porque põe em risco a sobrevivência do sistema identitário, caso se verifique uma mudança contextual que não adquira significado nos parâmetros da perspectiva dominante. Nesta situação, o sistema poderá optar por desencadear uma inversão no domínio, passando a dominar uma posição anteriormente subjugada (momento de inovação).

Exemplo: *“Estou a atravessar uma fase mais do Eu Profissional, o Eu Conjugal queixa-se e com razão. Estamos a trabalhar num projecto importante e portanto o Eu Profissional tem mesmo de estar no topo das prioridades e ponto final. Mas em termos de futuro, para as coisas correrem bem, eu gostava de os conseguir equilibrar.”*

Figura III – 3. C - Padrão de Autoritarismo

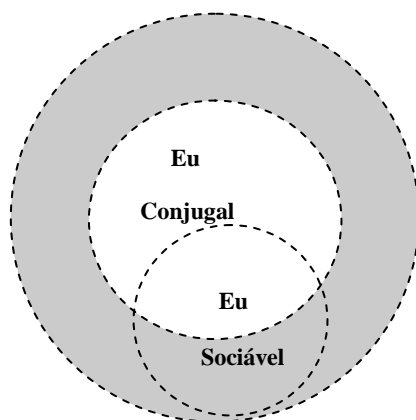


5.2.4. D - Padrão de Liderança

À semelhança do que acontece no padrão anterior as posições de identidade entram em diálogo e a gestão da dinâmica que estabelecem entre si é marcada pela assimetria. Contudo, este tipo de diálogo em que uma voz fala mais alto do que as outras pode funcionar de uma forma fluente e bem distribuída, resultando numa assimetria funcional (Hermans, 2008). A presença de uma hierarquia flexível e tolerante garante a sobreposição alternada de diferentes posições nos contextos em que possuem maior conhecimento ou em que se revelam mais adaptativas (Aveling & Gillespie, 2008). Neste sentido, esta forma relacional pode inclusivamente permitir a inovação do sistema, quando a liderança é assumida por uma posição habitualmente secundária. Numa discussão sobre tendências recentes em literatura, van Loon (2003, *in* Hermans, 2004) propõe um conceito que nos parece enquadrar-se perfeitamente neste padrão – o líder dialógico. Contrariamente ao ditador autoritário e inflexível do padrão anterior, este líder adapta constantemente a sua postura, porque se move entre diferentes posições de acordo com as exigências da situação. O carácter dinâmico e altamente adaptativo desta gestão assimétrica promove o comum acordo entre as posições e justifica a ausência de conflito.

Exemplo: “*O Eu Conjugal tomou uma dimensão maior e mais abrangente do que o Eu Sociável, porque era algo que fazia sentido e que ambos queriam.*”

Figura III – 4. D - Padrão de Liderança

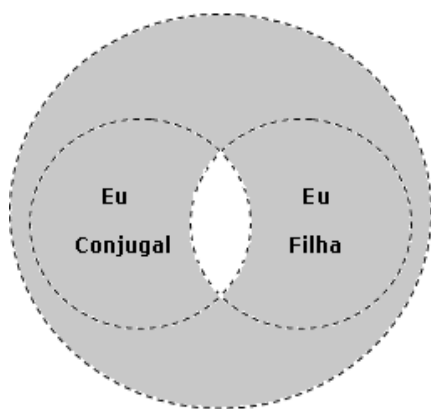


5.2.5. E - Padrão de Multivocalidade Monocórdica

As posições de identidade entram em diálogo, no entanto, contrariamente aos dois padrões anteriores, a sua interacção é caracterizada por uma troca simétrica entre perspectivas muito semelhantes. Portanto, as posições estão disponíveis para um encontro equilibrado, mas não existe um conteúdo ou contexto que as desperte para um papel activo de co-construção. Esta dinâmica pode corresponder a um momento de estabilidade do sistema, necessário e adaptativo, em que as posições limitam intencionalmente o diálogo a interesses e objectivos comuns ou concordantes (função estabilizadora). Um sistema de identidade funcional consegue manter a multivocalidade a circular em torno de uma versão única, repetidamente confirmada, até que alguma alteração exija o estabelecimento de um novo tipo de relação (Lysaker & Lysaker, 2006). Este padrão também pode funcionar como veículo de entrada de novidade no sistema quando, por exemplo, esta dinâmica de afirmação/confirmação se estabelece entre posições habitualmente opostas ou mesmo incompatíveis. Neste caso, as posições criam uma “relação simbiótica de ambivalência” que será a base para a negociação que vão realizar, a qual nem sempre é isenta de tensão e conflito (Hermans, 2004).

Exemplo: *“Eu acho que o que gerou mais desconforto foi a semelhança entre as opiniões do Eu Filha e do Eu Conjugal. Esta concordância causou tensão entre eles, porque não estão habituados a andar a par e passo e a estar de acordo.”*

Figura III – 5. E - Padrão de Multivocalidade Monocórdica

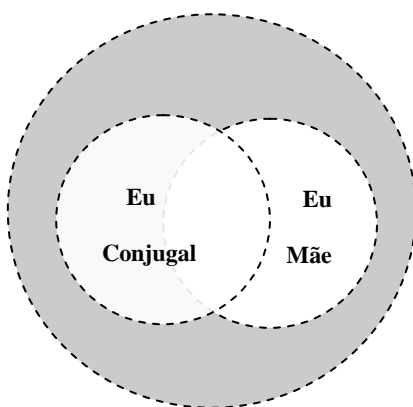


5.2.6. F - Padrão de Complementaridade Dialógica

Nesta dinâmica as posições de identidade entregam-se verdadeiramente ao diálogo e a possibilidade de intercâmbio simétrico atinge a sua potencialidade máxima (Cooper, 2003, 2004). Este padrão pode ser comparado à internet, enquanto plataforma para uma troca social livre, porque funciona como uma estrutura de comunicação e de partilha que apenas depende das posições que a ela recorrem num momento específico, existindo um conjunto ilimitado de contextos para exploração (Van Halen & Janssen, 2004). A natureza dialógica da comunicação é totalmente aceite, criando a possibilidade de emergência de novos significados pela combinação da diversidade de perspectivas. Cada posição é como um co-autor da outra e podemos realmente presenciar movimentos de redefinição e actualização das próprias posições, bem como uma produção conjunta das relações que estabelecem entre si (ver Shotter, 1999).

Exemplo: *“Eu estou a tentar repensar o Eu Mãe e o Eu Conjugal. Portanto, estou a tentar no Eu Mãe ser mais atenta e mais calma. E no Eu Conjugal quero conseguir ter um papel também mais dedicado, mais presente. Por outro lado, eu penso que o Eu Mãe tem ajudado a conhecer melhor o Eu Conjugal, há sempre pensamentos e acções que nunca tinha tido ou que não conhecia. É importante estarem juntos, mas têm de saber o seu lugar. Têm que estar muito bem definidos e ter limites claros.”*

Figura III – 6. F - Padrão de Complementaridade Dialógica



Monólogo		Diálogo			
Perspectiva única		Assimetria entre perspectivas		Simetria entre perspectivas	
Isolamento	Opção	Domínio	Sobreposição	Concordância	Co-construção
Ausência de inovação ↓ Estagnação	Pode ocorrer inovação ↓ Estabilidade ou Mudança	Pode ocorrer inovação ↓ Estabilidade ou Mudança	Pode ocorrer inovação ↓ Estabilidade ou Mudança	Pode ocorrer inovação ↓ Estabilidade ou Mudança	Ocorre sempre inovação ↓ Multipotencialidade
Gera sempre Conflito	Nunca gera Conflito	Gera sempre Conflito	Nunca gera Conflito	Pode gerar Conflito	Nunca gera Conflito
A) PADRÃO DE ALIENAÇÃO MONOLÓGICA	B) PADRÃO DE EXCLUSIVIDADE INTENCIONAL	C) PADRÃO DE AUTORITARISMO	D) PADRÃO DE LIDERANÇA	E) PADRÃO DE MULTIVOCALIDADE MONOCÓRDICA	F) PADRÃO DE COMPLEMENTARIDADE DIALÓGICA

Tabela III – 4. Síntese integradora das categorias de análise discursiva subjacentes à diferenciação dos 6 padrões de dinâmicas intrapessoais

6. DISCUSSÃO

6.1. O Repertório de Posições de Identidade

Uma primeira abordagem ao conjunto de posições de identidade identificado pelos participantes permite salientar duas dimensões que são transversais aos 3 grupos da amostra: a posição *Conjugal* e a posição *Profissional*. As categorias de posições de identidade a que pertencem, relações interpessoais e actividade profissional, reúnem $\frac{3}{4}$ do

total de posições da amostra e representam os únicos domínios do sistema de identidade que são assumidos por todos os participantes (ver Tabela III - 2). Este resultado leva-nos a sugerir que estas categorias poderão funcionar como “um sistema base”, a partir do qual prolifera um conjunto personalizado e indeterminado de domínios experienciais. A centralidade destas dimensões não nos parece alheia ao facto de se reportarem precisamente aos tradicionais papéis sociais. Estamos, provavelmente, perante um exemplo do poder que a influência sociocultural pode exercer sobre a definição do sistema de identidade. Esta interferência não deve ser entendida como linearmente positiva ou negativa, porque pode funcionar como um veículo de constrangimentos, mas igualmente de novas perspectivas (Aveling & Gillespie, 2008). Assim, importa realçar o papel proactivo da identidade na gestão adaptativa deste tipo de influência (Hermans, 2004).

As posições que se reportam a *características pessoais* (foco individual) não foram identificadas por nenhum participante do grupo 2 (Tabela III - 2). Esta ausência parece ser justificada pelo elevado nível de exigência requerido pela gestão das posições referentes à dimensão das relações e à actividade profissional. A necessidade de focalização e investimento nestas posições pode limitar a disponibilidade para a manifestação de outras dimensões identitárias (à excepção de posições referentes a actividades lúdicas, que funcionam como um escape para a pressão resultante da gestão referida). Nos grupos 1 e 3 vários participantes identificam este domínio mais individual que, no entanto, é investido por diferentes razões. No grupo 1, os participantes parecem revelar uma necessidade de aprofundamento do conhecimento das suas características pessoais, no sentido de as utilizar como recursos potenciadores de melhores desempenhos noutras dimensões (nomeadamente, ao nível das relações interpessoais e da actividade profissional). No grupo 3, a reflexão que os participantes desenvolvem sobre estas características assume, por um lado, um carácter retrospectivo, de balanço e reconhecimento do seu papel no percurso do sistema identitário e, por outro, uma vertente mais projectiva, manifestada na motivação de reinvestir e actualizar esta dimensão pessoal.

Do conjunto de posições referentes às *relações interpessoais*, as posições relacionadas com as relações familiares são identificadas por todos os participantes (Tabela III - 2). Ao longo do percurso de vida vão sendo progressivamente integradas novas posições “familiares” (grupo 1 – *Eu Conjugal* e *Eu Filho/a*; grupo 2 - *Eu Mãe/Pai* e grupo

3 - *Eu Avô/Avó*). A posição *Conjugal* tem a particularidade de estar presente nos 3 grupos da amostra, mas o seu lugar no micro-sistema relacional vai variar ao longo do percurso, como veremos mais adiante. A *Amizade* é a única posição relacional extra-família referida e é identificada por alguns participantes dos grupos 1 e 2, maioritariamente do sexo feminino. Apesar de não ocupar um lugar de destaque no sistema, parece desempenhar a importante função de “contentor e suporte” das dificuldades vividas pelas posições centrais. No grupo 3, os participantes parecem atravessar um momento de focalização individual e familiar, não existindo disponibilidade e abertura para o mundo social.

A referência a uma posição *Profissional* é uma constante em todos os participantes, quer se encontrem ainda no activo ou mesmo quando já estão reformados (Tabela III - 2). No entanto, e como seria de esperar, o tipo de investimento que lhe é dedicado vai sofrendo alterações ao longo do ciclo de vida conjugal. No grupo 1, esta posição ocupa um lugar prioritário no sistema identitário, uma vez que os adultos jovens manifestam o objectivo de potenciar domínios como a educação, a carreira e as finanças (Diffmam-Kohli & Westerhof, 1997, *in* Fung, Rice & Carstensen, 2005). Os participantes salientam a necessidade e a motivação de construir uma dimensão profissional sólida e recompensadora em termos de realização pessoal. No grupo 2, o protagonismo do sistema é dividido entre o aumento das exigências familiares e o cumprimento rigoroso das responsabilidades profissionais, com vista a uma evolução progressiva. No grupo 3, encontramos duas situações diferentes: alguns participantes mantêm ainda uma actividade profissional que, no entanto, requer um a dedicação que se resume à manutenção dos níveis de funcionamento e satisfação já alcançados; os participantes que se encontram reformados fazem questão de referir a profissão que desempenharam e o vazio que a sua ausência instalou no sistema.

As posições referentes a *actividades lúdicas* são identificadas apenas nos grupos 2 e 3 e exclusivamente por participantes do sexo masculino (Tabela III - 2). A sua ausência no grupo 1 parece resultar de uma focalização “quase exclusiva” nos domínios familiar e profissional, reconhecidos pelos participantes como mais relevantes para a sua realização pessoal. Neste momento do percurso de vida, os indivíduos querem consolidar a relação que será a base da sua família e a profissão que será a base da sua subsistência. No grupo 3, as posições *lúdicas* parecem ter uma função homeostática no sistema como todo, uma vez que são identificadas pelos participantes que já não exercem uma actividade profissional.

No grupo 2, tal como foi referido anteriormente, estas posições desempenham um papel de “balão de oxigénio” face às exigências constantes das duas dimensões mais centrais – relações familiares e profissão. Curiosamente, esta função de escape, face às maiores exigências que o sistema enfrenta, é desempenhada pela posição *Amizade* no sexo feminino e pela posição *Lúdica* no sexo masculino. Este enviesamento de género parece ser uma consequência imposta pela herança sociocultural, representando uma forma de constrangimento sobre a predisposição individual para definir e desenvolver diferentes posições de identidade (Hermans & Kempen, 1993). A formatação sofrida ao longo do percurso de vida, através da educação e da socialização, vai delimitando o campo de possibilidades perspectivado. Algumas posições são aprovadas e valorizadas (logo desenvolvidas), enquanto outras são desaprovadas, criticadas e mesmo rejeitadas (sendo suprimidas do sistema ou mesmo dissociadas). Na realidade, esta influência não é directamente impeditiva da procura, ou mesmo da assumpção, de um leque diversificado de posições de identidade. No entanto, o nível de investimento que os sujeitos se auto-propõem atingir em determinadas posições (relacionadas com as obrigações e responsabilidades morais), constrixe a disponibilidade para a experimentação de novas perspectivas. Portanto, a contextualização sociocultural pode constituir uma ameaça à criatividade identitária e à manutenção de uma identidade multivocal (Hermans & Kempen, 1993).

A única posição referente a uma postura reflexiva, *Eu Organizador*, foi identificada por uma participante do grupo 1 e adicionada ao sistema na entrevista final (Tabela III - 2). Ao longo do processo auto-reflexivo desencadeado pela TAD, a participante desenvolveu uma posição que é descrita como tendo uma visão mais distanciada e geral sobre o sistema e que é chamada a resolver os dilemas mais importantes que possam surgir entre as restantes posições. Esta posição parece representar o que na literatura é descrito como uma meta-posição ou posição “observadora”, que é capaz de comunicar aberta e efectivamente com as outras posições de identidade, tendo um papel de coordenação ou gestão (Cooper, 2003; Dimaggio, Salvatore, Azzara & Catania, 2003; Hermans, 2003; Hermans & Kempen, 1993; Leiman & Stiles, 2001).

6.2. As Dinâmicas Intrapessoais

O conjunto de padrões identificado nas interações entre as posições de identidade apresenta uma manifestação diferenciada nos 3 grupos da amostra, sugerindo a existência de semelhanças e especificidades na gestão das dinâmicas identitárias ao longo do ciclo de vida conjugal.

O momento inicial do ciclo de vida conjugal (grupo 1) é uma fase que se caracteriza por uma tendência para a manifestação de escolhas proactivas, pelo que os participantes revelam uma motivação acentuada para dar voz, explorar e promover um grupo central e prioritário de posições de identidade. Neste cenário multivocal, os encontros entre perspectivas discordantes são maioritariamente marcados por diálogos assimétricos, que se resolvem pelo recurso a uma hierarquia rígida entre posições – prevalece a voz da posição com mais poder no sistema (Padrão C). No entanto, as restantes posições não são silenciadas e fazem questão de manter a sua perspectiva como “ruído” de fundo. Este duplo movimento de domínio autoritário de uma posição e de não conformismo das restantes tem a implicação esperada de introduzir tensão no sistema. O conflito que se gera entre as posições de identidade, em qualquer um dos três grupos, parece desencadear duas implicações distintas: pode ter um papel adaptativo e desejável como motor de mudança, impulsionando as diferentes posições a confrontarem-se e a explorarem novas formas de relação na sua luta pelo protagonismo - momento de desenvolvimento inovador do sistema; ou pode colocar em risco a capacidade de organização e a sobrevivência da identidade, quando o nível de tensão é demasiado elevado e o sistema se torna incapaz de o resolver - momento de crise (Hermans & Oles, 1996). Os nossos resultados parecem indicar que o receio pelo risco envolvido se sobrepõe à vontade de mudar, porque o número de dinâmicas não conflituosas foi claramente superior nos 3 grupos da amostra. No entanto, no grupo 1 todos os participantes identificaram dinâmicas de tensão, revelando uma motivação elevada para correr riscos e empreender mudanças.

Na fase intermédia do ciclo de vida conjugal (grupo 2), o sistema identitário dos participantes parece sofrer um afunilamento radical que resulta numa motivação para o investimento individualizado em apenas uma posição (monólogo), o qual é desafiado pelas restantes. Esta reestruturação do sistema desencadeia uma alteração na forma preferencial

de relação entre posições, que passa a ser caracterizada pela manifestação alternada de perspectivas únicas (Padrão B). Estes monólogos parecem desempenhar uma dupla função: por um lado, possibilitam que uma das posições centrais se evidencie e exponha a sua perspectiva “a solo”, por não ser adaptativo para o sistema que sejam consideradas outras vozes menos relevantes; por outro, proporcionam momentos de protagonismo de posições negligenciadas, que assim se restabelecem e preparam para futuros diálogos. Esta alternância entre posições centrais e periféricas ocorre de forma pacífica em metade dos participantes deste grupo. Para os restantes, esta forma de gestão representa uma fonte de tensão e conflito que os motiva a testar novas dinâmicas e a promover mudanças.

Na fase mais avançada do ciclo de vida conjugal (grupo 3), os participantes relatam uma tentativa consciente e ponderada de reorganização do sistema identitário, no sentido de um maior equilíbrio na manifestação das diferentes posições. Deste modo, não querendo correr o risco de negligenciar, ou mesmo perder, alguma perspectiva, optam por dar maior relevância ao encontro simétrico entre as posições (Padrões E e F). Embora, no seu conjunto, estes dois tipos de diálogo simétrico se sobreponham às restantes dinâmicas, existem outras duas formas relacionais que se destacam. À semelhança do que acontece no grupo anterior, os participantes referem, em certos momentos, a necessidade de dar voz a perspectivas únicas (Padrão B). Este tipo de dinâmica parece funcionar como estratégia de “compensação”, uma vez que permite dar relevo a posições que foram menos investidas, ou relegadas para segundo plano (*background*), durante o percurso de vida. Por outro lado, este percurso foi-lhes permitindo um conhecimento mais aprofundado das limitações e potencialidades de cada posição. Neste sentido, noutras situações, optam por seleccionar uma posição líder, aquela que melhor representa o sistema (Padrão D). Este momento do ciclo de vida conjugal corresponde ainda a uma fase de maior capacidade reflexiva e introspectiva, bem como de menor impulsividade (Hermans & Hermans-Jansen, 1995). A integração das experiências e aprendizagens acumuladas parece resultar num amadurecimento da capacidade de gestão das relações entre posições de identidade. Consequentemente, este grupo diferencia-se dos anteriores pelo facto de todos os participantes identificarem, pelos menos, uma dinâmica de Padrão F (na qual o encontro entre as perspectivas se caracteriza por um diálogo simétrico de co-construção, sempre inovador e multipotencial). Também exclusiva deste grupo é a ausência de dinâmicas de

conflito, que pode ser justificada pela capacidade de gestão produtiva encontrada e/ou por uma tendência de estabilidade. Neste período de calma e serenidade, os participantes, contrariamente ao que acontece nos grupos anteriores, não parecem interessados em empreender mudanças de risco nas relações intrapessoais (Hermans & Hermans-Jansen, 1995). O seu objectivo principal é encontrar formas de equilíbrio dinâmico entre as posições do sistema. Deste modo, apenas vão introduzindo pequenos ajustes nas interacções que deixam de fazer sentido (Fung *et al.*, 2005). Esta capacidade de adaptação reactiva funciona como uma estratégia de manutenção da estabilidade encontrada, isto é, mudam para “ficar na mesma” (Diffnam-Kohli & Westerhof, 1997, *in* Fung *et al.*, 2005).

7. CONCLUSÃO

As dificuldades que surgiram no processo de interpretação dos resultados evidenciaram algumas limitações metodológicas do estudo. Relativamente à amostra, os problemas prendem-se fundamentalmente com os critérios de definição da amostra global e de discriminação dos 3 grupos. Ao optarmos por uma amostra de conveniência, obtivemos uma heterogeneidade elevada, geral e intragrupos, que dificultou a integração dos resultados. Entendemos que a melhor opção teria sido definir um critério uniformizador da complexa vivência da conjugalidade (por exemplo, casais que se encontrassem a atravessar o mesmo problema/momento particular), bem como um foco específico em cada grupo (por exemplo, no grupo 1 - recém-casados; grupo 2 - pais recentes; grupo 3 - avós recentes). Por outro lado, o facto deste procedimento de amostragem por conveniência não ser representativo da população teórica, e sendo o número de participantes relativamente reduzido, compromete a generalização dos resultados – embora esse não fosse o nosso objectivo inicial. No que respeita ao procedimento de recolha de dados (TAD), também reconhecemos a “falta de foco” como a limitação mais relevante. A pretensão de procurar captar o maior número possível de dinâmicas intrapessoais, em diferentes momentos no tempo, fez-nos ganhar em quantidade de informação, mas provavelmente perder em qualidade. A morosidade de certas etapas do procedimento poderá ter comprometido a capacidade discursiva e de reflexão dos participantes. Entendemos que seria mais

producente manter a dimensão temporal (entrevistas repetidas), restringindo a exploração das dinâmicas a um par específico (por exemplo, analisar apenas relações entre posições que recorrentemente se confrontam ou entram em conflito).

A análise pormenorizada da forma como as posições de identidade lidam com as incertezas, contradições, ambiguidades, concordâncias, desacordos, novidades e desafios permitiu identificar um conjunto de padrões de organização das dinâmicas intrapessoais. No contexto da perspectiva dialógica, a definição de tipologias não deve ser entendida como uma forma de delimitação e generalização estática do processo de construção da identidade, mas antes como uma possível grelha de leitura da multiplicidade de micro-processos que está a ocorrer em simultâneo (Valsiner, 2006). Os nossos resultados apontam para a ideia de que os indivíduos recorrem a padrões semelhantes de dinâmica relacional entre posições de identidade para atingir o mesmo fim – o desenvolvimento, bem-estar e inovação do sistema identitário. No entanto, o percurso que promovem (a sequência de padrões ou a predominância de um determinado padrão) é altamente personalizado e idiossincrático. Análises posteriores são requeridas para a exploração de possíveis combinações entre elementos de diferentes padrões em construções híbridas ou inclusivamente para a descoberta de novos padrões. A possibilidade de identificar os perfis específicos de organização que subjazem a problemas psicopatológicos também se afigura como uma importante linha de investigação futura.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aveling, E. & Gillespie, A. (2008). Negotiating multiplicity: Adaptive asymmetries within second-generation turk's "Society of Mind". *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 21(3), 200-222.
- Bakhtin, M. (1986). The Problem of text in linguistics, philology, and the human sciences: An experiment in philosophical analysis. In M. M. Bakhtin. *Speech Genres & Other Late Essays* (pp. 103-131). Austin: University of Texas Press.
- Beebe, J. (2002). An archetypal model of the self in dialogue. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 267-280.

- Bhatia, S. (2002). Acculturation, dialogical voices and the construction of the diasporic self. *Theory & Psychology*, Vol. 12(1), 55-77.
- Bhatia, S. & Ram, A. (2001). Locating the dialogical self in the age of transnational migrations, border crossings and diasporas. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 297-309.
- Caillé, P. (1991). *Un et Un Font Trois. Le couple révélé à lui même*. Paris, ESF Éditeur.
- Carter, E. & McGoldrick, M. (1980). *The Family Life-Cycle: A framework for family therapy*. New York, Gardner Press.
- Chaudhary, N. & Sriram, S. (2001). Dialogues of the self. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 379-392.
- Cooper, M. (2003). “I-I” and “I-ME”: Transposing Buber’s interpersonal Attitudes to the intrapersonal plane. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 131–153.
- Cooper, M. (2004). Encountering self-otherness: ‘I-I’ and ‘I-Me’ modes of self-relating. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 60-73). New York: Brunner-Routledge.
- Cortini, M., Mininni, G. & Manuti, A. (2004). The diatextual construction of the self in short message systems. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 355-370.
- D’Alte, I., Petracchi, P., Ferreira, T., Cunha, C. & Salgado, J. (2007). Self dialógico: Um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. *Interacções*, 6, 8-31.
- Dimaggio, G., Salvatore, G., Azzara, C. & Catania, D. (2003). Rewriting self-narratives: The therapeutic process. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 155-181.
- Dimaggio, G. & Stiles, W. (2007). Psychotherapy in light of internal multiplicity. *Journal of Clinical Psychology: In Session*, Vol. 63(2), 119-127.
- Diriwächter, R., & Valsiner, J. (2006). Qualitative developmental research methods in their historical and epistemological contexts [53 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 7(1), Art. 8. Consultado em Julho 2008, <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-06/06-1-8-e.htm>
- Fogel, A. (1993). *Developing through relationships: Origins of communication, self, and culture*. Chicago: The University of Chicago Press.

- Fung, H., Rice, C. & Carstensen, L. (2005). Reactive and proactive motivational changes across adulthood. In W. Greve, K. Rothermund & D. Wentura (Eds.), *The adaptive self. Personal continuity and intentional self-development* (pp. 171-183). Washington, USA: Hogrefe & Huber Publishers.
- Guilfoyle, M. (2006). Using power to question the dialogical self and its therapeutic application. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 89-104.
- Hamido, G. & César, M. (2007). Editorial: Dialogismo(s) e construção de conhecimento. *Interacções*, 6, 1-7.
- Hermans, H. (1987). Self as an organized system of valuations: Toward a dialogue with the person. *Journal of Counseling Psychology*, Vol. 34(1), 10-19.
- Hermans, H. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, Vol. 119(1), 31-50.
- Hermans, H. (2000). The position repertory of interviewer and narrator. *Narrative Inquiry*, Vol. 10(1), 191-194.
- Hermans, H. (2001). The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 243-281.
- Hermans, H. (2003). The construction and reconstruction of a dialogical self. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 89-130.
- Hermans, H. (2004). Introduction: The dialogical self in a global and digital age. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 297-320.
- Hermans, H. (2006). Moving through three paradigms, yet remaining the same thinker. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 5-25.
- Hermans, H. (2008). How to perform research on the basis of dialogical self theory? Introduction to the special issue. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 21(3), 185-199.
- Hermans, H. & Gonçalves, M. (1999). Self-Knowledge and self-complexity: A dialogical view. *Constructivism in the human sciences*, Vol. 4(2), 178-197.
- Hermans, H. & Hermans-Jansen, E. (1995). *Self-narratives: The construction of meaning in psychotherapy*. New York, Guilford.
- Hermans, H. & Kempen, H. (1993). *The dialogical self: Meaning as movement*. San Diego, Academic Press.

- Hermans, H. & Oles, P. (1996). Value crisis: Affective organization of personal meanings. *Journal of Research in Personality*, Vol. 30(4), 457-482.
- Ho, D., Chan, S., Peng, S. & Ng, A. (2001). The dialogical self: Converging east-west constructions. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 393-408.
- Honos-Webb, L. & Stiles, W. (1998). Reformulation of assimilation analysis in terms of voices. *Psychotherapy*, Vol. 35(1), 23-33.
- Josephs, I. (1998). Constructiong one's self in the city of the silent: Dialogue, symbols and the role of 'as-if' in self-development. *Human Development*, Vol. 41(3), 180-195.
- Josephs, I. (2002). The Hopi in me: The construction of a voice in the dialogical self from a cultural psychological perspective. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 161-173.
- Josephs, I. & Valsiner, J. (1998). How does autodiologue work? Miracles of meaning maintenance and circumvention strategies. *Social Psychology Quarterly*, 61, 68 – 83.
- Josephs, I., Valsiner, J. & Surgan, S. (1999). The process of meaning construction. In J. Brandtstädter & R. M. Lerner (Eds.), *Action and self-development: Theory and research through the life span* (pp. 257-282). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Leiman, M. (2002). Toward semiotic dialogism: The role of sign mediation in the dialogical self. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 221-235.
- Leiman, M. & Stiles, W. (2001). Dialogical sequence analysis and the zone of proximal development as conceptual enhancements to the assimilation model: The case of Jan revisited. *Psychotherapy Research*, 11, 311-330.
- Ligorio, M. & Pugliese, A. (2004). Self-positioning in a text-based virtual environment. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 337-353.
- Linell, P. & Marková, I. (1993). Acts in discourse: From monological speech acts to dialogical inter-act. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 23, 173-195.
- Lysaker, P. & Lysaker, J. (2002). Narrative structure in psychosis. Schizophrenia and disruptions in the dialogical self. *Theory and Psychology*, Vol. 12(2), 207-220.
- Lysaker, P. & Lysaker, J. (2006). A typology of narrative impoverishment in schizophrenia: Implications for understanding the processes of establishing and sustaining dialogue in individual psychotherapy. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 57-68.

- Nichols, M. (1984). *Family therapy concepts and methods*. New York: Gardner Press.
- Nock, S. (1982). The life-cycle approach to family analysis. In B. Wolman (ed.), *Handbook of Developmental Psychology* (pp. 636-651). Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, Inc.
- Puchalska-Wasył, M., Chmielnicka-Kuter, E. & Oles, P. (2008). From internal interlocutors to psychological functions of dialogical activity. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 21(3), 239-269.
- Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. Porto, Edições Afrontamento.
- Richardson, F., Rogers A. & McCarroll, J. (1998). Toward a dialogical self. *American Behavioral Scientist*, Vol. 41(4), 496-515.
- Roberts, B., & Donahue, E. (1994). One personality, multiple selves: Integrating personality and social roles. *Journal of Personality*. Vol. 62,(2), 199-218.
- Roland, A. (2001). Another voice and position: Psychoanalysis across civilizations. *Culture & Psychology*. Vol. 7(3), 311-321.
- Rosa, C., Duarte, F., & Gonçalves, M. (2008). Self and Dialogical Articulation of Multivocality: Proposal of an analysis. In S. Salvatore, J. Valsiner, S. Strout, & J. Clegg (Eds.), *YIS: Yearbook of Idiographic Science 2008-Volume 1* (pp. XXXX). Rome: Firera Publishing Group.
- Rosa, C. & Gonçalves, M. (2008). Dialogical Self and Close Relationships: Looking for Ambivalences. *Studia Psychologica*. ROK VI, 8, 87-106.
- Shotter, J. (1999). 'Life inside dialogically structured mentalities: Bakhtin's and Volshinov's account of our mental activities as out in the world between us'. In J. Rowan & M. Cooper (Eds.), *The Plural Self: Multiplicity in Everyday Life* (pp. 71-92). London: Sage.
- Siegler, R., & Crowley, K. (1991). The microgenetic method: A direct means for studying cognitive development. *American Psychology*, 46, 606-620.
- Tenenbaum, S. (2000). *Viver bem a vida de casal, afetividade psicologia comunicação*. Porto: Ambar.
- Valsiner, J. (2002). Forms of dialogical relations and semiotic autoregulation within the self. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 251-265.

- Valsiner, J., (2004, Julho). *The promoter sign: Developmental transformation within the structure of dialogical self*. Comunicação apresentada no Simpósio Developmental aspects of the dialogical self, Gent, Bélgica.
- Valsiner, J. (2005). Scaffolding within the structure of Dialogical Self: Hierarchical dynamics of semiotic mediation. *New Ideas in Psychology*, 23, 197-206.
- Valsiner, J. (2006). *Culture in minds and societies: Foundations of Cultural Psychology*. Worcester, New Delhi.
- Van Halen, C. & Janssen, J. (2004). The usage of space in dialogical self-construction: From Dante to Cyberspace. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 389-405.
- Verhofstadt-Denève, L. (2003). The psychodramatical “social atom method“: Dialogical self in dialectical action. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 16(2), 183-212.
- Watzlawick, P., Bavelas, J. & Jackson, D. (1967). *Pragmatics of human communication: A study of interactional patterns, pathologies, and paradoxes*. New York: Norton

CAPÍTULO IV
AS ESTRATÉGIAS DE AUTO-ORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE DIALÓGICA:
A PSICOTERAPIA COMO OPORTUNIDADE DE REESTRUTURAÇÃO
DA GESTÃO INTERNA

CAPÍTULO IV
AS ESTRATÉGIAS DE AUTO-ORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE DIALÓGICA:
A PSICOTERAPIA COMO OPORTUNIDADE DE REESTRUTURAÇÃO
DA GESTÃO INTERNA⁶

1. RESUMO

A identidade, enquanto conceito central na sociedade contemporânea, tem sido uma questão sempre presente na literatura em psicologia e na forma como as diferentes abordagens terapêuticas têm concebido os processos de mudança. De entre as inúmeras perspectivas desenvolvidas em torno desta dimensão do ser humano, parece razoável afirmar-se que o paradigma dialógico tem sido bem aceite por académicos de várias disciplinas e tem influenciado de forma crescente a teoria e prática em psicoterapia. Segundo esta perspectiva multivocal, a funcionalidade psicológica está relacionada com o modo como os indivíduos conseguem articular e colocar em diálogo produtivo as suas várias “vozes” ou posições de identidade. Neste artigo apresentamos uma revisão da literatura sobre as estratégias que subjazem a esta capacidade auto-reguladora do sistema identitário e sobre as directrizes que poderão orientar uma intervenção terapêutica dialógica quando estas falham.

2. INTRODUÇÃO

A identidade afigura-se como um conceito fundamental para compreender a condição humana e o mundo envolvente e para explicar a forma como lidamos com o caos experiencial, pelo que constituiu desde sempre uma questão prioritária de estudo no campo da psicologia. Apesar de ser uma dimensão omnipresente na teoria e na prática psicológica, não é um conceito fácil de definir e tem funcionado como uma fonte inesgotável de desenvolvimentos e publicações. As propostas recentes têm permitido reinventar perspectivas antigas e desenvolver novas visões. A experiência pessoal ocorre num mundo

⁶ Este capítulo foi submetido para publicação na revista *Psicologia: Reflexão e Crítica/Psychology* com a seguinte co-autoria Catarina Rosa & Miguel Gonçalves.

social caracterizado por um nível elevado de multiplicidade narrativa, no qual somos confrontados com um conjunto confuso de escolhas sobre a profissão que queremos seguir, a religião que devemos professar, o modelo de família que gostávamos de constituir, entre outras. O maior desafio de quem vive nas sociedades modernas reside em fornecer unidade e objectivo às suas vidas, em conseguir alcançar um sentido de coerência pessoal e identidade (Angus & McLeod, 2004). Um número crescente de teóricos e investigadores tem defendido que a identidade é um processo fluido e dinâmico, que é construído no tempo a partir de um sentido de autoria e que resulta de um conjunto complexo de estados da mente que são integrados numa identidade narrativa. Cada organização da identidade tem de ser perspectivada como um processo presente ou potencial e não como uma estrutura reificada (Whelton & Greenberg, 2004). A revisão teórica promovida neste artigo assenta na perspectiva dialógica, por entendermos que veio acrescentar dimensões inovadoras e dinâmicas ao conceito de identidade, permitindo-lhe integrar de forma mais efectiva estas implicações da multiplicidade social e cultural do mundo contemporâneo.

A visão dialógica, enquanto teoria de compreensão e estudo da identidade, é herdeira do crescimento da filosofia pós-moderna e da sua repercussão construtivista nas ciências sociais e na psicologia. Deste modo, assume o carácter plural da identidade, em oposição à noção tradicional de entidade central unitária, e defende a co-existência de uma variedade descentralizada de posições do eu que elaboram diferentes significados pessoais sobre uma mesma experiência (Hermans & Kempen, 1993). No entanto, a perspectiva dialógica vai além da conceptualização múltipla da identidade e acrescenta-lhe o carácter multivocal, que se refere ao facto de cada posição ser dotada de uma voz que utiliza para comunicar às restantes os seus pontos de vista, desejos, motivos, sentimentos e memórias (Hermans, 1996). Podemos posicionar-nos em diferentes perspectivas do espaço-tempo identitário e, a partir daí, apresentar diferentes visões (Sarbin, 1993). Estas diferentes vozes, ou posições de identidade, funcionam como personagens de uma história que se relacionam através de um diálogo permanente para troca de informação sobre a sua perspectiva e para defesa da sua especificidade (Hermans & Hermans-Jansen, 2004). Assim, a construção da identidade não resulta de uma multiplicidade de personagens que é organizada por um único autor onisciente, mas de uma pluralidade de mundos e consciências simultaneamente independentes e interligados (Hermans, 2004a). A integração e a

coerência do sentido de identidade obtêm-se através do movimento dialógico entre as diferentes posições do eu (Lysaker, 2006). São precisamente as relações dialógicas que se estabelecem entre as diferentes vozes, e que se caracterizam por serem altamente personalizadas, abertas e inacabadas, que garantem a sobrevivência do sistema identitário (Hermans & Hermans-Jansen, 1995). Sempre que é necessária uma actualização deste sistema, as dinâmicas internas são revistas, promovendo a emergência de novas construções de identidade. Portanto, de acordo com a perspectiva multivocal o sistema identitário consiste numa multiplicidade de identidades dialógicas interactivas (Hermans, Kempen & van Loon, 1992).

À semelhança de uma sociedade em que coexiste uma polifonia de vozes, ora consonantes, ora dissonantes, a identidade multivocal depara-se com a necessidade de gerir a pluralidade de processos que se estabelecem entre as diferentes posições do eu (Hermans, 2002, 2006). A perspectiva dialógica levanta inevitavelmente questões relacionadas com a necessidade de uma complexa e exigente capacidade de organização do sistema identitário. Como é regulada a fluidez de um sistema tão múltiplo e dinâmico, de forma a garantir a manutenção de um sentido de identidade? “Esta noção de identidade narrativa [dialógica], com uma natureza relacional, desreificada e múltipla, envolve a capacidade de fazer escolhas, assumir responsabilidades e exercer controlo” (Matos & Gonçalves, 2002, p. 63). A crença nesta função executiva auto-reguladora da própria identidade abre espaço à sua transformação voluntária e efectiva, nomeadamente, através do processo terapêutico. Neste artigo reunimos algumas conclusões de um estudo empírico anteriormente realizado (ver Rosa & Gonçalves, 2008, 2009) e um conjunto de contributos teóricos com o objectivo de reflectir sobre as estratégias de gestão da multivocalidade, o impacto desta capacidade auto-reguladora na funcionalidade psicológica e a possibilidade de reorganização adaptativa do sistema identitário através de uma intervenção terapêutica dialógica.

3. A ORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE DIALÓGICA: ESTRATÉGIAS DE GESTÃO DA MULTIVOCALIDADE

*"Quem conhece os outros é inteligente,
quem se conhece a si mesmo é iluminado."*

(Confúcio)

Do ponto de vista dialógico, a consciência daquilo que somos e o modo como nos definimos está em constante mudança e cada momento experiencial representa uma oportunidade para a integração de novas partes significativas na identidade multivocal e para a activação de novas dinâmicas entre as posições de identidade (Hermans & Hermans-Jansen, 1995). O sistema identitário pode então ser entendido como uma plataforma privilegiada de coabitação e comunicação entre as diferentes perspectivas que o indivíduo vai assumindo ao longo da sua experiência pessoal. No nosso entender, esta forma de pensar a identidade atribui-lhe um elevado grau de interessante dinamismo e de perigosa instabilidade. A sobrevivência e a adaptação do sistema identitário ao longo do percurso de vida irão depender da capacidade de desenvolvimento e activação de estratégias de gestão específicas, ou seja, da capacidade auto-organizadora da própria identidade.

Somos constantemente confrontados com novas possibilidades que revelam as limitações da nossa visão presente e desafiam a nossa construção de identidade actual. Em resposta, e dada a possibilidade de comunicação e interacção livre entre perspectivas diferenciadas, são activados processos dialógicos de concordância, discordância, negociação, oposição, conflito, que exigem um esforço permanente de gestão adaptativa das dinâmicas envolvidas (Hermans, 2002, 2006). É precisamente através do funcionamento produtivo ou disfuncional desta capacidade de organização que a própria multivocalidade constitui a base para um desenvolvimento adaptativo ou patológico da identidade (Hermans, 2001a; Valsiner, 2002). O facto de criarmos diferentes posições do eu que interagem entre si não é, por si só, funcional ou problemático, tudo vai depender da nossa capacidade de manter em comunicação construtiva os diferentes segmentos da identidade.

Portanto, a questão que se impõe é a seguinte: como se processa este plano interno de auto-organização? Neste artigo propomos que o equilíbrio dinâmico nos movimentos entre as posições do eu (que nos permite experienciar, momento a momento, um sentido integrado de identidade) resulta da acção concertada de três elementos reguladores: um sistema hierárquico (gestão de poder através de relações de assimetria/simetria entre as posições); um sistema de prioridades (gestão de protagonismo pela diferenciação entre posições que ocupam o *palco* ou o *background* do sistema) e a ambivalência (gestão do nível de tensão que garante a troca intersubjectiva entre posições). Passaremos, de seguida, a descrever cada uma destas três estratégias.

3.1. Sistema Hierárquico

Considerar a identidade como uma sociedade multivocal não implica apenas a coexistência de perspectivas distintas que comunicam entre si, mas igualmente a activação de diferenças de poder. Nas trocas dialógicas, as dimensões identitárias estão constantemente a negociar estas diferenças, pelo que, como qualquer outro sistema flexível e organizado, a identidade tem necessariamente subjacente uma natureza hierárquica com características específicas. No repertório de posições identitárias algumas vozes são mais importantes e influentes do que outras. As histórias contadas a partir da perspectiva de uma posição “superior” têm mais autoridade do que as histórias de outras posições. A identidade de cada pessoa difere consideravelmente na extensão em que esta hierarquia se manifesta, a qual dependerá das circunstâncias de vida individuais, da cultura e da sociedade em que a pessoa vive (Hermans, 2006). No entanto, é ponto comum que o funcionamento do sistema hierárquico só é adaptativo quando opera de forma fluente e bem distribuída. Ou seja, quando a interacção entre as dimensões identitárias não é feita de forma aleatória, mas pelo contrário, é desenvolvida segundo o estabelecimento/dissolução de hierarquias temporárias, periodicamente revistas ou actualizadas em resposta às situações de vida (Hemans, 1996; Lysaker, 2006; Valsiner, 2006). Esta forma de gestão flexível permite alcançar uma estabilidade dinâmica, e simultaneamente criativa, que garante a sobrevivência e o desenvolvimento da identidade (Fogel, 1993). No entanto, esta capacidade de organização eficaz pode falhar, dando lugar à desadequação e ao carácter estereotipado e rígido do

sistema hierárquico (Guilfoyle, 2006). Uma das características do ser humano que contribui para bloquear o funcionamento produtivo deste sistema diz respeito à necessidade constante de coerência e estabilidade. Quando surge uma divergência entre diferentes posições, esta é imediatamente interpretada como sinal de ameaça à integridade da identidade. Um sistema hierárquico disfuncional pode afastar o perigo determinando, por exemplo, que uma posição domine invariável e tiranicamente sobre as restantes. Este domínio injustificado empurra a identidade numa direcção monológica e reduz a possibilidade de ocorrer um diálogo que permita a troca e modificação de perspectivas (Hermans, 2004b; Hermans & Hermans-Jansen, 2004; Hermans, Kempen & van Loon, 1992; Salgado & Gonçalves, 2007). A implementação deste tipo de relações assimétricas rígidas entre as posições do eu pode resultar numa estagnação que põe em risco a sobrevivência do sistema de identidade.

3.2. Sistema de Prioridades

Para melhor clarificar o funcionamento da segunda estratégia que regula o conjunto extenso e diferenciado de perspectivas identitárias, iremos recorrer à metáfora do teatro utilizada por Hermans (2006). As dinâmicas do repertório de posições de identidade podem ser comparadas a uma peça com diversos cenários. Em cada cenário, as motivações, os sentimentos, os aspectos culturais, os outros significativos, entre outros, irão determinar a(s) posição(ões) que assume(m) o papel principal e ocupa(m) o *palco*, ficando as restantes temporariamente em *background*. O centro do palco funciona como um contexto onde diferentes posições se podem encontrar para entrar em relação dialógica, com possibilidade de serem encontradas respostas novas e efectivas para as questões com que a identidade se depara. Se todas as posições tivessem voz activa sobre cada situação experiencial, o caos (ruído) resultante impossibilitaria qualquer tomada de decisão e/ou acção. Para evitar o colapso da identidade, o sistema de prioridades opera através da distribuição alternada das posições de identidade nas duas dimensões distintas do sistema (*palco* ou *background*), consoante a sua prioridade actual. As posições que são relevantes para um determinado momento “aqui e agora” ocupam o núcleo activo, ou *palco*, do sistema e podem manifestar-se e trocar as suas diferentes perspectivas. As restantes posições permanecem temporariamente inactivas, sendo empurradas para o *background* da identidade. O

funcionamento adaptativo do sistema de prioridades assenta nesta focalização nas posições relevantes para cada momento, e na assumpção de que qualquer nova situação ou vivência pode criar as condições necessárias para recuperar e trazer a foco as posições anteriormente negligenciadas (Josephs, 2002). Em situação de crise e/ou necessidade de mudança, a identidade tem de ser capaz de expandir a sua visão e de olhar para o todo em busca de alternativas já existentes (Hermans, 2006). Se, no entanto, este sistema de prioridades deixa de ser flexível e coerente, determinadas posições podem ficar permanentemente reduzidas ao *background*, tornando-se inacessíveis e correndo o risco de serem excluídas do sistema. Neste caso, abre-se o caminho para a eliminação de perspectivas que fizeram parte do repertório de posições do eu e que poderiam vir a ser novamente utilizadas. Esta dissociação de vozes identitárias pode resultar num afunilamento patológico da identidade (Stiles, 2002; Stiles & Angus, 2001; Stiles, Osatuke, Glick & Mackay, 2004).

3.3. Ambivalência

O carácter multivocal da identidade aumenta exponencialmente a sua capacidade de resposta face ao conjunto complexo de exigências com que se depara, mas simultaneamente requer opções exigentes (Hermans, 1987). Para reconhecer e lidar com as suas próprias diferenças, contrastes, oposições e para alcançar soluções funcionais para os problemas e desafios com que é confrontada a cada momento, a identidade tem de possuir uma capacidade dialógica altamente desenvolvida (Hermans & Dimaggio, 2007). A possibilidade de serem construídas inúmeras perspectivas, que dialogam e negociam a resposta mais adequada para cada situação, exige processos permanentes de tomada de decisão imbuídos de níveis diferenciados de ambivalência. Neste sentido, acreditamos que este é o terceiro elemento de gestão das dinâmicas relacionais internas. No processo, sempre inacabado, de construção da nossa identidade cada nova contextualização activa novos diálogos e negociações entre as diferentes posições do eu e a imprevisibilidade face à resolução destas interacções evoca sempre um estado de ambivalência. Quando esta ambivalência é o resultado da expectativa pelo encontro entre perspectivas diferenciadas que lutam por fazer prevalecer a sua versão dos acontecimentos, a tensão que é manifestada mantém o sistema activo para testar soluções inovadoras e criativas e garante o seu

desenvolvimento. No entanto, este nível ideal de tensão pode evoluir para um nível demasiado elevado ou para uma situação de ausência de ambivalência, envolvendo o risco de um fechamento defensivo e monológico da identidade. Por um lado, quando surge um desacordo entre diferentes dimensões identitárias, o nível de ambivalência pode aumentar e gerar um conflito no interior do sistema. Podem acontecer duas situações: este conflito resulta do movimento activo entre posições discordantes ou incompatíveis, mas é pontual, acaba por ser resolvido e a ambivalência regressa a um nível funcional (Hermans, 2008); o desacordo não é negociável e instala-se um conflito aberto que evolui para o corte de relação ou dissociação entre as dimensões identitárias, pondo em risco a diversidade de perspectivas e, conseqüentemente, o funcionamento adaptativo do sistema. Por outro lado, a ambivalência pode ser eliminada quando, por exemplo, uma posição domina de forma autoritária sobre as restantes, que não são capazes de fazer ouvir a sua perspectiva. Nestes momentos, a gestão da multivocalidade não é funcional, porque a resposta a cada nova situação é controlada e limitada por uma única opção previamente definida. Só quando a ambivalência for reintroduzida é que a organização será reactivada para produzir resultados diferentes (Abbey & Valsiner, 2004). Neste sentido, o impacto deste terceiro elemento de gestão pode ser resumido em dois aspectos. Quando o diálogo entre as diferentes posições do eu envolve uma negociação que permite chegar a uma solução co-construída, o nível de ambivalência que se mantém entre as perspectivas identitárias é funcional, porque garante a estabilidade pontual do sistema (resolução temporária) e simultaneamente a sua abertura a posteriores mudanças (possibilidade de novas resoluções). Se, no entanto, o encontro entre as posições não for bem sucedido e o seu resultado puder vir a comprometer o funcionamento adaptativo da identidade, a ambivalência será ampliada ou eliminada para exigir o repensar imediato da dinâmica e uma nova exploração do campo extenso de possibilidades disponíveis.

As três estratégias foram apresentadas separadamente, mas na realidade sobrepõem-se para garantir a organização funcional do sistema identitário. Por um lado, os sistemas hierárquico e de prioridades são claramente interdependentes, uma vez que uma posição prioritária terá mais poder e será hierarquicamente dominante, ocupando, por sua vez, o *palco* do sistema. Por outro lado, a presença de ambivalência nas dinâmicas entre posições

garante a activação de reformulações constantes nos dois sistemas anteriores, impedindo a sua rigidez e estagnação. Portanto, o funcionamento adaptativo da identidade dialógica resulta do plano de acção combinado destes três elementos organizadores, o qual é constantemente posto à prova por cada episódio experiencial que representa uma nova oportunidade para o desenvolvimento e/ou ruptura do sistema (Hermans & Hermans-Jansen, 1995). Quando alguma destas estratégias de gestão falha, a capacidade de organização fica comprometida, abrindo caminho ao sofrimento e à disfuncionalidade, que podem cristalizar-se sob o formato de uma patologia.

4. A REORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE DIALÓGICA: ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA

*“Todos estes conceitos necessitam de ser interrogados.
Chegam-nos como a fruta importada: há que descascá-los, prová-los
e avaliar se podem ser produtivos no chão da nossa realidade.”*
(Mia Couto)

A perspectiva dialógica, enquanto grelha teórica de análise, vem introduzir algumas alterações na forma de pensar e intervir na psicopatologia. A multivocalidade funciona como um extraordinário recurso terapêutico, na medida em que se torna evidente que o poder de transformação pode “estar na mão” de posições que já integram o sistema de identidade, mas que não têm voz activa. Portanto, a mudança pode resultar fundamentalmente da activação de recursos já existentes. Uma intervenção terapêutica dialógica irá permitir a reformulação das narrativas identitárias, através do acesso aos diálogos que as fundamentam e actualizam. Na sua essência, a psicoterapia é também um diálogo que poderá promover, diversificar e desafiar as conversações intra e/ou interpessoais dos pacientes (Lysaker & Lysaker, 2004).

A investigação e a prática que têm sido desenvolvidas neste domínio parecem incidir maioritariamente sobre a análise e reformulação do conteúdo narrativo do repertório multivocal. Neste artigo, centramo-nos em contributos que apelam a uma intervenção dialógica nas dinâmicas internas do sistema identitário. Acreditamos que o foco da perturbação psicológica não se restringe a posições isoladas, mas assenta fundamentalmente na natureza das trocas dialógicas que estabelecem entre si (Hermans & Hermans-Jansen, 2004). Deste modo, a prioridade do processo terapêutico deverá residir na reformulação das conversações complexas, heterogêneas e dinâmicas, que ocorrem dentro das pessoas, ou seja, na implementação de mudanças nos aspectos de auto-organização da identidade (Crossley, 2000; Hermans, Rijks & Kempen, 1993).

4.1. Conceptualização Dialógica da Psicopatologia

O bem-estar psicológico tem sido associado ao sentimento de controlo pessoal, de coerência e de integração. Portanto, o carácter multivocal da identidade, enquanto antítese a esta unidade centrada indivisível, poderia ser entendido como sinónimo de fragmentação (Hermans, 2008). No entanto, a teoria da identidade dialógica defende que, apesar do risco de dispersão inerente a uma diversidade de perspectivas, o sentimento de identidade pessoal é preservado se a pessoa mantiver a capacidade e a abertura para se relacionar inteiramente com todas as dimensões de si próprio e dos outros (Cooper, 2003). Cada situação experiencial exige movimentos rápidos entre as múltiplas dimensões da identidade (posicionamentos e reposicionamentos) e o estabelecimento de novas pontes de significado entre elas (interacções dialógicas). Por exemplo, se conhecemos alguém num restaurante que nos lembra um amor adolescente que terminou por desaprovação parental, isso pode invocar instantaneamente várias posições: *Eu como estando a Jantar, Eu como conhecendo uma Nova Pessoa, Eu como Adolescente, Eu como Revoltado, Eu como Filho*. Na maioria dos casos somos capazes de considerar as diferentes posições, de relacionar as suas perspectivas (mantendo um nível funcional de ambivalência) e de seleccionar e dar prioridade àquela(s) que devem orientar o nosso comportamento (funcionamento adaptativo do sistema hierárquico e do sistema de prioridades) (Lysaker, 2006). Portanto, se os posicionamentos/reposicionamentos e o encontro entre as perspectivas identitárias

ocorrerem de forma progressiva, a nossa identidade ganha diferenciação (porque não são eliminadas perspectivas e podem ser adicionadas novas) e integração (porque aumenta a capacidade de negociação e de gestão da tensão entre as diferentes perspectivas). No entanto, certas condicionantes (de ordem interna ou externa) podem comprometer o funcionamento adequado destas estratégias de gestão, ameaçando o desenvolvimento evolucionário da identidade (Neimeyer, Herrero & Botelha, 2006). Uma quebra na auto-organização adaptativa da multivocalidade pode originar o colapso da capacidade de diálogo dinâmico e flexível entre as diferentes dimensões identitárias e, em última instância, a perda do sentido de identidade que se manifesta na psicopatologia. Portanto, a principal diferença entre uma identidade funcional ou disfuncional não reside no número ou na quantidade de posições de identidade (unidade vs multiplicidade), mas na capacidade de gestão das dinâmicas que estabelecem entre si (Hermans, 2008; Lysaker & Lysaker, 2002). Consequentemente, as perturbações psicopatológicas deixam de ser entendidas como um fenómeno em si, qualitativamente distinto da “normalidade”, mas como o resultado de processos disfuncionais de gestão da multiplicidade (Power, 2007).

Partindo deste background dialógico, Lysaker e Lysaker (2001, 2002, 2004, 2006) têm desenvolvido um interessante trabalho em torno da esquizofrenia. Consideram que o comprometimento das narrativas pessoais destes pacientes resulta de uma quebra na capacidade para iniciar, ordenar e organizar as conversações entre as posições de identidade que são necessárias para manter uma narrativa de vida integrada. Em vez de produzirem uma narrativa pessoal com um protagonista coerente, que se move com um propósito através de contextos definidos, as auto-apresentações dos pacientes esquizofrénicos envolvem mudanças bruscas nas posições e contextos (Lysaker, 2006). Assim, os autores defendem que este distúrbio na capacidade de organizar de forma produtiva os encontros entre as dimensões identitárias pode resultar em, pelo menos, 3 formas de perturbação narrativa: narrativa estéril; narrativa monológica e narrativa cacofónica. Tal como Hermans (2006), acreditamos que estes três exemplos de quebra da gestão adaptativa das dinâmicas intrapessoais podem ser generalizados para a psicopatologia em geral e passamos, de seguida, a descrevê-los.

4.1.1. Narrativa Estéril

Esta forma específica de desorganização do sistema identitário parece resultar do bloqueio no funcionamento de uma das três estratégias de gestão anteriormente apresentadas - o sistema hierárquico, e da não activação ou acção das duas restantes – o sistema de prioridades e a ambivalência. A disfunção do sistema hierárquico assenta na implementação de um carácter rígido ou instável, que impossibilita as mudanças periódicas necessárias. O sistema de prioridades e a ambivalência, por outro lado, não chegam a ser activados devido à escassez e pobreza das dinâmicas intrapessoais. O empobrecimento narrativo resultante foi identificado, por exemplo, por Lysaker e Lysaker (2001, 2002, 2004, 2006) na narrativa estéril e por Dimaggio, Salvatore e Catania (2004) nos diálogos empobrecidos. Estes pacientes movem-se num universo povoado por um número limitado de personagens identitárias, cujo diálogo e interacção assenta repetidamente nos mesmos tópicos e fora do qual parece existir um vácuo. Apresentam uma identidade vazia, caracterizada por um número radicalmente limitado de posições inflexíveis, maioritariamente isoladas. Os diálogos internos são mantidos a um nível mínimo, porque as histórias das posições não contêm detalhes ou afectos que permitam ou exijam uma troca intensa e diversificada (Hermans, 2006; Lysaker, 2006; Lysaker & Lysaker, 2004). O maior risco reside no confronto com acontecimentos de vida radicalmente inconsistentes com esta narrativa identitária pobre, que desafiem profundamente esta forma de funcionamento disfuncional (Neimeyer, 2000, cit. *in* Neimeyer & Buchanan-Arvey, 2004). As perturbações dissociativas podem resultar deste tipo de desorganização, uma vez que se caracterizam por uma redução severa da interacção dialógica entre as diferentes partes da identidade e da flexibilidade de movimento entre elas (Hermans & Dimaggio, 2004).

4.1.2. Narrativa Monológica

Neste segundo tipo de desorganização, parece existir um bloqueio generalizado das três estratégias de gestão das dinâmicas internas. O sistema hierárquico e o sistema de prioridades rigidificam e determinam que apenas uma (ou um conjunto reduzido de posições) se mantenha(m), de forma autoritária e inflexível, no comando do sistema. A

acessibilidade às restantes posições é drasticamente reduzida, ou mesmo impossibilitada. O facto de imperar uma visão única, que não encontra oposição, elimina qualquer nível de ambivalência. Vários autores falam das narrativas resultantes deste tipo de desorganização: a narrativa monológica de Lysaker e Lysaker (2001, 2002, 2004 2006), as narrativas dominantes de Hermans e Hermans-Jansen (2004), de Neimeyer e Buchanan-Arvey (2004) e de Neimeyer, Herrero e Botelha (2006), a narrativa saturada pelo problema de White e Epston (1990). Estes pacientes constroem uma história interna consistente, mas que segue um guião tão rígido que resiste a qualquer evolução e impossibilita uma compreensão partilhada de outras perspectivas (Hermans, 2006). A acção e o pensamento da pessoa passam a ser permanentemente conduzidos por esta força singular e tirânica (Hermans & Hermans-Jansen, 2004; Lysaker, Lysaker & Lysaker, 2001). As posições que poderiam introduzir alterações funcionais no sistema identitário são mantidas em *background*, dificilmente acedendo à consciência e podendo, em última instância, ser excluídas do sistema identitário (Hermans & Lyddon, 2006; Power, 2007). São vários os exemplos de psicopatologias que se caracterizam por este domínio de posições que colonizam o sentido individual de identidade e que marginalizam partes alternativas mais adaptativas: nas histórias dos pacientes esquizofrénicos, os acontecimentos são continuamente enquadrados por uma organização imutável singular - Eu como objecto de perseguição, Eu como detentor de uma grandeza (Lysaker, 2006); nos pacientes depressivos, as posições assertivas são dominadas por posições que correspondem a “visões saturadas do problema” (White & Epston, 1990); na perturbação narcísica, os pacientes permanecem impenetráveis, porque a voz narcisista domina as posições que representam a fragilidade (Nicolò, Carcione, Semerari & Dimaggio, 2007). Uma vez que estes pacientes não estão capazes de se mover da imersão na perspectiva dominante para outras visões internalizadas alternativas, o sentido individual de continuidade identitária será seriamente ameaçado caso o contexto mude (Cooper, 2004). Este processo de desorganização pode ser quebrado se a(s) posição(ões) dominantes receberem uma resposta adequada de uma ou mais contraposições, que permita reorganizar a identidade de forma efectiva (Hermans & Hermans-Jansen, 2004). Deste modo, o objectivo terapêutico residirá no restabelecimento do acesso a todas as posições que compõem o repertório identitário e na construção de transições ou pontes de significado entre elas (Neimeyer & Buchanan-Arvey, 2004).

4.1.3. Narrativa Cacofónica

Este terceiro tipo de desorganização das dinâmicas identitárias resulta do não funcionamento do sistema hierárquico e da ruptura do sistema de prioridades e da ambivalência. O sistema hierárquico não é activado, o sistema de prioridades torna-se altamente instável e o resultado é uma ausência de ordenação dialógica do repertório complexo e diverso das posições de identidade. Consequentemente, a ambivalência atinge um nível demasiado elevado para poder ser funcional. Este tipo de desorganização corresponde à narrativa cacofónica de Lysaker e Lysaker (2001, 2002, 2004, 2006), aos diálogos desorganizados de Dimaggio, Salvatore e Catania (2004) ou às narrativas desorganizadas de Salvatore, Conti, Fiore, Carcione, Dimaggio e Semerari (2006). A identidade destes pacientes pode ser descrita como um conjunto confuso de posições que ocorrem em simultâneo e em que cada uma fala sem qualquer ordem ou referência ao que foi dito pelas restantes, resultando numa sobreposição de afirmações desintegradas (Lysaker, 2006). O teatro mental é habitado por uma multidão de personagens, que procura ocupar caoticamente o centro do palco e tem urgência em falar, sem esperar pela interpelação das restantes (Dimaggio, Salvatore & Catania, 2004). Estamos perante um mundo experiencial rico e vivo, mas sem qualquer estrutura de organização eficaz (Hermans, 2006). Os pacientes desenvolvem uma super-produção de narrativas, constroem um tópico em cima de outro, abrem muitos parêntesis que nunca fecham e não dão prioridade/ou maior importância a nenhum destes tópicos (Dimaggio & Semerari, 2004, cit. *in* Salvatore, Conti, Fiore, Carcione, Dimaggio e Semerari, 2006). Esta instabilidade gera um nível de tensão de tal forma elevado que pode activar um conflito aberto entre posições contrastantes (ver exemplo em Ryle & Fawkes, 2007). A impossibilidade de resolver este conflito poderá resultar, em última instância, na ruptura do diálogo entre as várias posições do eu. A perturbação dissociativa da identidade é um exemplo deste isolamento e fragmentação das perspectivas identitárias, correspondendo ao lado patológico do potencial multivocal da identidade dialógica (Hermans & Dimaggio, 2004; Hermans & Gonçalves, 1999). A transformação terapêutica deste conjunto de narrativas identitárias, gerado de forma exponencial e inadequada, num sistema onde as múltiplas posições do eu se

encontrem para dialogar e influenciar mutuamente, vai implicar uma reorganização das dinâmicas internas (Lysaker & Lysaker, 2004).

4.2. A Intervenção Terapêutica Dialógica

Em determinados momentos do percurso de vida, a nossa capacidade de viver e narrar uma identidade multivocal é silenciada e impomos perspectivas redutoras sobre aquilo que somos. Portanto, o objectivo terapêutico será ajudar os pacientes a conhecerem-se e a conversarem consigo próprios de uma forma mais completa e dinâmica. Primeiramente, iremos detalhar um conjunto de componentes que entendemos estarem presentes na reconstrução terapêutica de um sistema identitário dialógico mais funcional e adaptativo: a voz do terapeuta; a consciência da multivocalidade e a acessibilidade ao sistema identitário e a reformulação da gestão das dinâmicas entre posições. Depois desta caracterização apresentaremos três exemplos de métodos que permitem “pôr em prática” estas componentes.

4.2.1. A Voz do Terapeuta

A terapia pode ser vista como uma empresa dialógica entre o cliente e o terapeuta (Hermans & Hermans-Jansen, 2004). Ao longo do processo terapêutico a relação entre os dois intervenientes torna-se desejavelmente mais sólida, o diálogo construtivo mais constante, resultando num aumento da consciência e do conhecimento do outro. O terapeuta deixa de ser visto como apenas mais um interlocutor e passa a ser entendido como um parceiro de diálogo privilegiado. Esta proximidade permite, primeiramente, que o paciente comece a reconhecer a existência de múltiplas dimensões no outro e passe a vê-lo como uma fonte de novas ideias e compreensões. O desenvolvimento desta capacidade meta-representativa (através da qual o paciente atinge uma representação de potenciais representações do terapeuta) reforça, por sua vez, a capacidade do paciente para compreender e desenvolver as suas próprias perspectivas identitárias (Semerari, Carcione, Dimaggio, Nicolò e Procacci, 2004). Portanto, segundo a perspectiva dialógica a relação terapêutica envolve um cruzamento entre os sistemas identitários dos intervenientes, cada

um passando a estar representado no sistema do outro “numa multivocalidade partilhada”. A inclusão de uma posição *Eu segundo o meu Terapeuta* no sistema do paciente permite disponibilizar uma perspectiva diferente, que poderá funcionar como moderadora das dinâmicas internas e poderá potenciar o resgate e/ou a criação de posições e relações intrapessoais (Lysaker & Hermans, 2007). Representa uma oportunidade de enriquecer o sistema identitário dos pacientes com um modelo privilegiado que permitirá reconstruir as suas visões formatadas (Power, 2007). Neste sentido, o próprio terapeuta deve ter um repertório extenso que lhe permita responder de múltiplas formas alternativas não só às posições de diferentes pacientes, mas também às mudanças do repertório de um mesmo paciente durante o processo terapêutico. O enriquecimento do repertório do paciente é contingente ao conteúdo e extensão do repertório do terapeuta (Hermans, 2006). Assim, o terapeuta não é apenas parte da audiência, é um dos principais personagens deste teatro multivocal e a internalização da sua posição tem o poder acrescido de interferir como uma fonte interna e não como um *expert* externo (Dimaggio, Catania, Salvatore, Carcione & Nicolò, 2006; Hermans & Dimaggio, 2004).

4.2.2. A Consciência da Multivocalidade e a Acessibilidade ao Sistema Identitário

Dimaggio e Stiles (2007) levantam uma questão pertinente sobre a intervenção terapêutica na identidade dialógica: como é que um terapeuta consegue criar empatia e respeitar a totalidade de um paciente que pode falar através de diferentes vozes, muitas vezes opostas? O primeiro passo consiste na facilitação da percepção e reconhecimento, por parte do paciente, do carácter multivocal da sua identidade (Smith & Greenberg, 2007). Será importante convidá-lo a reflectir no seu comportamento a partir das múltiplas perspectivas do seu repertório (Hermans, 2006). Este movimento continuado irá permitir que as diferentes partes da identidade acedam à consciência e se expressem (Whelton & Greenberg, 2004). Portanto, em vez de sintetizar as afirmações do paciente numa história coerente, o terapeuta vai procurar identificar e articular aspectos da identidade que estão camuflados (ou escondidos) no fluxo confuso de material que é trazido para a sessão, criando as condições necessárias para que todas as vozes possam ser ouvidas. O início do trabalho terapêutico é então marcado por um acesso conjunto e recuperação das posições

escondidas, abandonadas, suprimidas, protegidas e frágeis do paciente, que eram sistematicamente mantidas no *background* do sistema identitário (Nicolò, Carcione, Semerari & Dimaggio, 2007; Dimaggio & Stiles, 2007; Lysaker & Hermans, 2007). Ao contrário dos processos tradicionais que defendiam a eliminação das posições incompatíveis ou conflituosas (“problemáticas”), a intervenção dialógica assume-se como uma via de entrada e integração de todas as perspectivas disponíveis. Esta diferença resulta num aumento da multiplicidade e na possibilidade de dar voz a uma maior diversidade de posições, que poderão vir a ter um papel importante na organização das dinâmicas internas do sistema identitário.

4.2.3. A Reformulação da Gestão das Dinâmicas entre Posições de Identidade

Depois do primeiro momento da intervenção, que permite colocar todas as dimensões identitárias relevantes em jogo, o passo seguinte centra-se na articulação das suas diferenças, ou seja, na forma como relacionam, aceitam e integram as suas diversas perspectivas. O objectivo desta fase consiste na introdução de mudanças nos padrões relacionais disfuncionais, resultantes da quebra de funcionamento das estratégias de gestão das dinâmicas internas. A promoção de encontros equilibrados entre as posições, que envolvam um nível adequado de ambivalência e em que cada uma possa ser mais ou menos prioritária, dependendo do contexto, vai permitir criar terreno para a negociação de relações assimétricas inflexíveis e para a construção conjunta de interações mais adaptativas (Hermans, 2001b; Georgaca, 2001; Dimaggio e Stiles, 2007). O paciente será orientado no sentido de estabelecer pontes de significado entre o seu repertório de posições, mesmo entre as dimensões mais discordantes ou conflituosas, que resultam da importante variedade afectiva presente na identidade dialógica (Hermans, 2004a). Deste modo, os diálogos terapêuticos irão permitir o restabelecimento, a renovação e a reorganização dos diálogos internos (Dimaggio, Salvatore, Azzara & Catania, 2003; Lysaker & Lysaker, 2001; Lysaker, Lysaker & Lysaker, 2001). Passamos então a descrever duas estratégias de redefinição das dinâmicas intrapessoais que têm reunido o consenso de um grande número de autores e terapeutas: a promoção de coligações entre posições e o desenvolvimento de uma meta-posição. Para reformular as relações em que, por exemplo, uma voz se torna

permanentemente dominante, será necessário activar coligações entre diferentes posições, uma vez que “a solo” não serão capazes de fazer frente à posição que assumiu o comando. A combinação das suas perspectivas poderá permitir constituir uma contra-força suficientemente forte para parar a influência generalizadora da dominante (Hermans, 2006). A possibilidade de integrar posições anteriormente negligenciadas em novas coligações, ou seja, de reutilizar posições, permite combinar a continuidade da identidade, com a descontinuidade inerente à necessidade de inovação permanente (Hermans & Hermans-Jansen, 2004). No entanto, habitualmente surgem dificuldades neste processo. Seria demasiado fácil que uma voz dominante pudesse ser prontamente substituída ou empurrada para “um papel secundário” de um momento para o outro. Ela vai reclamar o seu papel central e resistir à entrada de novas alternativas. Será travado um duelo entre uma coligação de posições ainda não estabelecida (que reúne perspectivas que poderão funcionar como soluções efectivas, mas que têm estado camufladas e mantidas inacessíveis) e uma posição antiga familiar firmemente enraizada (que apesar de impor uma dinâmica com características disfuncionais é, muitas vezes entendida, como uma forma mínima de adaptação, porque é o único recurso acessível ao paciente que ele utiliza para sobreviver) (Hermans, 2006). Para orientar este processo, o terapeuta terá de alternar na aliança que estabelece com as posições do paciente, de acordo com o contexto em que são mais adaptativas, tendo o cuidado de nunca ignorar ou renegar posições (Osatuke, Mosher, Goldsmith, Stiles, Shapiro, Hardy e Barkham, 2007). Os resultados de uma coligação bem sucedida são evidentes, sendo possível reverter uma estrutura monológica estabilizada em processos dialógicos eficientes e flexíveis (Hermans, 2006). Por outro lado, os clínicos de vários *backgrounds* têm prestado atenção crescente às competências metarepresentativas, consideradas como um factor essencial para a mudança. Na intervenção dialógica, vários autores falam sobre o desenvolvimento de uma meta-posição, ou Eu Observador, uma perspectiva a partir da qual a pessoa é capaz de enunciar as ligações entre várias posições significativas de uma forma auto-reflexiva (Cooper, 2003; Dimaggio, Salvatore, Azzara & Catania, 2003; Georgaca, 2001; Hermans, 2003, 2004a; Hermans & Hermans-Jansen, 2004; Leiman & Stiles, 2001; Semerari, Carcione, Dimaggio, Nicolò & Procacci, 2004). As características específicas desta posição são ilustrativas do seu papel preponderante na reorganização terapêutica da identidade. Através da sua capacidade para criar um

distanciamento relativamente às restantes posições consegue ter uma visão abrangente, que lhe permite perceber a importância de todo o repertório para o desenvolvimento do sistema, bem como considerar as oscilações entre posições como parte da sua história. Neste sentido, alcança uma condição privilegiada para emitir avaliações mais informadas e isentas face às dinâmicas internas e para criar e moderar um espaço dialógico de comunicação e interação (Hermans, 2004a). Portanto, através da voz desta meta-posição (visão global do sistema e da sua rede de relações) as diferentes histórias que emergem de uma identidade multivocal podem ser integradas num guião complexo, dinâmico e coerente (Hermans, 2006).

4.2.4. Métodos de Estudo e Intervenção na Identidade Dialógica

Os diferentes métodos que têm sido desenvolvidos para estudar os processos dialógicos parecem partir de perspectivas um pouco diferenciadas acerca da multivocalidade identitária. Os procedimentos de exploração e reformulação terapêutica do repertório de posições de identidade que iremos descrever incluem-se em duas linhas diferentes: o Modelo da Assimilação parece entender as vozes como uma espécie de representação interna e foca-se fundamentalmente nos diferentes aspectos da identidade que são ou não são narrados pelo paciente; o Repertório de Posições Pessoais (RPP) e a Tarefa de Articulação Dialógica (TAD) concebem as vozes como um processo semiótico e relacional, procurando aceder e compreender as complexas dinâmicas processuais que ocorrem no sistema de identidade (Salgado, 2004). Ambos os contributos são igualmente úteis e pertinentes para dar resposta a questões fundamentais da intervenção terapêutica.

4.2.4.1. O Modelo da Assimilação

O Modelo da Assimilação defende que as múltiplas partes da identidade, metaforicamente definidas como vozes, são traços de experiências anteriores da pessoa. As vozes dessas experiências são agentes activos da identidade que lutam para se expressar e agir quando solicitadas (Osatuke, Gray, Glick, Stiles & Barkham, 2004). Neste sentido, as experiências problemáticas são também vozes que integram o sistema de identidade. No

entanto, como estão associadas a sentimentos negativos, são vozes indesejadas e sempre que emergem recebem a oposição imediata de uma ou mais vozes que representa(m) o sistema dominante. São intencionalmente suprimidas e silenciadas, até ao ponto de serem excluídas da comunidade de posições que comanda o sistema e deixarem de aceder à consciência (Honos-Webb & Stiles, 1998; Stiles, Osatuke, Glick & Mackay, 2004). Portanto, o objectivo prioritário do processo terapêutico será resgatar a voz problemática e promover a sua aceitação e integração na comunidade. As vozes são identificadas e examinadas a partir de transcrições de sessões de psicoterapia, através de um método qualitativo de análise de texto designado Análise da Assimilação (Stiles, 2002; Stiles & Angus, 2001). Stiles e colaboradores identificaram uma sequência de estádios ou níveis da sequência de assimilação (Escala de Assimilação das Experiências Problemáticas), que representam as mudanças que vão ocorrendo na relação entre a voz problemática e a voz que se lhe opõe, ao longo do processo de construção de uma ponte de significado entre ambas. Os autores defendem a existência de 7 níveis de assimilação terapêutica: 0 – dissociada (a voz problemática não tem expressão, porque é silenciada ou dissociada e os pacientes não estão conscientes dessa voz); 1 – pensamentos indesejados/evitamento activo (a voz problemática começa a aceder à consciência através das intervenções do terapeuta, sendo imediatamente evitada ou suprimida pela representante da comunidade dominante); 2 – vaga consciência/emergência (a voz problemática emerge à consciência de forma sustentada e corrompe a prévia unidade ilusória da identidade, os pacientes estão conscientes desta voz, mas não a conseguem formular de forma clara); 3 – afirmação do problema/clarificação (os pacientes reconhecem explicitamente a voz problemática, distinguindo-a da dominante e as duas vozes alcançam um peso igual e conseguem dialogar); 4 – compreensão/*insight* (a voz problemática é formulada e compreendida e estabelece com a dominante um entendimento empático, uma ponte de significado); 5 – aplicação (o mútuo entendimento alcançado é utilizado para as vozes trabalharem em conjunto sobre as questões que se colocam à comunidade); 6 – recurso/resolução de problemas (a voz problemática torna-se um recurso para resolver problemas e todo o repertório de vozes passa a poder ser utilizado de forma flexível) e 7 – integração/mestria (os pacientes são capazes de gerar soluções automaticamente, as vozes são completamente

integradas na comunidade servindo de recurso para novas situações) (Honos-Webb & Stiles, 1998; Stiles *et al.*, 2004).

4.2.4.2. O Repertório de Posições Pessoais

O Repertório de Posições Pessoais (RPP), desenvolvido por Hermans (2001b), é um instrumento com grande relevância no contexto clínico dialógico, porque permite aceder e introduzir mudanças no conteúdo e na organização do sistema pessoal de significado. O autor salienta três princípios organizadores do seu método: 1) construção de um sistema de posições recheado de oposições, contrastes, conflitos e fragmentos narrativos; 2) potencialização da descentração da identidade e 3) estabelecimento de relações dialógicas entre as posições do eu. Este procedimento metodológico é desenvolvido ao longo das sessões terapêuticas, num trabalho colaborativo de co-construção entre terapeuta e paciente. No primeiro momento, que corresponde à definição do repertório de posições de identidade, os pacientes identificam, com o auxílio de listas já definidas, mas respeitando um espaço para a personalização, o seu conjunto pessoal de posições de identidade internas e externas. As posições internas são conceptualizadas como auto-reflexivas e auto-avaliativas e são investigadas como sendo situacionalmente específicas (por exemplo, *Eu como Compreensiva, Eu como Vulnerável, Eu como Mulher, Eu como Mãe*). As posições externas correspondem às vozes de outros significativos, que povoam de forma activa a identidade dos pacientes (por exemplo, *O meu Marido, A minha Irmã, O meu Amigo*). A partir deste sistema de posições é elaborada uma matriz de dupla entrada (posições internas x posições externas), na qual é cotado o grau de proeminência de cada posição interna para as posições externas. Esta oportunidade de aceder à audiência de cada posição identitária permite um primeiro estudo da relação entre vozes. No entanto, trata-se de uma avaliação quantitativa que não disponibiliza uma indicação clara das dimensões qualitativas das dinâmicas intrapessoais. Neste sentido, é solicitado aos pacientes que mantenham um diário das experiências quotidianas relevantes e das posições envolvidas (Hermans, 2001b). Esta estratégia pretende aumentar a percepção dos pacientes sobre o tipo de relações disfuncionais que podem ocorrer entre as posições identitárias: quando uma, ou mais posições, impõe(m) invariavelmente a sua visão; quando determinadas posições que seriam

importantes não se manifestam; quando o desacordo é tão irresolúvel que o nível de tensão se eleva demasiado. Estando conscientes da presença deste tipo de dinâmicas, os pacientes terão de perspectivar e testar formas de encontro mais adaptativas entre as posições do eu. As mudanças alcançadas devem ser transformadas em partes adquiridas e estabelecidas do repertório, tendo de ser praticadas até ao ponto em que se tornem novos hábitos (Hermans & Hermans-Jansen, 2004).

4.2.4.3. A Tarefa de Articulação Dialógica

Partindo do trabalho destes autores, e estando conscientes da necessidade de um investimento empírico e prático em metodologias inovadoras que captem os processos dialógicos que ocorrem na identidade, desenvolvemos um procedimento empírico de acesso ao repertório identitário (para mais detalhes ver em Rosa, Duarte & Gonçalves, 2008; Rosa & Gonçalves, 2008, 2009) (Anexos I e II). A Tarefa de Articulação Dialógica (TAD) é uma entrevista semi-estruturada que convida os participantes a reconhecerem a multivocalidade da sua identidade e a narrarem os diálogos que se estabelecem entre as diferentes vozes. Primeiramente, é pedido aos participantes que identifiquem as dimensões mais significativas da sua identidade, as quais geralmente correspondem a papéis sociais, características pessoais, actividades (por exemplo, *Eu Filha*, *Eu Conjugal*, *Eu Pessimista*, *Eu Desportista*). O repertório de posições de identidade que é definido reflecte apenas o conjunto de posições que, naquele momento “aqui e agora”, ocupa o “palco das operações” do sistema. As restantes posições permanecem em *background*, porque não foram activadas pelo contexto presente. Esta etapa do procedimento permite aceitar a existência de múltiplas perspectivas na identidade (que poderão ser facilmente recrutadas e actualizadas) e aceder a todo o conjunto de posições presentes, naquele momento, na história do participante. Em seguida, pedimos aos participantes para imaginarem os diferentes elementos da sua identidade como personagens de uma história ou filme, que subitamente ganham uma voz independente. São então convidados a fazer o exercício de se moverem entre estas posições e a narrarem os diálogos mais recorrentes entre elas. Na exploração destes diálogos, ou relações entre posições, o entrevistador procura clarificar algumas questões: a presença de diálogos e/ou monólogos; o acordo/desacordo entre perspectivas; a

assimetria/simetria entre posições e o nível de conflito envolvido. A aplicação deste procedimento num estudo empírico (ver Rosa & Gonçalves, 2008, 2009) permitiu identificar 6 padrões recorrentes nas dinâmicas intrapessoais do sistema identitário: A – Padrão de Alienação Monológica (uma única posição vive a ilusão de que é um habitante isolado da identidade, desenvolve um monólogo e não está disponível para se relacionar/ouvir as restantes, porque nega a sua existência); B – Padrão de Exclusividade Intencional (tal como no anterior, apenas é manifestada uma única visão, mas neste caso o monólogo resulta de uma decisão consciente em negligenciar ou evitar as restantes, por ser a opção mais adaptativa para o sistema naquele momento); C – Padrão de Autoritarismo (as posições de identidade entram em diálogo e o encontro das suas perspectivas é marcado pela activação de uma hierarquia rígida, na qual se verifica o domínio invariável de uma posição, independentemente do contexto); D – Padrão de Liderança (as posições dialogam e instala-se uma hierarquia flexível, que garante a sobreposição alternada de diferentes posições consoante os contextos em que se revelem mais adaptativas); E – Padrão de Multivocalidade Monocórdica (ao contrário dos dois padrões anteriores, que são marcados pela assimetria, o diálogo entre as posições caracteriza-se por uma troca simétrica entre perspectivas que, no entanto, são muito semelhantes e concordantes) e F – Padrão de Complementaridade Dialógica (é neste padrão que a natureza dialógica da comunicação atinge o seu expoente máximo, a possibilidade de um encontro simétrico e de uma total abertura ao diálogo entre as posições que compõem a identidade permitem a co-autoria de novos significados). Os resultados deste estudo empírico parecem indicar que os indivíduos recorrem a um conjunto semelhante de padrões de gestão da interacção entre posições de identidade composto por: dinâmicas invariavelmente disfuncionais (A e C – o total isolamento ou o domínio autoritário de uma posição não são, em nenhum contexto, formas relacionais que promovam o bem-estar do sistema); dinâmicas invariavelmente funcionais (D e F – a liderança da posição mais adequada a cada situação e a co-construção simétrica e livre são exemplos de relações que garantem a inovação e o crescimento do sistema) e dinâmicas cuja funcionalidade ou disfuncionalidade é dependente do contexto (B e E – a focalização exclusiva numa única posição e o mútuo acordo entre posições poderão ser adaptativos se acontecerem em situações pontuais, respectivamente, numa situação de crise que exija uma resposta imediata e unidireccional e em momentos que o sistema necessita de

estabilidade; mas, se prolongados, comprometerão a renovação e o desenvolvimento do sistema). Apesar de ter sido possível identificar esta tipologia, será importante destacar que a sequência em que os padrões surgem ou a predominância de um determinado padrão são elementos altamente personalizados e idiossincráticos. A possibilidade de identificar os perfis específicos de organização que subjazem a problemas psicopatológicos afigura-se-nos como uma importante linha de investigação futura.

Para finalizar, uma breve referência à forma de avaliação do progresso da intervenção terapêutica dialógica. Segundo Hermans e Hermans-Jansen (2004) estaremos perante uma boa história terapêutica, se as reformulações introduzidas desempenharem um papel de destaque na nova organização do sistema identitário. Podemos destacar um conjunto de ganhos terapêuticos relacionados com o desenvolvimento da capacidade de auto-narração dialógica: os pacientes reconhecem um maior número de perspectivas identitárias, ou pelo menos elas apareceram mais distintas umas das outras; todas vozes relevantes são trazidas para a conversação; as dinâmicas intrapessoais tornam-se mais flexíveis e adaptativas. No entanto, serão necessários estudos futuros com indivíduos diversos, em contextos diferenciados, para aprofundar o nosso conhecimento e compreensão sobre os marcadores da transformação narrativa e dialógica e sobre os benefícios pessoais e sociais que tal transformação comporta (Lysaker & Lysaker, 2004).

5. CONCLUSÃO

A perspectiva de que a capacidade de auto-organização da identidade dialógica é um elemento fundamental para o bem-estar psicológico, e de que a mesma pode ser reformulada através da intervenção terapêutica serviu de mote à revisão teórica apresentada. Os diferentes contributos reunidos reforçam a ideia de que a identidade se encontra em permanente construção, resultando de um processo contínuo de organização e reorganização das dinâmicas entre as diferentes posições do eu. Cada momento experiencial representa, simultaneamente, uma oportunidade de mudança e um risco de disfunção das estratégias subjacentes ao sistema de gestão interna da identidade. A

manutenção de um sentido integrado de continuidade e diversidade pessoal, bem como a sua permanente actualização, resultam da combinação entre um nível moderado de ambivalência nas dinâmicas intrapessoais e uma actividade flexível dos sistemas hierárquico e de prioridades que as regulam. No entanto, qualquer alteração no contexto pode comprometer este equilíbrio e os indivíduos são confrontados com a difícil tarefa de reaprender a organizar a multivocalidade. O processo terapêutico pode então ser visto como uma oportunidade de reconstrução de um espaço dialógico que permite tornar audíveis todas as vozes identitárias relevantes, restabelecer um canal de comunicação produtiva entre elas e reorganizar de forma adaptativa as suas dinâmicas. A intervenção dialógica possibilitará o estabelecimento de conexões relacionais que facilitam a introdução de novas tonalidades e matizes na compreensão e vivência da identidade dialógica.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbey, E. & Valsiner, J. (2004, December). Emergence of Meanings Through Ambivalence [58 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research* [Online Journal], 6(1), Art. 23. Data de acesso: 18/10/08, <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-05/05-1-23-e.htm>
- Angus, L. & McLeod, J. (2004). Self-multiplicity and narrative expression in psychotherapy. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 77-90). New York: Brunner-Routledge.
- Cooper, M. (2003). “I-I” and “I-ME”: Transposing Buber’s Interpersonal Attitudes to the Intrapersonal Plane. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 16(2), 131–153.
- Cooper, M. (2004). Encountering self-otherness: ‘I-I’ and ‘I-Me’ modes of self-relating. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 60-73). New York: Brunner-Routledge.
- Couto, M. (2005). *Pensatempos. Textos de Opinião*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Crossley, M. (2000). Narrative Psychology, Trauma and the Study of Self/Identity. *Theory & Psychology*. Vol. 10(4), 527-546.

- Dimaggio, G., Catania, D., Salvatore, G., Carcione, A. & Nicolò, G. (2006). Psychotherapy of paranoid personality disorder from the perspective of dialogical self theory. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 69-87.
- Dimaggio, G., Salvatore, G., Azzara, C. & Catania, D. (2003). Rewriting Self-Narratives: The Therapeutic Process. *Journal of Constructivist Psychology*, 16(2), 155-181.
- Dimaggio, G., Salvatore, G. & Catania, D. (2004). Strategies for the treatment of dialogical dysfunctions. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 190-204). New York: Brunner-Routledge.
- Dimaggio, G. & Stiles, W. (2007). Psychotherapy in Light of Internal Multiplicity. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63(2), 119-127.
- Fogel, A. (1993). *Developing Through Relationships: Origins of Communication, Self, and Culture*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Georgaca, E. (2001). Voices of the self in psychotherapy: A qualitative analysis. *British Journal of Medical Psychology*, Vol. 74(2), 223-236.
- Guilfoyle, M. (2006). Using power to question the dialogical self and its therapeutic application. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 89-104.
- Hermans, H. (1987). Self as an Organized System of Valuations: Toward a Dialogue With the Person. *Journal of Counseling Psychology*, Vol. 34(1), 10-19.
- Hermans, H. (1996). Voicing the Self: From Information Processing to Dialogical Interchange. *Psychological Bulletin*, Vol. 119(1), 31-50.
- Hermans, H. (2001a). The Dialogical Self: Toward a Theory of Personal and Cultural Positioning. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 243-281.
- Hermans, H. (2001b). The Construction of a Personal Position Repertoire: Method and Practice. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 323-365.
- Hermans, H. (2002). The Dialogical Self as a Society of Mind. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 147-160.
- Hermans, H. (2003). The Construction and Reconstruction of a Dialogical Self. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 16(2), 89-130.
- Hermans, H. (2004a). The dialogical self: between exchange and power. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 13-28). New York: Brunner-Routledge.

- Hermans, H. (2004b). Introduction: The Dialogical Self in a Global and Digital Age. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 297-320.
- Hermans, H. (2006). The Self as a Theatre of Voices: Disorganization and Reorganization of a Position Repertoire. *Journal of Constructivist Psychology*. Vol. 19(2), 147-169.
- Hermans, H. (2008). How to Perform Research on the Basis of Dialogical Self Theory? Introduction to the Special Issue. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 21(3), 185-199.
- Hermans, H. & Dimaggio, G. (2004). The dialogical self in psychotherapy: introduction. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 1-10). New York: Brunner-Routledge.
- Hermans, H. & Dimaggio, G. (2007). Self, Identity, and Globalization in Times of Uncertainty: A Dialogical Analysis. *Review of General Psychology*, Vol. 11(1), 31-61.
- Hermans, H. & Gonçalves, M. (1999). Self-Knowledge and Self-Complexity: A Dialogical View. *Constructivism in the human sciences*, Vol. 4(2), 178-197.
- Hermans, H. & Hermans-Jansen, E. (1995). *Self-Narratives: The Construction of Meaning in Psychotherapy*. New York, Guilford.
- Hermans, H. & Hermans-Jansen, E. (2004). The dialogical construction of coalitions in a personal position repertoire. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 124-137). New York: Brunner-Routledge.
- Hermans, H. & Kempen, H. (1993). *The Dialogical Self: Meaning as Movement*. San Diego: Academic Press.
- Hermans, H., Kempen, H. & van Loon, R. (1992). The Dialogical Self: Beyond Individualism and Rationalism. *American Psychologist*, Vol. 47(1), 23-33.
- Hermans, H. & Lyddon, W. (2006). Counselling as multivoiced and dialogical. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 1-4.
- Hermans, H., Rijks, T. & Kempen, H. (1993). Imaginal Dialogues in the Self: Theory & Method. *Journal of Personality*. Vol. 61(2), 207-236.
- Honos-Webb, L. & Stiles, W. (1998). Reformulation of assimilation analysis in terms of voices. *Psychotherapy*, Vol. 35(1), 23-33.

- Josephs, I. (2002). The Hopi in Me: The Construction of a Voice in the Dialogical Self from a Cultural Psychological Perspective. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 161-173.
- Leiman, M. & Stiles, W. (2001). Dialogical Sequence Analysis and the Zone of Proximal Development as Conceptual Enhancements to the Assimilation Model: The Case of Jan Revisited. *Psychotherapy Research*, 11(3), 311-330.
- Lysaker, P. (2006). Psychotherapy and Schizophrenia: An Analysis of Requirements of an Individual Psychotherapy for Persons with Profoundly Disorganized Selves. *Journal of Constructivist Psychology*. Vol. 19(2), 171-189.
- Lysaker, P. & Hermans, H. (2007). The Dialogical Self in Psychotherapy for Persons With Schizophrenia: A Case Study. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63(2), 129-139.
- Lysaker, P. & Lysaker, J. (2001). Psychosis and the disintegration of dialogical self-structure: Problems posed by schizophrenia for the maintenance of dialogue. *British Journal of Medical Psychology*, Vol. 74(1), 23-33.
- Lysaker, P. & Lysaker, J. (2002). Narrative Structure in Psychosis: Schizophrenia and Disruptions in the Dialogical Self. *Theory & Psychology*, Vol. 12,(2), 207-220.
- Lysaker, P. & Lysaker, J. (2004). Dialogical transformation in the psychotherapy of schizophrenia. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 205-219). New York: Brunner-Routledge.
- Lysaker, P. & Lysaker, J. (2006). A typology of narrative impoverishment in schizophrenia: Implications for understanding the processes of establishing and sustaining dialogue in individual psychotherapy. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 57-68.
- Lysaker, P., Lysaker, J. & Lysaker, J. (2001). Schizophrenia and the collapse of the dialogical self: Recovery, narrative and psychotherapy. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, Vol. 38(3), 252-261.
- Matos, M. & Gonçalves, M. (2002). Espaços identitários na vitimação conjugal: Da narrativa problemática à narrativa preferencial. *Psychologica*. Vol. 29, 53-70.

- Neimeyer, R. & Buchanan-Arvay, M. (2004). Performing the self: therapeutic enactment and the narrative integration of traumatic loss. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 173-189). New York: Brunner-Routledge.
- Neimeyer, R., Herrero, O. & Botelha, L. (2006). Chaos to Coherence: Psychotherapeutic Integration of Traumatic Loss. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 19(2), 127-145.
- Nicolò, G., Carcione, A., Semerari, A. & Dimaggio, G. (2007). Reaching the Covert, Fragile Side of Patients: The Case of Narcissistic Personality Disorder. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63(2), 141-152.
- Osatuke, K., Gray, M., Glick, M., Stiles, W. & Barkham, M. (2004). Hearing voices: methodological issues in measuring internal multiplicity. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 237-254). New York: Brunner-Routledge.
- Osatuke, K., Mosher, J., Goldsmith, J., Stiles, W., Shapiro, D., Hardy, G. & Barkham, M. (2007). Submissive Voices Dominate in Depression: Assimilation Analysis of a Helpful Session. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63(2), 153-164.
- Power, M. (2007). The Multistory Self: Why the self Is More Than the Sum of Its Autoparts. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63(2), 187-198.
- Rosa, C., Duarte, F., & Gonçalves, M. (2008). Self and dialogical articulation of multivocality: proposal of an analysis model. In S. Salvatore, J. Valsiner, S. Strout, & J. Clegg (Eds.), *YIS: Yearbook of Idiographic Science 2008-Volume 1* (pp. XXXX). Rome: Firera Publishing Group.
- Rosa, C. & Gonçalves, M. (2008). Dialogical Self and Close Relationships: Looking for Ambivalences. *Studia Psychologica*. ROK VI, 8, 87-106.
- Rosa, C. & Gonçalves, M. (2009, artigo submetido para publicação). Um Olhar Empírico sobre a Identidade Dialógica: Um Estudo sobre a Conjugalidade.
- Ryle, A. & Fawkes, L. (2007). Multiplicity of Selves and Others: Cognitive Analytic Therapy. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63(2), 165-174.

- Salgado, J. (2004, Agosto). *Methodology and the dialogical self: Different ways of killing a metaphor*. Comunicação apresentada na Third International Conference on the Dialogical Self. Varsóvia, Polónia.
- Salgado, J. & Gonçalves, M. M. (2007). The dialogical self: Social, personal and (un)conscious. In A. Rosa & J. Valsiner (Eds.), *The Cambridge handbook of socio-cultural psychology* (pp. 608-621). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Salvatore, G., Conti, L., Fiore, D., Carcione, A., Dimaggio, G. & Semerari, A. (2006). Disorganized Narratives: Problems in Treatment and Therapist Intervention Hierachy. *Journal of Constructivist Psychology*. Vol. 19(2), 191-207.
- Sarbin, T. (1993). The narrative as the root metaphor for contextualism. In S. Hayes, L. Hayes, H. Reese, & T. Sarbin (Eds.), *Varieties of scientific contextualism* (pp. 51-65). Reno, NV: Context Press.
- Semerari, A., Carcione, A., Dimaggio, G., Nicolò, G. & Procacci, M. (2004). A dialogical approach to patients with personality disorders. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 220-234). New York: Brunner-Routledge.
- Smith, K. & Greenberg, L. (2007). Internal Multiplicity in Emotion-Focused Psychotherapy. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63(2), 175-186.
- Stiles, W. (2002). Assimilation of problematic experiences. In J. Norcross (Ed.) *Psychotherapy Relationships that Work: Therapist Contributions and Responsiveness to Patients* (pp. 357-365). New York: Oxford University Press.
- Stiles, W. & Angus, L. (2001). Qualitative research on clients' assimilation of problematic experiences in psychotherapy. In J. Frommer & D. Rennie (Eds.) *Qualitative Psychotherapy Research: Methods and Methodology* (pp. 111-126). Lengerich, Germany: Past Science Publishers.
- Stiles, W., Osatuke, K., Glick, M. & Mackay, H. (2004). Encounters between internal voices generate emotion: an elaboration of the assimilation model. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 91-107). New York: Brunner-Routledge.
- Valsiner, J. (2002). Forms of Dialogical Relations and Semiotic Autoregulation within the Self. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 251-265.

- Valsiner, J. (2006). *Culture in minds and societies: Foundations of Cultural Psychology*. Worcester, New Delhi.
- Whelton, W. & Greenberg, L. (2004). From discord to dialogue: internal voices and the reorganization of the self in process-experiential therapy. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 108-123). New York: Brunner-Routledge.
- White, M. & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. New York: Norton.

CONCLUSÃO

“(...) o escritor é um ser que deve estar aberto a viajar por outras experiências, outras culturas, outras vidas. Deve estar disponível para se negar a si mesmo. Porque só assim ele viaja entre identidades. E é isso que um escritor é – um viajante de identidades, um contrabandista de almas. Não há escritor que não partilhe dessa condição: uma criatura de fronteira, alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade.”

(Mia Couto, 2005)

CONCLUSÃO

*“Se o passado nos chega deformado,
o presente desagua em nossas vidas de forma incompleta.
Alguns vivem isso como um drama.
E partem em corrida nervosa à procura daquilo a que chamam
a nossa identidade”.*
(Mia Couto, 2005)

A questão identitária tem ocupado, desde sempre, um lugar de destaque no campo literário, científico, ou mesmo no discurso do senso comum. Representa inquestionavelmente uma dimensão central em termos individuais, sociais e culturais e a clarificação do conceito afigura-se como fundamental para uma melhor compreensão da condição humana. Neste sentido, embora tendo já uma longa história de investimento teórico e empírico, continua a suscitar um conjunto interminável de publicações. No domínio da Psicologia, a identidade adquiriu o estatuto de tema recorrente, usufruindo de uma certa “monopolização” da teoria e da prática psicológica (Matos & Gonçalves, 2002). Apesar desta centralidade dominante, a sua conceptualização é tudo menos simples ou consensual. Aliás, o número e a diversidade de expressões e/ou metáforas existentes para a descrever revelam a sua intrigante complexidade (Hermans, 1996).

Os modelos tradicionais da identidade, dos quais foi herdeira até há bem pouco tempo, defendiam o seu carácter individualista, unitário, totalitário e racionalista. No entanto, as rápidas e profundas transformações económicas, sociais e culturais ocorridas nos últimos trinta anos exigiram novos posicionamentos. Os movimentos pós-modernos vieram reclamar uma mudança na forma de conceptualizar e pensar a identidade, capaz de integrar as características dinâmicas do mundo contemporâneo. Os indivíduos têm mais liberdade e mais opções, que representam, por um lado, um acréscimo de possibilidades e por outro, um risco de desorientação pela necessidade de resposta a exigências crescentes e de adaptação a uma pressão sem precedentes (Papp, 2002). Esta conjuntura vivencial torna indiscutível a assumpção de que a identidade é um fenómeno altamente complexo, multifacetado e dinâmico.

A perspectiva de que o sistema identitário é composto por um conjunto de posições que representam diferentes dimensões da vivência humana, ou seja, que possui um carácter múltiplo, tem sido desenvolvida por diversos autores e foi ganhando consistência nas duas últimas décadas. A teoria dialógica, no entanto, vem acrescentar uma dimensão processual e dinâmica ao conceito. Defende que a identidade não resulta de uma sobreposição de diferentes imagens pontuais, mas representa um processo contínuo de diálogo que os indivíduos mantêm consigo mesmos - multivocalidade identitária. Portanto, as diferentes posições do eu não existem de forma isolada ou independente, mas comentam, discutem e negociam entre si o sentido de cada experiência e circunstância de vida. A identidade, enquanto projecto que necessita de dar resposta a condições que se encontram em constante mudança e evolução, vai sendo reformulada, momento a momento, a partir do resultado final destas assembleias identitárias. Neste sistema multivocal podemos destacar duas características diferenciadas: a estrutura, que se refere ao número e variedade de posições do eu que constituem o repertório identitário e a organização, que se reporta às estratégias de gestão das dinâmicas intrapessoais (Hermans, 2000).

A visão dialógica da identidade tem funcionado como estímulo para uma proliferação de desenvolvimentos teóricos em diferentes domínios da psicologia e noutras áreas de conhecimento. No entanto, este movimento poderá correr o risco de resultar numa cacofonia desconcertante, onde conceitos diferentes são genericamente entendidos como o mesmo fenómeno (Salgado, 2004). Diversos autores têm reconhecido que a consolidação da teoria dialógica requer uma exploração empírica que permita estudar o carácter complexo e dinâmico da identidade (Cooper, 2003; Valsiner, 2002). Este foi o mote para as questões iniciais deste projecto de investigação. Os indivíduos são capazes de reflectir e falar sobre as diferentes posições que povoam a sua identidade, as relações que estabelecem entre si e as constantes mudanças que ocorrem neste sistema? Que tipo de gestão, ou padrões, é que os indivíduos utilizam para manter a flexibilidade e dinamismo do sistema identitário, e ao mesmo tempo, alcançar estabilidade e continuidade através de circunstâncias de vida que variam tão rápida e profundamente? Qual o impacto destas estratégias de gestão na funcionalidade psicológica?

Apesar do crescente investimento teórico nas perspectivas múltiplas da identidade, persistem lacunas significativas ao nível da existência de métodos inovadores. Neste sentido, procurámos desenvolver um procedimento de investigação que possibilitasse o acesso à identidade multivocal e a análise das suas dinâmicas internas. A Tarefa de Articulação Dialógica (TAD) permitiu “dar voz” às múltiplas componentes do sistema identitário e, simultaneamente, explorar os diálogos que estabelecem entre si. A metodologia de análise microgenética do processo de construção de significado possibilitou a análise das estratégias de gestão semiótica que subjazem ao modelo de organização das dinâmicas intrapessoais.

Como diz Gergen (1994, p. 202) “the more capable we are in constructing and reconstructing our self-narrative, the more broadly capable we are in effective relationships”. O estudo empírico pretendeu explorar a assumpção de que a capacidade de gestão de perspectivas diferenciadas é um importante ponto de intersecção entre o sistema de identidade e o estabelecimento de relações significativas. O foco na conjugalidade, e mais especificamente em casais que atravessavam três etapas distintas da relação conjugal, foi determinado por duas condicionantes: pela motivação de acompanhar o percurso de desenvolvimento de uma posição do eu que representa uma relação significativa central na sociedade, na cultura e na identidade do ser humano (*Eu Conjugal*) e pela percepção de que a actividade reflexiva, um dos principais motores de mudanças na identidade, é potenciada por estímulos experienciais específicos (tais como as tarefas inerentes aos diferentes momentos do ciclo de vida). É indiscutível que ao longo do percurso de vida os elementos do casal e a sua relação se alteram. Há mudanças evidentes e esperadas, como a quebra dos mitos sobre o casamento e o desenvolvimento de modelos próprios, a alteração do foco de prioridades do casal para a família ou a necessidade de conjugação com reajustamentos na profissão. No entanto, ocorrem outras alterações que poderão passar despercebidas. Os casais podem ganhar novas formas de interdependência e ser capazes de construir uma identidade partilhada coerente e unificada ou, pelo contrário, podem desenvolver uma identidade rigidamente separada. As tarefas desenvolvimentais associadas a cada etapa do ciclo conjugal vão assim modelando a relação e as identidades (Sillars & Zietlow, 1993).

Os resultados do estudo empírico permitiram reforçar algumas noções teóricas sobre a identidade dialógica e ampliar o nosso conhecimento sobre a sua estrutura e organização. Em relação ao repertório de posições de identidade foram identificadas cinco categorias de posicionamentos: 1) características pessoais; 2) relações interpessoais; 3) actividade profissional; 4) actividades lúdicas e 5) postura reflexiva. A representatividade de cada categoria (número de posições) foi variável ao longo dos três grupos da amostra. No entanto, a centralidade da categoria referente às posições relacionais (*Eu Filho/a*, *Eu Conjugal*, *Eu Pai/Mãe*) foi evidente em todos os participantes. Este conjunto de posições ocupa, invariavelmente, o palco activo do sistema de identidade, tratando-se claramente de “posições âncora” e a regulação das relações que estabelecem entre si parece representar o núcleo de gestão funcional de todo o sistema (Hermans, Kempen e van Loon, 1992). Neste contexto, a posição *Eu Conjugal* parece destacar-se pelo desempenho de um importante papel mediador que contribui para a funcionalidade do sistema: no primeiro grupo, esta posição impõe-se como prioritária, desafiando o poder instalado da posição *Eu Filho/a* e exigindo a sua reformulação; no segundo grupo, a posição *Conjugal* aceita e contribui para o domínio da recém-entrada *Eu Mãe/Pai*, nunca deixando, no entanto, que a sua perspectiva seja silenciada e no terceiro grupo, volta a exigir um maior investimento e a assumir um papel mais relevante, que comporta alterações profundas da sua natureza. A análise do processo de construção de significado desenvolvido pelos participantes para fundamentar os encontros entre as posições de identidade permitiu identificar seis formas recorrentes de interacção: A - Padrão de Alienação Monológica (existência isolada de uma posição); B - Padrão de Exclusividade Intencional (opção pela focalização numa posição); C - Padrão de Autoritarismo (domínio autoritário de uma posição); D - Padrão de Liderança (liderança da posição mais adequada a cada situação); E - Padrão de Multivocalidade Monocórdica (mútuo acordo entre posições) e F) Padrão de Complementaridade Dialógica (co-construção simétrica e livre) (Rosa & Gonçalves, 2008, 2009). Esta tipologia engloba: a) dinâmicas invariavelmente disfuncionais (A e C), que representam a estagnação do sistema, resultante da recusa da natureza dialógica da existência e da comunicação; b) dinâmicas invariavelmente funcionais (D e F), que se referem à multipotencialidade resultante da aceitação e celebração da diferença e c) dinâmicas cuja funcionalidade ou disfuncionalidade depende do contexto (B e E), podendo ser adaptativas se acontecerem em

situações pontuais; mas comprometendo a funcionalidade do sistema identitário se forem prolongadas. Estes dados parecem reforçar a visão defendida por outros autores de que um equilíbrio dinâmico entre relações que permitem a mudança e relações que garantem a estabilidade será condição necessária para um funcionamento adaptativo da identidade (Bhatia e Ram, 2001; Hermans, 2006a; Hermans, Kempen e van Loon, 1992; Roberts e Donahue, 1994; Valsiner, 2002a; Van Halen e Janssen, 2004).

Enquanto psicoterapeutas seria impensável não nos interrogarmos sobre as possíveis implicações da investigação desenvolvida para o campo prático. Os dois domínios são claramente interdependentes, no sentido da co-construção e evolução partilhada. Por um lado, a prática clínica levanta questões (e exige respostas) que fundamentam a investigação e por outro, os resultados da investigação constituem um contributo inegável para os avanços e aperfeiçoamentos da psicoterapia. Uma das linhas de análise do estudo empírico permitiu identificar três estratégias de organização das dinâmicas intrapessoais: o sistema hierárquico, relacionado com a gestão do poder entre as diferentes posições do eu; o sistema de prioridades, referente à variação na posição ou posições que ocupa(m) o lugar de destaque ou protagonismo do repertório e a ambivalência, elemento tensional sempre presente em qualquer relação que envolva confronto de perspectivas diferenciadas. A conjugação e o funcionamento adaptativo destas três estratégias parecem garantir a funcionalidade e o desenvolvimento da identidade.

Diversos autores têm salientado o impacto da gestão do sistema identitário no bem-estar psicológico. Segundo Hermans (2008) a diferença entre a identidade multivocal e o fenómeno dissociativo não reside no número de posições de identidade (estrutura), mas na sua capacidade de organização. Lysaker e Lysaker (2001) sugerem que as alterações subjectivas da identidade, presentes nas perturbações do espectro da esquizofrenia, podem representar o colapso da capacidade de diálogo dinâmico e flexível entre as posições de identidade. Power (2007) reforça a ideia de que a psicopatologia poderá residir na ausência de uma capacidade de organização eficaz. Portanto, ao longo do percurso de vida, uma determinada experiência pode quebrar o funcionamento coerente das estratégias de organização, silenciando a capacidade de narrar e fazer interagir as perspectivas diferenciadas da identidade. Neste sentido, o objectivo prioritário de uma intervenção terapêutica dialógica não consistirá na alteração de posições isoladas, mas na modificação

da natureza das trocas dialógicas entre posições (Hermans e Hermans-Jansen, 2004). Esta abordagem terapêutica investe no potencial de transformação das relações intrapessoais disfuncionais e na reaprendizagem de uma gestão adaptativa da identidade. No entanto, são precisos métodos e estratégias terapêuticas inovadores que permitam aceder, compreender e alterar as complexas dinâmicas processuais que ocorrem no sistema de identidade. Neste sentido, a aplicação no contexto terapêutico do procedimento de investigação desenvolvido neste projecto surge como uma importante linha de investigação futura. A TAD, enquanto arena privilegiada de estudo e introdução de alterações no sistema identitário, parece permitir um re-acesso ao sistema multivocal e uma re-autoria das formas de diálogo que se estabelecem entre as diferentes posições. No entanto, finalizamos com um apelo ao desenvolvimento de novos estudos que permitam dar consistência e validar esta metodologia como instrumento de investigação e de intervenção na identidade. Estamos confiantes de que a exploração empírica da identidade multivocal está apenas a dar os primeiros passos, porque “(...) rather than being a precise navigational instrument, the dialogical self theory may be better thought of as a flotilla of boats out on the sea, looking to discover new lands” (Lucius-Hoene, 2007, p.247).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbey, E. & Valsiner, J. (2004, December). Emergence of Meanings Through Ambivalence [58 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research* [Online Journal], 6(1), Art. 23. Available at: <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-05/05-1-23-e.htm>.
- Angus, L. & McLeod, J. (2004). Self-multiplicity and narrative expression in psychotherapy. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 77-90). New York: Brunner-Routledge.
- Aveling, E. & Gillespie, A. (2008). Negotiating multiplicity: Adaptive asymmetries within second-generation turk's "Society of Mind". *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 21(3), 200-222.
- Bakhtin, M. M. (1929/1984). *Problems of Dostoevsky's poetics*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Bakhtin, M. M. (1986). The problem of text in linguistics, philology and the human sciences: An experiment in philosophical analysis. In M. M. Bakhtin, *Speech genres, & other late essays* (pp. 103-113). Austin: University of Texas Press.
- Barresi, J. (2002). From "the thought is the thinker" to "the voice is the speaker." *Theory and Psychology*, 12(2), 237-250.
- Beebe, J. (2002). An archetypal model of the self in dialogue. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 267-280.
- Bénoit, J., Malarewicz, J., Beaujean, J., Colas, Y. & Kannas, S. (1988). *Dictionnaire Clinique des Thérapies Familiales Systémiques*. Paris: Éditions ESF.
- Bhatia, S. (2002). Acculturation, dialogical voices and the construction of the diasporic self. *Theory & Psychology*, Vol. 12(1), 55-77.
- Bhatia, S. & Ram, A. (2001). Locating the dialogical self in the age of transnational migrations, border crossings and diasporas. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 297-309.
- Bowen, M. (1984). *La Différenciation du soi, les triangles et les systèmes émotionnels familiaux*. Paris: Éditions ESF.

- Caillé, P. (1991). *Un et Un Font Trois. Le couple révélé à lui même*. Paris, ESF Éditeur.
- Carter, E. & McGoldrick, M. (1980). *The Family Life-Cycle: A framework for family therapy*. New York, Gardner Press.
- Chaudhary, N. & Sriram, S. (2001). Dialogues of the self. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 379-392.
- Cooper, M. (2003). “I-I” and “I-ME”: Transposing Buber’s Interpersonal Attitudes to the Intrapersonal Plane. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 16(2), 131–153.
- Cooper, M. (2004). Encountering self-otherness: “I-I” and “I-Me” modes of self-relating. In H.J.M. Hermans & G. Dimaggio (eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 60-73). New York: Brunner-Routledge.
- Cortini, M., Mininni, G. & Manuti, A. (2004). The diatextual construction of the self in short message systems. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 355-370.
- Couto, M. (2003). *Vozes anoitecidas. Contos*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Couto, M. (2005). *Pensatempos. Textos de Opinião*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Crossley, M. (2000). Narrative Psychology, Trauma and the Study of Self/Identity. *Theory & Psychology*. Vol. 10(4), 527-546.
- D’Alte, I., Petracchi, P., Ferreira, T., Cunha, C. & Salgado, J. (2007). Self dialógico: Um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. *Interacções*, 6, 8-31.
- Dimaggio, G., Catania, D., Salvatore, G., Carcione, A. & Nicolò, G. (2006). Psychotherapy of paranoid personality disorder from the perspective of dialogical self theory. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 69-87.
- Dimaggio, G., Salvatore, G., Azzara, C. & Catania, D. (2003). Rewriting self-narratives: The therapeutic process. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 155-181.
- Dimaggio, G., Salvatore, G. & Catania, D. (2004). Strategies for the treatment of dialogical dysfunctions. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 190-204). New York: Brunner-Routledge.
- Dimaggio, G. & Stiles, W. (2007). Psychotherapy in light of internal multiplicity. *Journal of Clinical Psychology: In Session*, Vol. 63(2), 119-127.

- Diriwächter, R., & Valsiner, J. (2006, January). Qualitative developmental research methods in their historical and epistemological contexts [53 paragraphs]. *Fórum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research* [On-line Journal], 7(1), Art. 8. Available at: <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-06/06-1-8-e.htm>.
- Diriwächter, R., Valsiner, J., & Sauck, C., (2005). Microgenesis in making sense of oneself: Constructive recycling of personality inventory items. *Forum Qualitative Social Research*, 6, (1), Article 11. Retrieved (19/05/2005) from <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs>.
- Duarte, F., Rosa, C. & Gonçalves, M. (2006). Self and dialogical articulation of multivocality: Proposal of an analysis model. *International Journal of Idiographic Science*, Article 2. Available at: <http://www.valsiner.com/articles/molenvals.htm>.
- Fogel, A. (1993). *Developing through relationships: Origins of communication, self, and culture*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Fung, H., Rice, C. & Carstensen, L. (2005). Reactive and proactive motivational changes across adulthood. In W. Greve, K. Rothermund & D. Wentura (Eds.), *The adaptive self. Personal continuity and intentional self-development* (pp. 171-183). Washington, USA: Hogrefe & Huber Publishers.
- Gameiro, J. (2007). *Entre marido e mulher...Terapia de casal*. Lisboa: Trilhos Editora.
- Georgaca, E. (2001). Voices of the self in psychotherapy: A qualitative analysis. *British Journal of Medical Psychology*, Vol. 74(2), 223-236.
- Gergen, K. (1994). *Realities and relationships: Soundings in social construction*. Cambridge and London: Harvard University Press.
- Gonçalves, M. (2003). *Psicoterapia, uma arte retórica: Contributos das terapias narrativas*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Gonçalves, M. & Guilfoyle, M. (2006). Dialogism and psychotherapy: therapists and client's beliefs supporting monologism. *Journal of Constructivist Psychology*, 19, 251-271.
- Gonçalves, M., & Salgado, J., (2001). Mapping the multiplicity of the self. *Culture and Psychology*, 7(3), 367-378.

- Gonçalves, O. (2000) *Viver narrativamente [Living narratively]*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Gonçalves, O., Korman, Y., & Angus, L. (2000). Constructing psychopathology from a cognitive narrative perspective. In J. D. Raskin, & R. A. Neyemer (Eds.), *Constructions of disorder* (pp. 265–284). Washington DC: APA Press.
- Guilfoyle, M. (2006). Using power to question the dialogical self and its therapeutic application. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 89-104.
- Hamido, G. & César, M. (2007). Editorial: Dialogismo(s) e construção de conhecimento. *Interacções*, 6, 1-7.
- Hermans, H. (1987). Self as an Organized System of Valuations: Toward a Dialogue With the Person. *Journal of Counseling Psychology*, Vol. 34(1), 10-19.
- Hermans, H. (1996). Voicing the Self: From Information Processing to Dialogical Interchange. *Psychological Bulletin*, Vol. 119(1), 31-50.
- Hermans, H. (2000). The position repertory of interviewer and narrator. *Narrative Inquiry*, Vol. 10(1), 191-194.
- Hermans, H. (2001a). The Dialogical Self: Toward a Theory of Personal and Cultural Positioning. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 243-281.
- Hermans, H. (2001b). The Construction of a Personal Position Repertoire: Method and Practice. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 323-365.
- Hermans, H. (2002). The Dialogical Self as a Society of Mind. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 147-160.
- Hermans, H. (2003a). Clinical Diagnosis as a Multiplicity of Self-Positions: Challenging social representations theory. *Culture & Psychology*, 9(4), 407-414.
- Hermans, H. (2003b). The Construction and Reconstruction of a Dialogical Self. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 16(2), 89-130.
- Hermans, H. (2004a). The dialogical self: between exchange and power. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 13-28). New York: Brunner-Routledge.
- Hermans, H. (2004b). Introduction: The Dialogical Self in a Global and Digital Age. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 297-320.

- Hermans, H. (2006a). Moving through three paradigms, yet remaining the same thinker. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 5-25.
- Hermans, H. (2006b). The Self as a Theatre of Voices: Disorganization and Reorganization of a Position Repertoire. *Journal of Constructivist Psychology*. Vol. 19(2), 147-169.
- Hermans, H. (2008). How to Perform Research on the Basis of Dialogical Self Theory? Introduction to the Special Issue. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 21(3), 185-199.
- Hermans, H. & Dimaggio, G. (2004). The dialogical self in psychotherapy: introduction. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 1-10). New York: Brunner-Routledge.
- Hermans, H. & Dimaggio, G. (2007). Self, Identity, and Globalization in Times of Uncertainty: A Dialogical Analysis. *Review of General Psychology*, Vol. 11(1), 31-61.
- Hermans, H. & Gonçalves, M. (1999). Self-Knowledge and Self-Complexity: A Dialogical View. *Constructivism in the human sciences*, Vol. 4(2), 178-197.
- Hermans, H. & Hermans-Jansen, E. (1995). *Self-Narratives: The Construction of Meaning in Psychotherapy*. New York, Guilford.
- Hermans, H. & Hermans-Jansen, E. (2004). The dialogical construction of coalitions in a personal position repertoire. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 124-137). New York: Brunner-Routledge.
- Hermans, H. & Kempen, H. (1993). *The Dialogical Self: Meaning as Movement*. San Diego: Academic Press.
- Hermans, H. & Kempen, H. (1998). Moving cultures: The perilous problems of cultural dichotomies in a globalizing society. *American Psychologist*, 53, 1111- 1120.
- Hermans, H., Kempen, H. & van Loon, R. (1992). The Dialogical Self: Beyond Individualism and Rationalism. *American Psychologist*, Vol. 47(1), 23-33.
- Hermans, H. & Lyddon, W. (2006). Counselling as multivoiced and dialogical. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 1-4.
- Hermans, H. & Oles, P. (1996). Value crisis: Affective organization of personal meanings. *Journal of Research in Personality*, Vol. 30(4), 457-482.

- Hermans, H., Rijks, T. & Kempen, H. (1993). Imaginal Dialogues in the Self: Theory & Method. *Journal of Personality*. Vol. 61(2), 207-236.
- Ho, D., Chan, S., Peng, S. & Ng, A. (2001). The dialogical self: Converging east-west constructions. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 393-408.
- Honos-Webb, L., & Stiles, W. B. (1998). Reformulation of assimilation analysis in terms of voices. *Psychotherapy*, 35(1), 23-33.
- Josephs, I. (1998). Constructiong one's self in the city of the silent: Dialogue, symbols and the role of 'as-if' in self-development. *Human Development*, Vol. 41(3), 180-195.
- Josephs, I. (2002). The Hopi in Me: The Construction of a Voice in the Dialogical Self from a Cultural Psychological Perspective. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 161-173.
- Josephs, I., & Valsiner, J., (1998). How does autodiologue work? Miracles of meaning maintenance and circumvention strategies. *Social Psychology Quarterly*, 61(1), 68 – 83.
- Josephs, I., Valsiner, J. & Surgan, S. (1999). The process of meaning construction. In J. Brandtstädter & R.M. Lerner (eds.), *Action and self-development: Theory and research through the life span* (pp. 257-282). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Leiman, M. (2002). Toward semiotic dialogism: The role of sign mediation in the dialogical self. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 221-235.
- Leiman, M. & Stiles, W. (2001). Dialogical Sequence Analysis and the Zone of Proximal Development as Conceptual Enhancements to the Assimilation Model: The Case of Jan Revisited. *Psychotherapy Research*, 11(3), 311-330.
- Ligorio, M. & Pugliese, A. (2004). Self-positioning in a text-based virtual environment. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 337-353.
- Linell, P. & Marková, I. (1993). Acts in discourse: From monological speech acts to dialogical inter-act. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 23, 173-195.
- Linville, P. W. (1987). Self-complexity as a cognitive buffer against stress related illness and depression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 663-676.

- Lucius-Hoene, G. (2007). On the Gains and Losses of Metaphors: A Commentary on Bamberg & Zielke's "From Dialogical Practices to Poliphonic Thought? Developmental Inquiry and Where to Look for It". *International Journal for Dialogical Science*, Vol. 2(1), 243-248.
- Lysaker, P. (2006). Psychotherapy and Schizophrenia: An Analysis of Requirements of an Individual Psychotherapy for Persons with Profoundly Disorganized Selves. *Journal of Constructivist Psychology*. Vol. 19(2), 171-189.
- Lysaker, P. & Hermans, H. (2007). The Dialogical Self in Psychotherapy for Persons With Schizophrenia: A Case Study. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63(2), 129-139.
- Lysaker, P. & Lysaker, J. (2001). Psychosis and the disintegration of dialogical self-structure: Problems posed by schizophrenia for the maintenance of dialogue. *British Journal of Medical Psychology*, Vol. 74(1), 23-33.
- Lysaker, P. & Lysaker, J. (2002). Narrative Structure in Psychosis: Schizophrenia and Disruptions in the Dialogical Self. *Theory & Psychology*, Vol. 12,(2), 207-220.
- Lysaker, P. & Lysaker, J. (2004). Dialogical transformation in the psychotherapy of schizophrenia. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 205-219). New York: Brunner-Routledge.
- Lysaker, P. & Lysaker, J. (2006). A typology of narrative impoverishment in schizophrenia: Implications for understanding the processes of establishing and sustaining dialogue in individual psychotherapy. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 57-68.
- Lysaker, P., Lysaker, J. & Lysaker, J. (2001). Schizophrenia and the collapse of the dialogical self: Recovery, narrative and psychotherapy. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, Vol. 38(3), 252-261.
- Matos, M. & Gonçalves, M. (2002). Espaços identitários na vitimação conjugal: Da narrativa problemática à narrativa preferencial. *Psychologica*. Vol. 29, 53-70.
- McGoldrick, M. & Carter, E. (1982). The family life cycle. In Walsh, F. (ed.), *Normal Family Processes* (pp. 167-195). New York: The Guildford Press.
- Minuchin, S. (1979). *Familles en Thérapie*. Paris, ed. by Jean Pierre Delarge (1991). *Calidoscopio Familiar, imágenes de violencia e curación*. Barcelona: Ed. Paidós.

- Molenaar, P. C. M., Valsiner, J. (2008). How Generalization Works through the Single Case: A Simple Idiographic Process Analysis of an Individual Psychotherapy. In S. Salvatore, J. Valsiner, S. Strout, & J. Clegg (Eds.), *YIS: Yearbook of Idiographic Science 2008-Volume 1* (pp. XXXX). Rome: Firera Publishing Group. First published 2005, in *International Journal of Idiographic Science* [On Line Journal], Article 1. Retrieved (September 20, 2008) from <http://www.valsiner.com/articles/molenvals.htm>.
- Neimeyer, R. & Buchanan-Arvay, M. (2004). Performing the self: therapeutic enactment and the narrative integration of traumatic loss. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 173-189). New York: Brunner-Routledge.
- Neimeyer, R., Herrero, O. & Botelha, L. (2006). Chaos to Coherence: Psychotherapeutic Integration of Traumatic Loss. *Journal of Constructivist Psychology*. Vol. 19(2), 127-145.
- Nichols, M. (1984). *Family therapy concepts and methods*. New York: Gardner Press.
- Nicolò, G., Carcione, A., Semerari, A. & Dimaggio, G. (2007). Reaching the Covert, Fragile Side of Patients: The Case of Narcissistic Personality Disorder. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63(2), 141-152.
- Nock, S. (1982). The life-cycle approach to family analysis. In B. Wolman et al. (eds.), *Handbook of Developmental Psychology*. New Jersey: Prentice-Hall Inc., 636-651.
- Osatuke, K., Gray, M., Glick, M., Stiles, W. & Barkham, M. (2004). Hearing voices: methodological issues in measuring internal multiplicity. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 237-254). New York: Brunner-Routledge.
- Osatuke, K., Mosher, J., Goldsmith, J., Stiles, W., Shapiro, D., Hardy, G. & Barkham, M. (2007). Submissive Voices Dominate in Depression: Assimilation Analysis of a Helpful Session. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63(2), 153-164.
- Papp, P. (Coord.) (2002). *Casais em perigo. Novas directrizes para terapeutas*. Porto Alegre, Artmed Editora Lda. Edição original, 2000.

- Power, M. (2007). The Multistory Self: Why the self Is More Than the Sum of Its Autoparts. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63(2), 187-198.
- Puchalska-Wasył, M., Chmielnicka-Kuter, E. & Oles, P. (2008). From internal interlocutors to psychological functions of dialogical activity. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 21(3), 239-269.
- Raggatt, P. (2002). The landscape of narrative and the dialogical self: Exploring identity with the personality web protocol. *Narrative Inquiry*, 12 (2), 291-318.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. P. (2000). *Por detrás do espelho. Da teoria à terapia com a família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Richardson, F., Rogers A. & McCarroll, J. (1998). Toward a dialogical self. *American Behavioral Scientist*, Vol. 41(4), 496-515.
- Roberts, B., & Donahue, E. (1994). One personality, multiple selves: Integrating personality and social roles. *Journal of Personality*. Vol. 62,(2), 199-218.
- Roland, A. (2001). Another voice and position: Psychoanalysis across civilizations. *Culture & Psychology*. Vol. 7(3), 311-321.
- Rosa, C., Duarte, F. & Gonçalves, M. (2008). Self and Dialogical Articulation of Multivocality: Proposal of an analysis. In S. Salvatore, J. Valsiner, S. Strout, & J. Clegg (Eds.), *YIS: Yearbook of Idiographic Science 2008-Volume 1* (pp. XXXX). Rome: Firera Publishing Group.
- Rosa, C. & Gonçalves, M. (2008). Dialogical Self and Close Relationships: Looking for Ambivalences. *Studia Psychologica*. ROK VI, 8, 87-106.
- Rosa, C. & Gonçalves, M. (2009, artigo submetido para publicação). Um Olhar Empírico sobre a Identidade Dialógica: Um Estudo sobre a Conjugalidade.
- Ryle, A. & Fawkes, L. (2007). Multiplicity of Selves and Others: Cognitive Analytic Therapy. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63,(2), 165-174.
- Salgado, J. (2004, Agosto). *Methodology and the dialogical self: Different ways of killing a metaphor*. Comunicação apresentada na Third International Conference on the Dialogical Self. Varsóvia, Polónia.

- Salgado, J. & Gonçalves, M. (2007). The dialogical self: Social, personal and (un)conscious. In Rosa, A. & Valsiner, J. (Eds.), *The Cambridge handbook of socio-cultural psychology*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Salvatore, G., Conti, L., Fiore, D., Carcione, A., Dimaggio, G. & Semerari, A. (2006). Disorganized Narratives: Problems in Treatment and Therapist Intervention Hierachy. *Journal of Constructivist Psychology*. Vol. 19(2), 191-207.
- Sarbin, T. R. (1986). The narrative as root metaphor for psychology. In T. R. Sarbin (Ed.), *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* (pp. 3-21). New York: Praeger.
- Sarbin, T. (1993). The narrative as the root metaphor for contextualism. In S. Hayes, L. Hayes, H. Reese, & T. Sarbin (Eds.), *Varieties of scientific contextualism* (pp. 51-65). Reno, NV: Context Press.
- Semerari, A., Carcione, A., Dimaggio, G., Nicolò, G. & Procacci, M. (2004). A dialogical approach to patients with personality disorders. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 220-234). New York: Brunner-Routledge.
- Shotter, J. (1999). Life inside dialogically structured mentalities: Bakhtin's and Volshinov's account of our mental activities as out in the world between us. In J. Rowan & M. Cooper (eds.), *The Plural Self: Multiplicity in Everyday Life* (pp. 71-92). London: Sage.
- Siegler, R. S., & Crowley, K. (1991). The microgenetic method: A direct means for studying cognitive development. *American Psychology*, 46, 606-620.
- Sillars, A. & Zietlow, P. (1993). Investigations of Marital Communication and Lifespan Development. In N. Coupland & J. Nussbaum (eds.). *Discourse and Lifespan Identity. Language and Language Behaviors, Volume 4*. Newbury Park, London and New Delhi: Sage Publications.
- Smith, K. & Greenberg, L. (2007). Internal Multiplicity in Emotion-Focused Psychotherapy. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 63(2), 175-186.
- Stiles, W. (2002). Assimilation of problematic experiences. In J. Norcross (Ed.) *Psychotherapy Relationships that Work: Therapist Contributions and Responsiveness to Patients* (pp. 357-365). New York: Oxford University Press.

- Stiles, W. & Angus, L. (2001). Qualitative research on clients' assimilation of problematic experiences in psychotherapy. In J. Frommer & D. Rennie (Eds.) *Qualitative Psychotherapy Research: Methods and Methodology* (pp. 111-126). Lengerich, Germany: Past Science Publishers.
- Stiles, W., Osatuke, K., Glick, M. & Mackay, H. (2004). Encounters between internal voices generate emotion: an elaboration of the assimilation model. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 91-107). New York: Brunner-Routledge.
- Tenenbaum, S. (2000). *Viver bem a vida de casal, afetividade psicologia comunicação*. Porto, Ambar.
- Valsiner, J., (1998). *The guided mind*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Valsiner, J., (1999). I create you to control me: A glimpse into basic processes of semiotic mediation. *Human Development*, 42, 26-30.
- Valsiner, J. (2001). Glory to the fools: Ambiguities in development through play within games. Review essay: Klaus-Peter Köpping (Ed.) (1997). *The games of gods and man: Essays in play and performance*. *Forum Qualitative Social Research*, 2, (1). Retrieved (12/04/2005) from <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs>.
- Valsiner, J. (2002a). Forms of Dialogical Relations and Semiotic Autoregulation within the Self. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 251-265.
- Valsiner, J., (2002b). Irreversibility of time and ontopotentiality of signs. *Estudios de Psicología*, 23(1), 49-59.
- Valsiner, J. (2002c). Talking and acting: Making change and doing development. Commentary on Corinne Squire's *White Trash Pride and the Exemplary Black Citizen: Counter-narratives of Gender, "Race" and The Trailer Park in Contemporary Daytime Television Talk-shows*. *Narrative Inquiry*, 12(1), 181-192.
- Valsiner, J. (2003). Culture and its transfer: Ways of creating general knowledge through the study of cultural particulars. In W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes, & D. N. Sattler (Eds.), *Online readings in psychology and culture* (Unit 2, Chapter 12). Center for Cross Cultural Research, Western Washington University, Bellingham,

Washington USA. Retrieved (18/07/2005) from
<http://www.ac.wvu.edu/~culture/index-cc.htm>.

- Valsiner, J., (2004a). *The promoter sign: Developmental transformation within the structure of dialogical self*. Comunicação apresentada no Simpósio Developmental aspects of the dialogical self, Gent, Bélgica.
- Valsiner, J. (2004b). Semiotic Autoregulation: Dynamic sign hierarchies constraining the Stream of Consciousness. Paper presented at the Seminar on Symbolic Forms. *Ecole Normale Supérieure*, February, 6, Paris.
- Valsiner, J. (2005). Scaffolding within the structure of Dialogical Self: Hierarchical dynamics of semiotic mediation. *New Ideas in Psychology*, 23, 197-206.
- Valsiner, J. (2006a). From double stars to dialogical self: Constructing new theoretical explanatory systems. Invited presentation at the Conference *Interaction et pensée: perspectives dialogiques*. October, 13, Lausanne.
- Valsiner, J. (2006b). *Culture in minds and societies: Foundations of Cultural Psychology*. Worcester, New Delhi.
- Valsiner, J. (2007). Constructing the internal infinity: Dialogic structure of the internalization/externalization process – A commentary on Susswein, Bibok, and Carpendale’s “Reconceptualizing Internalization”. *International Journal for Dialogical Science*, 2, (1), 207-222.
- Van Halen, C. & Janssen, J. (2004). The usage of space in dialogical self-construction: From Dante to Cyberspace. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 389-405.
- Verhofstadt-Denève, L. (2003). The psychodramatical “social atom method”: Dialogical self in dialectical action. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 16(2), 183-212.
- Watzlawick, P., Bavelas, J.B. & Jackson, D. (1967). *Pragmatics of human communication: A study of interactional patterns, pathologies, and paradoxes*. New York: Norton.
- Whelton, W. & Greenberg, L. (2004). From discord to dialogue: internal voices and the reorganization of the self in process-experiential therapy. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 108-123). New York: Brunner-Routledge.

- White, M. (2004). *Narrative practices and exotic lives: Resurrecting diversity in everyday life*. Adelaide: Dulwich Centre Publications.
- White, M. & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. New York: Norton.
- Wortham, S. (2001). *The narratives in action: A strategy for research and analysis*. New York: Teacher of College Press.

ANEXOS

ANEXO I
TAREFA DE ARTICULAÇÃO DIALÓGICA:
VERSÃO PRELIMINAR

**INSTRUÇÕES PARA A APLICAÇÃO DA TAREFA DE AUTO-COMPLEXIDADE ADAPTADA
(LINVILLE, 1987)**

Neste estudo estamos interessados na forma como se descreve a si próprio e ao seu mundo pessoal. Na sua frente tem uma folha de registo e 33 cartões. Cada cartão contém um adjectivo ou uma característica. A sua tarefa é formar grupos de características, sendo que cada grupo descreve um aspecto de si ou da sua vida. Pode agrupar as características a partir de qualquer critério significativo e lembre-se que deve estar a pensar em si enquanto o faz. Cada grupo de características deve representar um aspecto diferente de si. Pode constituir o número de grupos que quiser. Continue a formar grupos até sentir que identificou os grupos importantes da sua vida. Quando sentir que está com dificuldade em formar mais grupos é provavelmente uma boa altura para parar.

Cada grupo pode conter tantas características quantas quiser. Não tem que utilizar todas as características, mas só aquelas que achar que são descritivas de si. Além disso, cada característica pode ser incluída em mais do que um grupo, ou seja, pode usar a mesma característica as vezes que quiser. Por exemplo, pode achar que quer usar a característica "relaxado" em vários grupos. Se desejar utilizar uma característica em mais do que um grupo, pode usar um desses cartões brancos que estão em cima da mesa. Para tal, escreva simplesmente a característica e o número correspondente no cartão branco e continue a tarefa como se estivesse a usar um dos outros cartões.

A folha com as colunas é a sua folha de registo. Use-a para indicar que as características que vai agrupar. Cada coluna irá corresponder a um dos seus grupos. Repare no número correspondente a cada característica. Em cada coluna coloque as características que formam o grupo, indicando só o número da característica na coluna e não o seu nome. Gostaríamos ainda que desse uma designação a cada grupo, pois é essencial para a fase seguinte da tarefa.

As suas respostas são anónimas e confidenciais, portanto seja o mais honesto possível.

Enquanto estiver a realizar a tarefa não se esqueça de três aspectos:

1. Lembre-se que se está a descrever a si e não às pessoas em geral.
2. Não tem que utilizar todas as características e pode usar uma característica mais que uma vez, em diferentes grupos.
3. Tem todo o tempo que precisar para realizar a tarefa.

Tem alguma questão sobre esta tarefa?

Agora pode olhar para cada uma das características e diga se precisar de alguma clarificação sobre o significado das mesmas.

**INSTRUÇÕES PARA A APLICAÇÃO DA TAREFA DE ARTICULAÇÃO DIALÓGICA
(DUARTE, ROSA & GONÇALVES, 2006)**

Queríamos pedir-lhe que contasse uma breve história sobre cada um destes grupos (ou facetas), de forma a ilustrar as principais características de cada um.

Pretendíamos também que identificasse as pessoas mais significativas para si (interlocutores positivos e/ou negativos) e gostaríamos que contasse uma breve história que permitisse esclarecer a relevância que têm na sua vida.

Agora queríamos pedir-lhe que pensasse um pouco sobre o modo como estes grupos se relacionam entre si, e também cada grupo e as pessoas que identificou. No sentido de procurar explicar como é a interacção mais habitual entre eles.

Imagine que cada um destes grupos é uma personagem de uma história, de um filme (ou um fantoche) que, de repente, ganha voz. Se neste momento, pudéssemos ouvir as conversas entre eles, o que estariam a dizer uns aos outros. E o que diria cada pessoa ou interlocutor a cada grupo ou faceta.

NOTA: Se isso for uma ajuda pode pensar no tipo de diálogo mais recorrente que existe entre cada par de personagens, ou na última conversa que ocorreu.

Questões – guia para explorar os diferentes tipos de relação entre posições de identidade:

- Saber se as personagens, geralmente, concordam / discordam.

- Quando concordam:

- a) têm as duas, à partida, a mesma opinião;
- b) uma cede invariavelmente;
- c) são capazes de negociar e chegar a acordo (cedem alternadamente) ou criar uma outra alternativa.

- Quando discordam:

- a) mantêm cada uma a sua opinião;
- b) uma cede invariavelmente;
- c) são capazes de negociar e chegar a acordo (cedem alternadamente) ou criar uma outra alternativa.

- Quando se verifica o domínio de uma posição:

- a) a dominante é uma posição com mais poder – moral, social, hierárquico;
- b) a dominante é uma posição afectivamente mais significativa para o sujeito.

- Questionar, em todas as díades, sobre a existência de relações de tensão / conflito e sobre a resolução da conversa e o impacto afectivo dessa resolução (gestão conflitos).

ANEXO II
TAREFA DE ARTICULAÇÃO DIALÓGICA:
VERSÃO FINAL

TAREFA DE ARTICULAÇÃO DIALÓGICA
(ROSA & GONÇALVES, 2008, 2009)

ENTREVISTA INICIAL

1- Instruções para a Identificação das Posições de Identidade

Quando pensamos sobre nós próprios ou tentamos elaborar uma descrição sobre o modo como pensamos que somos, torna-se evidente que não existe uma definição única. No decorrer do nosso quotidiano assumimos facetas ou dimensões diferentes, e até mesmo contraditórias, dependendo de um complexo conjunto de contingências (contextuais, históricas, relacionais, entre outras).

A identidade pessoal de cada indivíduo é, por natureza, complexa e diversificada. Neste sentido, a imagem que construímos sobre nós próprios pode ser comparada a um puzzle, na medida em que é igualmente composta por diversas peças ou elementos, diferentes entre si, mas que, no seu conjunto, constituem a nossa identidade.

Neste estudo estamos interessados na forma como se descreve a si próprio, pelo que gostaríamos que reflectisse sobre as diferentes facetas ou dimensões que considera fazerem parte de si ou da pessoa que é.

A sua tarefa é identificar as facetas que considera mais descritivas de si próprio (tanto positivas como negativas). Pode definir o número de facetas que considerar necessário, de maneira a que no seu conjunto representem uma boa amostra da forma como se vê a si próprio. Cada faceta pode corresponder, por exemplo, a áreas da sua vida, interesses, actividades, características pessoais, peculiaridades, entre outros.

Gostaríamos ainda que atribuísse uma designação às facetas identificadas, a qual considere ser um bom sumário das principais características de cada uma. As designações podem incluir exemplos tão diversos como “*A Criança que há em Mim*”, “*O meu Desejo de Liberdade*”, “*O Eu Emocional*”, “*Os meus Sonhos*”, “*O Eu Profissional*”.

As suas respostas são anónimas e confidenciais, portanto seja o mais honesto possível.

Tem alguma questão sobre esta tarefa?

NOTA: O participante define as suas posições discursivas internas - **número máximo de 6**. O investigador só deve referir o número limite de posições se o participante o exceder (pedindo que seleccione as mais significativas).

2 - História de Vida de cada uma das Posições de Identidade

Queríamos ainda pedir-lhe que contasse uma **breve história** sobre cada uma destas **posições**, de forma a ilustrar as suas principais características (no presente), o seu percurso de vida (mudanças ao longo do tempo) e os principais objectivos de cada uma para a sua vida (futuro).

NOTA: O entrevistador anota as **PESSOAS SIGNIFICATIVAS** que surgem na história de cada posição.

3 - Diálogos entre as Posições de Identidade

Agora, gostaríamos que pensasse um pouco sobre **o modo como estas posições se relacionam**, no sentido de procurar explicar como é a interacção mais habitual entre elas. Imagine que cada uma destas posições é uma **personagem de uma história, de um filme** (ou um fantoche) que, de repente, ganha voz. Se neste momento, pudéssemos ouvir uma conversa entre elas, o que estariam a dizer uma à outra?

NOTA: Se isso for uma ajuda pode pensar no tipo de diálogo mais recorrente que existe entre cada par de posições, ou na última conversa que ocorreu.

Questões para explorar o tipo de relação entre posições de identidade

- Saber se as posições, geralmente, **concordam / discordam**.

- Quando **concordam**: a) têm as duas, à partida, a mesma opinião; b) uma cede invariavelmente; c) são capazes de negociar e chegar a acordo (cedem alternadamente) ou criar uma outra alternativa.

- Quando **discordam**: a) mantêm cada uma a sua opinião; b) uma cede invariavelmente; c) são capazes de negociar e chegar a acordo (cedem alternadamente) ou criar uma outra alternativa.

- Quando se verifica o **domínio** de uma posição: a) a dominante é uma posição com mais poder – moral, social, hierárquico; b) a dominante é uma posição afectivamente mais significativa para o sujeito.

- Investigar se existe entre algum dos pares de posições uma relação de **tensão / conflito** que, gerando ou não mal-estar, esteja a exigir uma atenção especial.

- Questionar, em relação a cada díade, sobre a **resolução da conversa**, e o **impacto afectivo dessa resolução** (gestão conflitos).

- Explorar se o **diálogo foi sempre o mesmo ao longo do tempo**, ou se foi sofrendo alterações.

- Perguntar como é que o participante imagina que **o diálogo irá evoluir (como irão dialogar no futuro)**.

ENTREVISTAS BREVES

1) Gostaríamos que reflectisse sobre a sua semana e que seleccionasse aquele que considera ter sido **o acontecimento mais significativo (com mais impacto, influência) para a sua relação de casal**. Pode seleccionar acontecimentos que tenham tido um **impacto positivo ou negativo** na relação, a escolha é sua. Embora com a exigência de ter tido impacto na relação de casal, o acontecimento pode ser de uma qualquer área da sua vida.

2) Gostaríamos também que referisse:

a) Qual o **contributo** (caso exista) de cada uma das posições na **emergência do acontecimento** identificado? Alguma das posições internas foi responsável pelo acontecimento, directa ou indirectamente?

b) Qual o **contributo** (caso exista) de cada uma das posições na **resolução do acontecimento** identificado? Algumas das posições internas permitiu alterar o rumo do acontecimento, teve influência no desenrolar do acontecimento?

3) Uma vez definido o **acontecimento**, pedimos-lhe que pense um pouco sobre **o modo como as posições que definiu na entrevista inicial falariam entre si sobre o mesmo**. Mais uma vez, o que lhe pedimos é que descreva **o diálogo que decorreu ou poderia decorrer entre cada par de posições**:

- O que dizem uma à outra;
- Estão de acordo ou discordam;
- Alguma fala mais alto. Porque é que fala mais alto;
- Qual o impacto afectivo da resolução do desacordo;
- Negoceiam e chegam a um consenso;
- Existe um diálogo de tensão ou conflito.

ENTREVISTA FINAL

1 – Redefinição do Repertório de Posições de Identidade

Há um mês e meio atrás, foi-lhe pedido que definisse as suas principais posições internas / facetas e tem vindo a pensar sobre elas, durante este tempo, uma vez por semana.

O que lhe queríamos perguntar agora, e pode até entretanto reler as instruções, é se hoje, uma vez que reflectiu sobre si durante este tempo, mantém exactamente as mesmas posições, gostaria de alterar alguma designação, gostaria de agrupar algumas posições, de eliminar ou acrescentar.

No fundo, o que lhe queremos perguntar é, se após este período, considera que estas continuam a ser as facetas mais descritivas da sua vida neste momento ou se gostaria de as reformular.

2 - História de Vida das novas Posições de Identidade

Queríamos ainda pedir-lhe que contasse uma **breve história** sobre cada uma destas novas **posições**, de forma a ilustrar as suas principais características (no presente), o seu percurso de vida (mudanças ao longo do tempo) e os principais objectivos de cada uma para a sua vida (futuro).

3 - Diálogos entre as Posições de Identidade

À semelhança do que temos vindo a fazer, gostaríamos que pensasse um pouco sobre **o modo como estas posições se relacionam**, no sentido de procurar explicar como é a interacção mais habitual entre elas. Uma vez mais, vai fazê-lo pensando no tipo de diálogo mais recorrente que se estabelece entre cada par de posições. No entanto, nesta descrição final, queríamos que tivesse em conta a reflexão realizada ao longo deste mês (os diferentes diálogos/interacções identificados) e que procurasse fazer uma espécie de balanço.

Questão final na exploração do tipo de relação entre posições de identidade

- Como é que o participante imagina que **o diálogo irá evoluir (como irão dialogar no futuro)**, pensando em dois aspectos:

1) Por um lado, se existe **motivação do participante para alterar o diálogo presente e em que sentido.**

2) Por outro lado, se imagina que **algum acontecimento exterior possa desencadear mudanças no diálogo e em que sentido.**